



UFRJ

O JORNAL COMO AGENTE POLÍTICO E COMUNITÁRIO:
GUERRA E PAZ NAS PÁGINAS DO *NACHRICHTEN*

Eduardo de Oliveira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Aluizio Alves Filho

Rio de Janeiro
Junho de 2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

O JORNAL COMO AGENTE POLÍTICO E COMUNITÁRIO:
GUERRA E PAZ NAS PÁGINAS DO *NACHRICHTEN*

Eduardo de Oliveira

Orientador: Aluizio Alves Filho

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Aluizio Alves Filho

Profa. Maria Lúcia Maciel

Prof. Hugo Santos

Rio de Janeiro
Junho de 2005

Oliveira, Eduardo de.

O jornal como agente político e comunitário: guerra e paz nas páginas do *nachrichten*. Eduardo de Oliveira. Rio de Janeiro: UFRJ / IFCS, 2005.

xi, 130f.

Orientador: Aluizio Alves Filho

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ IFCS / Programa de Pós-graduação em Ciência Política, 2005

Referências Bibliográficas: f. 111-114.

1. Jornalismo. 2. Mídia e política. 3. Rede Globo. 4. Tráfico. 5. Estado paralelo. I. Alves Filho, Aluizio. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. III. O jornal como agente político e comunitário: guerra e paz nas páginas do *nachrichten*.

RESUMO

O JORNAL COMO AGENTE POLÍTICO E COMUNITÁRIO: GUERRA E PAZ NAS PÁGINAS DO *NACHRICHTEN*

Eduardo de Oliveira

Orientador: Aluísio Alves Filho

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

O objetivo deste trabalho é analisar a cobertura do assassinato do jornalista Tim Lopes e subsequente busca e prisão de seus assassinos como um caso exemplar de espetacularização da criminalidade violenta na mídia. A morte do jornalista da Rede Globo de Televisão pelas mãos de traficantes marcou a intensificação da veiculação de imagens de desmando e desordem no Rio de Janeiro, e a cobertura da criminalidade violenta no período foi marcada pela intensa utilização de termos apropriados do universo jurídico e político, dentre os quais se destacaram Estado Paralelo e Poder Paralelo. Partindo do pressuposto que os fenômenos ligados à violência de uma forma geral e, especificamente à criminalidade urbana violenta representam um elemento fundamental e de crucial importância para as empresas de comunicação, tentou-se apontar algumas das razões para esta centralidade e algumas implicações políticas.

Palavras-chave: jornalismo, mídia e política, rede globo, tráfico, estado paralelo.

Rio de Janeiro
Junho de 2005

ABSTRACTO JORNAL COMO AGENTE POLÍTICO E COMUNITÁRIO:
GUERRA E PAZ NAS PÁGINAS DO *NACHRICHTEN*

Eduardo de Oliveira

Orientador: Aluizio Alves Filho

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

The present paper aims to analyze the newspaper as a subject of collective identity construction; its representation as a symbolic space of the group identity discussion; and its political role to create an awareness of this identity. To do so, we have analyzed the content of a newspaper entitled Nachrichten, which have been printed between 1900-1917, in Petropolis, a town located at Rio de Janeiro state. It was a German language newspaper, directed to a German descendants who lived in this town. The present research allowed us to conclude, among another aspects, that: according to its specificities, a media vehicle can have a outstanding role in the discussion and construction of a collective identity; while establishing itself as a symbolic space of this construction, it reflect the group behavior facing the society as a whole; and politically speaking, its reflect also the power relation which are subjected the group and its identity.

Rio de Janeiro
Dezembro de 2004

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Alexandre Medina.

À Sra. Ruth Hannah Amberger.

Ao Sr. Arnaldo Heinen.

*Ao meu pai,
aos meus filhos.*

SUMÁRIO

Introdução	I
Capítulo 1. A cidade de Pedro	1
Origens	
Capítulo 2. Os alemães	16
Aspectos históricos e culturais de um processo de não-assimilação	
A imigração alemã em Petrópolis	
Capítulo 3. O jornal	29
Imprensa	
O <i>Nachrichten</i>	
Guerra e paz nas páginas do <i>Nachrichten</i>	
O fim do <i>Nachrichten</i>	
Capítulo 4. À guisa de interpretação: a questão da propaganda política, da comunidade e da identidade teuto-brasileira no <i>Nachrichten</i>	91
Papéis de um jornal	
Identidade	
Um antigo exemplo de “crise de identidade na comunidade”	
Conclusão	107
Referências bibliográficas	111
Anexos	115

Introdução

A palavra alemã *Nachrichten* quer dizer “notícias” ou “noticiário”. É fácil perceber o significado desta palavra. Mas não se pode dizer o mesmo do jornal *Nachrichten*, objeto de estudo da presente dissertação. Redigido e publicado em alemão, entre os anos de 1900 e 1917, e impresso na cidade de Petrópolis (RJ), o *Nachrichten* foi, a seu tempo, o principal veículo de comunicação da comunidade germânica na Região Serrana Fluminense, quiçá no Estado do Rio. Autodenominado “órgão para os interesses teuto-brasileiros”, o *Nachrichten* voltava-se para o universo de leitores constituído por alemães radicados no país e, mais diretamente, para os descendentes dos colonos alemães que ajudaram a erguer a cidade de Petrópolis no século XIX. No período a que esta pesquisa se limitou (1900-1917), exerceu um significativo papel político.

Apesar de ser único em seu gênero, o *Nachrichten* guardava ainda outras peculiaridades que o tornavam um veículo singular. Ele estava longe de ser apenas uma “versão” do noticiário brasileiro em língua alemã, como talvez se possa supor. Ao contrário, sua linha editorial afastava-se tanto quanto possível daquela que norteava os jornais nacionais. O objetivo principal do *Nachrichten* não era o noticiário sobre o Brasil, nem os brasileiros. Seu alvo eram os leitores alemães e teuto-brasileiros. Seu principal tema, a Alemanha. Era um jornal fortemente voltado para a sua própria comunidade. O fato de ser redigido em alemão, aliás, já impunha uma barreira bastante clara e praticamente intransponível para os leitores brasileiros. E assim, voltado para sua comunidade, não tinha portanto a pretensão de crescer ou de se estabelecer como um jornal de grande porte. Ao mesmo tempo, “abria-se” para o mundo, trazendo notícias supostamente interessantes ao público de fala alemã. Eram informações que os jornais brasileiros não raro ignoravam. Ser único em seu gênero, tudo leva a crer, parece ter sido suficiente para seus objetivos. O *Nachrichten* e seus

leitores, por assim dizer, “bastavam-se em si mesmos”. A pesquisa foi realizada na Biblioteca Municipal de Petrópolis e na Biblioteca do Museu Imperial, as únicas instituições que possuem e disponibilizam exemplares do jornal para consulta.

Vários trabalhos expressivos já foram e vêm sendo realizados com o propósito de pesquisar jornais locais e voltados a um público específico. Mas o caso do *Nachrichten* é diferente. Ele não é um jornal de bairro. Não é um jornal “comunitário” ou exemplo de “segmentação de mercado”, como hoje entendemos estes termos. Também não é um jornal “alternativo”. Nem partidário, no sentido eleitoral da palavra. Não é apenas o “porta-voz” de uma comunidade. É, antes, uma espécie de “arena”, onde esta comunidade se manifesta, não para a sociedade como um todo – mas para si mesma, numa constante auto-avaliação.

Este conjunto de singularidades, porém, não se constitui no principal motivo da presente pesquisa. O *Nachrichten*, mais do que o inusitado, pode guardar um exemplo importante de outros papéis possíveis para um jornal. São papéis que passam ao largo de circunstanciais questões mercadológicas (que às vezes parecem ser as mais importantes para os atuais veículos de comunicação).

A presente pesquisa tem como metas os questionamentos acerca de papéis pouco explorados, mas possíveis, de um veículo de comunicação social no que tange a sua identificação com o público. Neste sentido, situa-se no âmbito de um conjunto de perguntas procedentes: o que é este jornal? O que ou quem representa? Ou que identidade ele quer construir e representar? Qual o papel político deste veículo e como se manifesta este papel em diferentes circunstâncias?

Para “narrar” esta história e tentar responder a tais questionamentos, a presente pesquisa divide-se em quatro capítulos.

No Capítulo I, descreve-se Petrópolis, a “Cidade de Pedro”, como o cenário onde o *Nachrichten* surgiu. Petrópolis é caracterizada por especificidades marcantes, entre as quais:

- a) É uma cidade erguida sob padrões diametralmente opostos àqueles que nortearam o nascimento da grande maioria das cidades brasileiras. Petrópolis surgiu de uma ocupação “sonhada”, determinada, planejada e executada com esmero, sempre sob a proteção do poder central do país;
- b) A este planejamento (quase inexistente na história das ocupações urbanas do Brasil) acrescenta-se ainda um vínculo específico com o poder central do país que historicamente talvez só encontre paralelo com Brasília;
- c) Somou-se ainda a estes fatores a presença dos primeiros moradores de Petrópolis: era um considerável contingente de imigrantes estrangeiros, a grande maioria alemã. Eles ajudaram a transformar Petrópolis naquilo que cronistas definiram como “um pedaço da Europa dentro do Brasil”.

No Capítulo II, os alemães são os atores sociais considerados. Neste capítulo não há a pretensão de apenas resenhar os resultados de trabalhos já desenvolvidos sobre a colonização alemã no Brasil. Mesmo porque, quase todas as pesquisas realizadas tratam de tais comunidades na região Sul. Embora sejam trabalhos complexos, sendo maior parte de notável qualidade, possuem forte discrepância com o que historicamente é possível observar na colonização de Petrópolis. O Capítulo II foi elaborado, portanto, tendo em vista mais as especificidades da colonização alemã em Petrópolis do que da inserção desta comunidade no Brasil. A questão principal refere-se à identidade cultural dos colonos e sobretudo de seus descendentes radicados na “cidade de Pedro” – num cenário bastante diferente do Sul.

No Capítulo III, é o *Nachrichten* que está em questão. O propósito é juntar elementos que possibilitem a formação de um quadro consistente, permitindo a

compreensão do espaço em que se desenvolveu a imprensa e no qual surgiu o *Nachrichten*. Este capítulo também tem por propósito reconstituir, na leitura do jornal, o que ele era e representava para seus leitores. Tentará, através de matérias colhidas em suas páginas, exemplificar os diferentes papéis desenvolvidos pelo jornal, em três fases distintas:

- a) O período que vai da fundação do *Nachrichten* (1900) ao início da guerra na Europa (1914);
- b) O período que vai do início da guerra até o rompimento diplomático Brasil-Alemanha (agosto de 1914 a maio de 1917);
- c) E o período que vai deste rompimento até a declaração de guerra do Brasil à Alemanha (maio a outubro de 1917).

Da mesma forma, neste capítulo pretende-se reconstituir, tão minuciosamente quanto possível, a história do *Nachrichten* e o incidente que determinou seu fim.

No Capítulo IV, com base nas informações dos capítulos anteriores, constitui-se um quadro teórico onde se pretende trazer os fatos relatados à análise, sob o ponto de vista da Ciência Política, da Sociologia e da Comunicação Social. Trata-se, nesta parte, da tentativa de avaliar com profundidade os papéis sociais (sobretudo políticos) desenvolvidos pelo jornal junto a seus leitores – uma avaliação que passa, necessariamente, pela compreensão da *identidade* destes “atores” e os contextos em que viviam. Seguem-se algumas conclusões.

Capítulo 1

A cidade de Pedro

Origens

Desde a Antigüidade, tem sido costume de inúmeros governantes eleger um local para passar os meses de verão fora do centro administrativo do Estado. Este hábito, tornado tradição através dos séculos, manteve-se em praticamente todas as monarquias, européias ou não. De Sintra às *dachas* na Criméia, passando por Versailles, Potsdam, Lago di Garda, ou mesmo pela japonesa Karuizawa, famílias reais (e, em consequência, representantes das camadas mais “privilegiadas” da sociedade) adotaram o costume de periodicamente afastar-se do centro de poder em busca de locais de indiscutível beleza natural e clima mais agradável.

Na primeira monarquia americana esta tradição também não foi esquecida. Dom Pedro I, que se esforçou por estabelecer costumes das cortes européias no Brasil (adotando, por exemplo, um rigoroso cerimonial palaciano ou distribuindo títulos de nobreza, tal como era prática na Europa) também projetou um local para onde o poder pudesse ser transferido durante o verão, idealizando até mesmo o nome do que viria a ser a sua nova residência – o Palácio da Concórdia. Tal como nos vários modelos do Velho Mundo, não poderia ser erguido em um local muito distante da capital ou insalubre. A região serrana fluminense foi escolhida – mais especialmente por causa da Fazenda do Padre Corrêa (hoje Corrêas, no segundo distrito de Petrópolis), que o primeiro imperador conheceu antes mesmo da independência, durante uma viagem a Minas. Os “bons ares” da região fizeram que ele visitasse o local freqüentemente, até 1829, ano em que tentou adquirir a propriedade. Frente à resistência dos donos, foi aconselhado a comprar uma fazenda vizinha – a Fazenda do Córrego Seco (cuja área corresponde aproximadamente ao atual primeiro distrito de Petrópolis). Dom Pedro I, com efeito, adquiriu a propriedade e chegou mesmo a encomendar projetos

arquitetônicos para a edificação daquele que seria o “Palácio da Concórdia” – planos que, em virtude da abdicação, em 1831, nunca saíram do papel. Por herança, Córrego Seco passou em 1838 a pertencer a dom Pedro II – herdeiro também da idéia de se erguer o palácio de veraneio.

Mas enquanto na Europa muitas cortes de verão surgiram a partir de pequenas vilas, não foi esta a solução brasileira: a região escolhida não tinha qualquer tipo de núcleo urbano, sendo ocupada apenas por fazendas. Na do Córrego Seco, a principal edificação resumia-se à casa-sede. Ou seja: o palácio do imperador, a colônia e, posteriormente, a cidade, com suas belas e sofisticadas edificações, surgiram praticamente do nada. No início do segundo reinado, no local escolhido para a construção do palácio imperial – e onde hoje se espraia o chamado centro histórico de Petrópolis – não havia mais que pequenas plantações e floresta. Foi proposta do então presidente da província, Aureliano Coutinho, que se estabelecesse, em paralelo à construção do palácio, uma colônia nas imediações da nova residência de dom Pedro – a Imperial Colônia de Petrópolis, criada por lei provincial em 16 de março de 1843, considerada a data oficial de fundação da cidade.

A idéia do nome da colônia foi de Paulo Barbosa, então mordomo da casa imperial. Ele teria, segundo historiadores petropolitanos, se inspirado em São Petesburgo, antiga capital russa, assim chamada em homenagem ao czar Pedro I, o Grande. A proposta brasileira iria ter seu desdobramento quando da escolha do nome da vizinha cidade de Teresópolis, uma homenagem à imperatriz Teresa Cristina.

Criada a partir da idéia de um imperador e das deliberações de outro, Petrópolis mantém ainda hoje fortes laços com a tradição monarquista. Descendentes de dom Pedro ainda vivem no Centro histórico, no Palácio Grão-Pará. A residência dos descendentes do imperador fica perto do Museu Imperial, o antigo palácio do monarca, que hoje guarda o mais completo acervo sobre o império. Na Catedral São Pedro de Alcântara estão os restos mortais do imperador, da imperatriz, da princesa Isabel e do

conde D'Eu. Nos monumentos, na preservação de prédios históricos e até nome dos logradouros mais importantes também se reflete esta tradição.

Observações sobre o caráter do planejamento da cidade podem ser importantes na medida em que caracterizam Petrópolis como tendo uma origem bastante distinta da grande maioria dos centros urbanos no Brasil. O projeto ficou a cargo do major de engenheiros Júlio Frederico Koeler. Alemão, ingressado no exército brasileiro em 1839, tornou-se arrendatário da Fazenda do Córrego Seco em 1842.

Koeler elaborou a planta da colônia, estabelecendo onde ficariam as ruas e as praças, dividindo os lotes para arrendamento e definindo as regras de ocupação – no chamado “Plano Koeler”.¹ Basicamente, o plano consistia-se em uma normatização desta ocupação. Por exemplo: vedava a construção em encostas, junto às margens dos rios, definia a localização e divisão dos prazos de terra, etc. Em termos simples, previa o estabelecimento de um centro comercial cercado por bairros residenciais, onde os colonos (notadamente os alemães, que chegariam em 1845) deveriam se radicar, desenvolvendo agricultura ou atividades artesanais.

Petrópolis cresceu rapidamente. Em apenas 14 anos, passou de colônia a vila, de vila a freguesia e de freguesia a cidade, por lei provincial. Em 1857, quando foi elevada à categoria de cidade, já tinha uma população fixa de seis mil pessoas (número que, naturalmente, aumentava nos meses de verão).² Com base na legislação

¹ Anexos – Mapa 1

² Além do palácio do imperador, ligação telegráfica com o Rio, que estava a pouco mais de quatro horas de viagem, e uma população estimada em pouco mais de cinco mil pessoas, convém destacar: *“Naquela altura Petrópolis possuía 72 lojas e armazéns de molhados; seis hotéis; dois açougues; dois botequins com bilhares; 13 bilhares; seis cocheiras de alugar cavalos; quatro cocheiras de alugar carros; 12 oficinas de ferreiro; 13 de calçado; sete correios; seis padeiros; quatro marceneiros; sete alfaiates; cinco fábricas de charutos; três modistas; três barbeiros; três relojoeiros; três fábricas de cerveja; seis de licor; dois moinhos de fazer fubá. **Havia cinco escolas regidas por professores alemães, das quais uma, já ensinava a língua nacional**_(grifo meu); três escolas públicas de língua portuguesa, sendo duas masculinas e uma feminina; havia quatro colégios particulares, sendo dois para meninos e dois para meninas.* VASCONCELOS, Francisco de. **Revista do Instituto Histórico de Petrópolis**

de 1859, passou a contar com os privilégios de manter sua própria câmara de vereadores e um fórum. O projeto inicial, de desenvolver uma colônia agrícola malogrou, mas o crescimento acentuou-se nas pequenas indústrias (sobretudo têxteis), no comércio (em sua maior parte nas mãos de imigrantes alemães) e numa florescente rede hoteleira. A partir de 1854, com a inauguração do trecho inicial da primeira ferrovia do Brasil (Inhomirim-Raiz da Serra) o tempo de viagem entre a capital e a cidade imperial reduziu-se bastante, facilitando ainda mais o fluxo migratório ou de veranistas. A viagem era feita de barco, entre o Rio e o Porto de Mauá, na Baía da Guanabara. Dali, os viajantes seguiam de trem, até a Raiz da Serra, de onde partiam, serra acima, para Petrópolis, conduzidos em diligências. Ao longo dos anos, a ferrovia foi se estendendo em direção a Minas, reduzindo o percurso das carruagens – e finalmente, em 1883 o trem chegaria à cidade imperial. Antes da inauguração da estação ferroviária, entretanto, várias escolas, hospitais, igrejas e clubes foram surgindo e dando o tom do desenvolvimento da ex-colônia agrícola.

Os fatos ligados à origem da cidade permanecem na forma de tradição: está nos livros de história local a evocação da constante presença do imperador, anualmente, na “sua” cidade. Entre a fundação da colônia e a proclamação da República iriam se passar 46 anos. Neste período, dom Pedro passaria 35 verões no seu palácio³. A cada ano, a temporada estendia-se mais (chegando a até cinco meses). A última delas foi repentinamente interrompida pela proclamação da república: o imperador recebeu, no dia 15 de novembro de 1889, o aviso de que uma insurreição havia começado no Rio, quando assistia missa, na matriz de São Pedro de Alcântara, perto do palácio. Já no exílio, em 1890, iria escrever ao Brasil pedindo: “Mandem-me notícias da minha querida Petrópolis”.

³ Nos seus 49 anos de governo, dom Pedro não passou o verão em Petrópolis em 12 deles: três anos entre 1840 e 1843 (antes, portanto, da fundação da colônia); outros quatro, entre 1843 e 1847 (período em que o palácio ainda não tinha condições de abrigar hóspedes); e nos cinco anos da Guerra do Paraguai (1864-1870).

O refúgio

Mais do que uma cidade de veraneio para a família imperial, Petrópolis parece ter sido idealizada, construída e administrada para ser uma espécie de “refúgio”, contraponto às mazelas da capital. Um refúgio, portanto, não apenas para dom Pedro, mas também para todos que pudessem arcar com as despesas de hospedar-se nos hotéis ou, melhor ainda, manter uma casa na nova cidade. Desconforto e até ameaças constantes – reais ou não – para os moradores do Rio (falta de infra-estrutura sanitária, epidemias, revolta, ataque estrangeiro etc) não existiam na cidade de Pedro que, conseqüentemente, oferecia bem melhores condições de vida: clima melhor, saneamento, ruas largas, limpas e arborizadas, belezas naturais, funcionamento regular dos serviços públicos, ligação telegráfica, proximidade da capital etc. Tais fatores eram motivos para a cidade ser eleita pelo imperador e pela “elite” do país, em detrimento de outras possibilidades (como, no primeiro reinado, foram as chácaras e fazendas nos arredores da capital) como o melhor lugar para se passar o verão.

Enquanto a capital prosseguia convivendo com os inconvenientes de uma metrópole que cresceu sem planejamento e com a já citada falta de infra-estrutura sanitária, dentre outros males, ainda tinha de enfrentar também o fato de ser o alvo natural de insurreições políticas. Um dos mais marcantes exemplos foi a Revolta da Armada, de 1893, quando o Rio foi bombardeado e declarado cidade aberta. Aliás, devido à fragilidade na manutenção de comunicações entre a capital e o País, constatada neste episódio, Petrópolis passou a ser naquele ano, e até 1903, a capital do Estado do Rio, em substituição a Niterói.

Para definir melhor este contraste entre a capital e a cidade de Pedro, talvez seja válido citar exemplos de como o desenvolvimento da nova urbe podia impressionar a opinião pública da época – e, talvez, fazer uma breve idéia do que

poderia viver, no imaginário popular, em referência a Petrópolis. Eduardo e Henrique Laemmert (responsáveis pelo *Almanaque Laemmert*, sucesso editorial ao longo de todo o segundo reinado) publicaram, em 1862, um guia⁴ para viajantes que dava a tônica das disparidades entre a capital e o “refúgio” do imperador:

Em todos os países onde existem lugares periodicamente visitados por motivos de devoção, curiosidade, divertimento ou melhoramento de saúde em razão da salubridade do clima [...] se escrevem guias [...] O Brasil até agora nada teve e nada precisava ter neste gênero, visto a dificuldade de comunicações; mas a adoção dos caminhos de ferro e a maior freqüentação [sic] de certas residências de verão, especialmente as de Petrópolis, a mais aprazível e acessível de quantas existem nas serras circunvizinhas [...] (Introdução – p. 19)

Petrópolis é o lugar da terra que talvez melhor mereça, do que qualquer outro, ser intitulado de paraíso terrestre [...] Estas causas concorrem para que a região petropolitana não tenha rival no orbe civilizado. (p. 21)

Ora, em todo o Brasil, a que ponto se poderá chegar tão bem transportado quanto a Petrópolis? (p. 27)

Mesmo em extremo sadia, Petrópolis veio a ser estação não só de convalescentes, mas para casos desesperados. Os médicos do Rio de Janeiro, esgotada sua ciência, mandam para lá os moribundos. Realmente alguns casos milagrosos acreditaram tal prática. (p. 51)

Duvidamos haja no Rio de Janeiro uma (*rua*) sequer que possa se sustentar à comparação (*com as ruas de Petrópolis*) [...] Porém, não nos demorem sobre comparações que abalariam o sossego de espírito, principal encanto dessa morada colocada um tanto acima das paixões e inquietações da capital. (p. 34).

O autor, aliás, pretendeu ainda enumerar os motivos para o crescimento da cidade:

Diversas causas têm concorrido para essa improvisada prosperidade de Petrópolis na localidade que uma estação primaveral durante o estio na Serra dos Órgãos, à menor distância que Nova Friburgo e de mais fácil e pronto acesso que o sítio do March⁵ ou qualquer outro vale da serra induziria a escolher: 1º – A residência da corte, da diplomacia e da classe abastada; 2º – O estabelecimento de colégios bem dirigidos para ambos os sexos; 3º – O refúgio que ali se achava contra a febre amarela; 4º – O empório do comércio [...] (p. 83)

⁴ TAUNAY, Carlos, **Viagem Pitoresca a Petrópolis**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1862 – *in* **Reedição de Quatro Obras Raras** (2ª ed.) – Anuário do Museu Imperial. Petrópolis, Gráfica Serrana, 1995.

⁵ Atualmente corresponde ao município vizinho de Teresópolis.

Várias outras referências a respeito da cidade seriam feitas em almanaques e jornais ainda nesta segunda metade do século XIX, no Brasil e no exterior. Mesmo na literatura, o nome da cidade marcou presença: esteve presente como cenário em obras de autores tão distintos quanto Machado de Assis⁶ (com o conto “Petrópolis”, ou na fala de personagens que eventualmente tomavam a “barca para Petrópolis”, como no conto “Cinco Minutos”) e Lima Barreto (que, exaltando virtudes da população marginal da capital, fazia ataques à burguesia da época “confessando”: “Eu odeio Petrópolis”).

Uma referência, no entanto, era unânime: passar o verão na cidade de Pedro era privilégio de poucos – e tantos quantos aspiravam ascensão na pirâmide social não mediam esforços para manter um palacete, uma vila ou mesmo um quarto de hotel na cidade, entre novembro e março de cada ano.

“Sala de visitas”

O status da cidade imperial como referência de sofisticação e de qualidade de vida não se alterou com a proclamação da república e o papel de “refúgio” manteve-se ou até mesmo ampliou-se. A cidade prosseguiu, mesmo após 1889, como a melhor alternativa à vida no Rio nos meses de verão e, mais que isso, como a referência do poder. Da proclamação da república⁷ a meados do século XX, a cidade continuou sendo, a cada verão, o destino de verão das “classes abastadas” e da *intelligentsia*

⁶ Destaque-se que foi no primeiro periódico petropolitano, *O Parahyba*, que Machado de Assis estreou no jornalismo: “[...] O infatigável pesquisador José Galante de Souza – autor da monumental bibliografia *Fontes para o estudo de Machado de Assis (I.N.L., RJ, 1969)* – revirando estantes empoeiradas, descobriu, na *Paraíba*, jornal que um certo Augusto Emiliano Zaluar editava em Petrópolis, um polêmico artigo assinado, em 1859, por Machado de Assis. À época ele estava com 20 anos.” ALVES FILHO, Aluizio, **Machado de Assis e as querelas públicas**.

⁷ Com a proclamação da República, vários logradouros, cujos nomes faziam referência à monarquia (como o Largo de Dom Afonso ou Rua Dona Januária) tiveram seus nomes alterados. A Rua do Imperador passou a chamar-se Avenida 15 de Novembro, mas o nome original foi retomado por decreto municipal em 1979.

brasileira – até porque os presidentes também mantiveram o hábito imperial. De Prudente de Moraes a Costa e Silva, todos passaram pelo menos alguns dias na cidade do imperador durante seus mandatos. Para tanto, outro palácio (o do Barão do Rio Negro) foi escolhido para hospedá-los.

Alguns presidentes tinham casa própria em Petrópolis. Foi lá que Hermes da Fonseca casou-se com Nair de Tefé, em 1910. Nilo Peçanha, também proprietário de uma casa de veraneio na cidade, é homenageado com busto ainda hoje presente na Praça da Liberdade. Washington Luís fez construir e inaugurou, em 1929, o trecho da BR-040 (Rio-Belo Horizonte) que leva seu nome e que ainda hoje é a principal ligação rodoviária entre Petrópolis e o Rio. O principal acesso à Rua do Imperador, a mais importante da cidade, também ainda leva o nome do ex-presidente. No início desta rua está outro busto, em sua homenagem, inaugurado em 1929⁸.

Não apenas os presidentes, mas outros nomes consagrados no Brasil, como Santos Dumont e o barão de Mauá, também mantinham casa na cidade e ratificaram Petrópolis como um destino singular na história do país. O barão do Rio Branco adquiriu uma propriedade na avenida que hoje leva seu nome – e nesta casa promoveu a solenidade de assinatura do chamado Tratado de Petrópolis (1903), que regularizou a incorporação do Acre ao território brasileiro. Durante a I Guerra Mundial, em 1917, Ruy Barbosa fez seu célebre discurso incentivando o alinhamento do Brasil com os aliados no Teatro de Petrópolis. E foi na sua casa de veraneio na cidade que viria a morrer, em 1921.

⁸ As estadias de Getúlio Vargas, que veraneou na cidade em todos os anos do Estado Novo, duravam até seis meses. Foi por sua determinação que, em 1945, no antigo palácio do imperador (desde a proclamação da República o imóvel estava alugado para um colégio católico) foi criado o Museu Imperial, ainda hoje a maior atração turística local. Juscelino fez uma singular reforma no palácio Rio Negro, para receber toda sua família, e participou da inauguração do Obelisco dos Colonizadores, em 1957. Alegando retomar a antiga tradição, Fernando Henrique Cardoso, em 1995, também passou um fim de semana no Palácio Rio Negro.

Como “sala de estar”, Petrópolis exerceu um pitoresco e pouco conhecido papel nas relações do Brasil com o exterior⁹. Todos os plenipotenciários estrangeiros acreditados no país moravam na cidade, onde estabeleciam também suas missões. De 15 a 30 países (além da Santa Sé, que somente em 1923 se constituiria no Estado do Vaticano) mantiveram, entre 1860 e 1930, suas representações na cidade, de onde os chefes das representações estrangeiras (sobretudo europeus e norte-americanos, certamente menos afeitos ao clima mais quente do Rio) só se ausentavam por absoluta necessidade. Um dos primeiros foi o embaixador inglês Willian Cristhie, pivô do rompimento das relações entre Brasil e Inglaterra em 1863. Em alguns casos, as embaixadas, missões e legações diplomáticas funcionavam em palacetes (a exemplo de Inglaterra, França, Itália, Alemanha e Estados Unidos). Países cujas representações eram menores, limitando-se em geral ao embaixador, sua família e poucos auxiliares (caso de Portugal, Uruguai e Chile) mantinham-se em construções menores. Quando a representação limitava-se praticamente a apenas um diplomata (como a Noruega e a Santa Sé), ele em geral adotava-se em um hotel petropolitano (quase sempre o “Majestic”, de qualidade considerada superior) como endereço fixo. Somente a partir da década de 30, as embaixadas e legações foram se transferindo para a capital federal¹⁰.

Além disso, os visitantes estrangeiros, famosos ou não, eram levados inevitavelmente a passar pelo menos alguns dias em Petrópolis. Um dos mais antigos registros é de 1861, quando Maximiliano da Áustria (que viria a ser imperador do

⁹ COSTA, Sérgio Corrêa da, **Brasil, segredo de Estado**.

¹⁰ Foi como consulesa do Chile, em 1943, em Petrópolis, que a poetisa Gabriela Mistral recebeu a comunicação de sua conquista do Prêmio Nobel de Literatura. Outro Nobel – de Física, em 1954 -, o cientista Peter Medawar (de ascendência britânica) nasceu em Petrópolis em 1929 e morou na cidade até os 14 anos. O escritor austriaco Stephan Zweig fugiu da guerra na Europa, em 1939, e adquiriu casa na cidade – mesmo local onde viria a suicidar-se, em 1941. O Hotel Quitandinha teve vida efêmera como cassino (1944-1946), mas este breve período foi suficiente para que inúmeras personalidades estrangeiras (desde reis destronados, como Carol I, da Romênia, até consagrados artistas de Hollywood) visitassem a cidade.

México) visitou o palácio imperial. Ao longo da história da cidade, outras cabeças coroadas, como Balduino da Bélgica, em 1920, também faziam visitas à cidade.

Neste pouco conhecido papel cosmopolita, Petrópolis também incluiu reflexos de algumas tendências políticas nacionais – ou, ainda, da política externa brasileira – durante a República Velha e mesmo no período Vargas. Além dos incidentes entre brasileiros e teuto-brasileiros, quando da declaração de guerra à Alemanha em 1917 (que serão posteriormente analisados), ainda na década de 10, Petrópolis, que já se destacava como pólo fabril, foi sede de pelo menos um núcleo comunista e outro, anarquista, formado principalmente por operários espanhóis e italianos (expulsos de seus países e, posteriormente, demitidos de fábricas no Rio)¹¹. Na década de 30, o Partido Fascista italiano fundaria uma sede na Rua do Imperador. O *NSDAP-Ausland* (departamento do Partido Nazista de propaganda fora da Alemanha) iria criar em Petrópolis um *Stutzpunkt* (ponto de apoio), subordinado ao núcleo do Rio e responsável por comícios e aulas de sua “doutrina política” na cidade.

Muito perto do Rio, muito longe do Brasil

Mesmo uma breve observação acerca da história da cidade de Petrópolis já demonstra que a cidade imperial tem inúmeras diferenças com relação aos demais centros urbanos do país, não só devido à sua história – mas, principalmente no que tange ao seu processo de origem e desenvolvimento. O planejamento urbano, como já foi dito, pode ser apontado como uma primeira diferença na comparação entre Petrópolis e outras cidades do mesmo porte. Poucas foram as cidades brasileiras que contaram com algum tipo de esquematização prévia de ocupação. Ainda assim, nenhuma delas

¹¹ Mais tarde, os comunistas também se organizaram na cidade imperial – em número suficientemente expressivo para enfrentar os participantes do II Congresso do Partido Integralista, realizado em Petrópolis em 1934, num confronto de rua que provocou pelo menos uma vítima fatal. Aliás, nas eleições de 1946 o candidato do Partido Comunista à presidência da República era Yêdo Fiúza, um ex-prefeito de Petrópolis. Nesta eleição, Dutra impôs derrota a Fiúza e ao também petropolitano Eduardo Gomes, candidato pela UDN.

foi erguida com o objetivo latente de assumir o papel de “refúgio” ou “sala de visitas” que Petrópolis ostentou – ou, que ainda ostenta, para muitos veranistas.

A origem da cidade brasileira não passa pelo planejamento. Sérgio Buarque de Holanda (1937) aponta toda uma série de características históricas e conjunturais do país e de seus habitantes, sobretudo na análise da história colonial. Nela, o autor coteja as tradições portuguesa e espanhola na ocupação da América Latina, apontando a característica maior dos hispânicos “ladrihadores” (“amantes da linha reta”, organizadores, planejadores de cidades) em contraponto aos portugueses “semeadores” (cujas cidades cresceram sem qualquer esquematização prévia que não a de defesa militar).

A cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega ao quadro de contradizer o quadro da natureza e sua silhueta se enlaça com a linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum método, nenhuma previdência, sempre este significativo abandono que exprime a palavra ‘desleixo’ – palavra que o escritor Aubrey Bell considerou tão tipicamente portuguesa como ‘saudade’ e que, no seu entender, implica menos falta de energia do que uma íntima constatação de que ‘não vale a pena’. (Holanda, 1937: p.110¹²)

Ora, está claro que Petrópolis, fundada 21 anos após a independência, não surgiria mesmo por mãos lusitanas. Mas, ainda na comparação sugerida, fica a pergunta: e para as demais cidades brasileiras, nascidas após o 7 de setembro, houve efetivamente algum tipo de planejamento ou, pelo menos, processo diferenciado daquele que estabeleceu a tradição colonial? E, considerando a distinção entre o planejamento urbano de cidades inexistentes e pré-existentes, talvez seja válido questionar: onde a fundação de cidades brasileiras, seja no império, seja na república, diferenciou-se fundamentalmente desta tradição colonial, senão em escassos exemplos? Em Petrópolis uma iniciativa desta natureza “valia a pena”?

¹² HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**.

O Plano Koeler surge neste cenário de há 160 anos, portanto, como um exceção. E ainda guarda algumas outras características específicas. A primeira é a disposição do centro comercial (com os prédios e serviços públicos) cercado pelos bairros residenciais. O centro, com o passar dos anos, torna-se igualmente residencial. Mas apenas para a classe abastada: a referência do palácio do imperador e da presença dos serviços públicos, somados ao fato de a região ser das poucas grandes áreas planas da cidade, valorizou os imóveis. Somente a elite econômica (ou, antes, os veranistas) podia se dar ao luxo de erguer casarões e palacetes no centro. Esta parte da cidade continuaria “vedada” ao petropolitano comum, cuja opção de moradia era o bairro. No caso dos teuto-brasileiros, isso significava o sub-loteamento dos lotes originais concedidos a seus pais ou avós.

Esta divisão, mais que geográfica, faz supor uma divisão social específica, um elemento estrutural que contrapunha o elemento local à “sofisticação” dos veranistas. É difícil avaliar, ao longo de décadas, as conseqüências do processo deste contato anual que durava alguns meses, entre o morador (“provinciano”, não raro empregado “subordinado” e apegado às “tradições”) e o veranista (cosmopolita, sofisticado e rico). Ainda assim, mais difícil que avaliar este processo é ignorá-lo como mais um possível fator de divisão social.

Há que se considerar uma segunda característica específica da cidade, em comparação a outros municípios brasileiros: a sua vocação industrial. Enquanto a tendência agrária perdurou no país pelo menos até meados do século XX, a cidade imperial já no século XIX desenvolvia-se sob a vertente da indústria de pequeno e médio porte (sobretudo cervejarias) e também em grandes fábricas (especialmente do ramo têxtil). Graças à relativa autonomia das indústrias quanto ao suprimento de energia elétrica (gerada a partir das quedas d’água, comuns devido ao acidentado relevo da região), o município recebeu empresas de grande porte, levando-se em

conta os padrões da época¹³. O contingente de trabalhadores da cidade, no século XIX e primeiras décadas do século XX, estava empregado sobretudo no comércio, prestação de serviços e indústria – e não no campo ou na administração municipal, como ocorria (e ocorre) em outros municípios do mesmo porte. É natural admitir que, em virtude disto, também as práticas sociais na cidade imperial seriam diferenciadas do cenário nacional.

No que diz respeito ao poder político, surge por fim um terceiro aspecto de diferenciação – que (ao contrário da “segmentação” econômica que opunha o morador ao veranista) aproxima a cidade do Estado, criando uma outra estrutura específica para a cidade de Petrópolis no cenário nacional. Obras que analisam a estrutura de divisão do poder político no país apontam a existência, ao longo da história, de poderes locais (municipais) que se sobreponham ao poder central. Oliveira Viana enxerga mesmo nesta estrutura, criada a partir da colônia, a explicação para um fenômeno tipicamente nacional – o “coronelismo” onde as correntes políticas locais exercem o poder mais efetivamente que o Estado.

Em Petrópolis, porém, o processo foi exatamente o inverso. A presença constante do imperador e, mais tarde, dos presidentes¹⁴, parece ter sido o principal motivo para a inexistência de expressivas lideranças políticas locais. A própria fundação da cidade, no Império, foi baseada numa determinação do Estado. A ingerência direta da família imperial fez surgir não apenas a cidade, mas alguns dos

¹³ A Companhia Petropolitana, em Cascatinha, chegaria a ter mais de dois mil empregados. Também têm destaque a Fábrica de Papel do Itamaraty e as têxteis Fábrica Cometa, São Pedro de Alcântara, Santa Isabel (dentre outras), cada uma com centenas ou mais de mil empregados.

¹⁴ A presença efetiva ou simbólica do poder central, de certa forma, surgiu na iniciativa do imperador e prosseguiria pelo menos até a década de 60 do século XX. No governo militar, Petrópolis (tal como Volta Redonda e Brasília) foi “elevada” à condição de “município de segurança nacional”, uma vez que poderia constar na agenda dos presidentes-generais, dada a tradição do veraneio. Pouco após o AI-5, o prefeito local seria cassado por haver criticado o governo quando o presidente Costa e Silva estava em veraneio na cidade. Um interventor foi nomeado para a prefeitura.

principais prédios públicos¹⁵: graças à presença do imperador, já na década 1870-1880 Petrópolis tinha ligação telegráfica regular com o Rio¹⁶. Antes mesmo de ser elevada à condição de cidade, era o alvo da primeira fase da primeira linha férrea do Brasil (1854), que pretendia ligar a corte a Minas Gerais. A primeira locomotiva só chegaria ao centro da cidade, porém, em 1883: foram 30 anos de obras para vencer os 700 metros de altura, no terreno inclinado a partir da Raiz da Serra. A composição chegou em meio a uma solenidade festiva, e trazia a comitiva imperial para mais uma temporada de veraneio. No ano seguinte, em solenidade no Palácio de Cristal, a princesa Isabel antecipou-se em quatro anos à lei Áurea e alforriou todos os escravos da cidade (cerca de 300 pessoas).

Nos seus primeiros 50 anos como município autônomo, Petrópolis foi administrada pela Câmara Municipal e os vereadores eram diretamente ligados às lideranças políticas do Rio. O primeiro prefeito iria tomar posse somente em 1918¹⁷ e, mesmo assim, nomeado pelo governo federal. Quanto às questões políticas, o período 1890-1920 é especialmente importante para o presente trabalho – e talvez tenha sido aquele em que a presença do poder político do Estado fez-se sentir mais efetivamente. A elevação da cidade à condição de capital do Rio de Janeiro (1893-1903) fez com que Petrópolis entrasse definitivamente para o cenário político estadual, ao lado de Campos e Niterói. Foi eleito neste período o único governador fluminense cuja base política era

¹⁵ Como o Palácio da princesa Isabel, que se empenhou pessoalmente na construção da Catedral de São Pedro de Alcântara, onde estão seus restos mortais junto aos do marido, o conde D'Eu, do imperador e da imperatriz. O conde, aliás, ergueu em homenagem à esposa o Palácio de Cristal, imitando o modelo da Exposição Internacional de Londres de 1854. Hoje é um cartão-postal da cidade.

¹⁶ Dom Pedro II também foi o proprietário do primeiro telefone de Petrópolis, adquirido na sua visita à Exposição Internacional dos Estados Unidos (1877) diretamente de Graham Bell. A linha, a primeira interurbana do país, estava ligada ao Palácio da Quinta da Boa Vista.

¹⁷ O sanitarista Oswaldo Cruz, nomeado pelo então ministro Nilo Peçanha.

Petrópolis (Hermogêneo Silva), apesar de seu nome estar sustentado, na disputa, por correntes fortemente ligadas ao governo federal¹⁸.

Nilo Peçanha empenhava-se pessoalmente nas eleições para a Câmara, em paralelo a seus interesses como ministro, senador e, mais tarde, presidente da República. As primeiras eleições diretas para prefeito só aconteceriam na década de 20 – e ainda sob forte influência das esferas do governo federal. A ingerência do Estado nas questões municipais mostra que, ao contrário de outras cidades brasileiras (mesmo algumas capitais), os processos de disputa pelo poder não passaram pelo surgimento de lideranças ou correntes políticas locais de destaque¹⁹. Ainda num paralelo ao conceito já citado: o fenômeno do “coronelismo”, constante no cenário nacional, não pode ser observado, pelo menos nas suas características essenciais, na história política de Petrópolis. Da mesma maneira, é possível considerar que fenômenos políticos que abrangeram o cenário nacional foram ausentes ou, pelo menos, processaram-se de maneira bastante diferenciada na cidade imperial.

¹⁸ MONTEIRO, Rui, **Eleições municipais em Petrópolis (1922-1989)**.

¹⁹ A forte ligação com o Rio fez com que surgisse, no Estado Novo, um grande movimento popular que propunha a incorporação de Petrópolis ao Distrito Federal. Apesar dos esforços, que congregaram milhares de moradores, a idéia nunca chegou a ser analisada seriamente pelo governo.

Capítulo 2

Os Alemães

Aspectos históricos e culturais de um processo de não-assimilação

Incontáveis pesquisas se aprofundaram na questão da imigração e, em particular, na questão da imigração alemã para o Brasil. Não é pretensão do presente trabalho inserir-se também neste terreno senão nos aspectos diretamente ligadas a seus objetivos específicos, como a análise constituição de uma identidade “bi-nacional” e da sua possível crise estrutural, em virtude de um fenômeno político. Há, no entanto, a necessidade de se contextualizar a presença alemã na cidade de Petrópolis, em virtude de ser este um dos objetos propostos pela pesquisa. A compreensão acerca de quem era o teuto-brasileiro, leitor de (outro objeto) um jornal em língua estrangeira, é capital para o entendimento das características de seus papéis sociais e políticos – sobretudo no que diz respeito à assimilação deste leitor, alemão e teuto-brasileiro, à cultura do país onde nasceu e/ou vivia. Trata-se, portanto, de compreender como, mantendo práticas e saberes de sua terra natal, os imigrantes se “tornavam” brasileiros – ou não. E compreender, especialmente, o grupo dos teuto-brasileiros de Petrópolis, fundamentado em duas identidades culturais que, em dado momento político, tornaram-se incompatíveis.

A presença de alemães no Brasil é registrada desde o início da colonização. No entanto, a imigração em larga escala só foi iniciada no primeiro reinado²⁰, dentro de um processo mais amplo e de longo prazo, que previa a substituição da mão-de-obra

²⁰ Para muitos pesquisadores, o primeiro núcleo alemão foi criado em 1818, por dom João VI, no atual município de Nova Friburgo (RJ). Tratava-se de imigrantes suíços, de fala alemã. A major parte dos estudiosos da colonização alemã, porém, considera como marco inicial deste processo a fundação da colônia de São Leopoldo (RS), em 1824.

escrava na lavoura por trabalhadores europeus. Como é sabido, a maior parte dos alemães veio para o Brasil a partir de 1824. Oriundos de regiões empobrecidas, eles se radicaram sobretudo nas zonas rurais da Região Sul, notadamente Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Mas dentre os objetivos do Estado, que organizou, incentivou e promoveu a imigração européia, não estava apenas a substituição da mão-de-obra escrava: o projeto trazia embutida a idéia de “branqueamento” – isto é, a crença de que europeus poderiam trazer, além de sua força produtiva, as qualidades “superiores” de sua “raça”.

A questão racial estava subjacente aos projetos imigrantistas desde 1818, antes da palavra raça fazer parte do vocabulário científico brasileiro e das preocupações com a formação nacional. Desde então, a imigração passou a ser representada como um amplo processo civilizatório e forma mais racional de ocupação das terras. O pressuposto da superioridade branca, como argumento justificativo para um modelo de colonização com pequena propriedade familiar baseado na vinda de imigrantes europeus - portanto distinto da grande propriedade escravista - foi construído a partir de meados do século XIX. (Seyfert, 2002: p. 21)

As propostas de mudança na estrutura social não envolviam, portanto, apenas projetos de ordem econômica ou política. Tinham como objetivo a importação, especialmente, de um caráter cultural e “racial”. A partir deste prisma não é mais possível ver os imigrantes apenas como simples proprietários rurais. É necessário entendê-los igualmente também como instrumento segregacionista do Estado, que tentava impor uma “raça homogênea” sobre outra, de um povo “mestiço” – ou, em melhor análise, na imposição de uma cultura (estrangeira, “superior”) em “favor” de outra (brasileira). Um instrumento que, sob vários aspectos, não se “integrava” ao país que o acolhia.

O conteúdo racista está presente, sobretudo, na discussão da política imigratória articulada ao povoamento e na externalização nacionalista dos problemas de assimilação especificados através das probabilidades do caldeamento racial. Ambas as discussões são significativas quando envolvem a colonização européia efetivada no Sul durante mais de um

século - num contexto de povoamento em que os imigrantes alemães aparecem como antítese da brasilidade. (Idem)

Cabe, portanto, na descrição do cenário proposto, apontar este primeiro aspecto nas dificuldades de assimilação: na sua origem, tratava-se de um processo político, determinado “de cima para baixo”, artificial, executado pelo Estado, onde havia agentes que não se assimilavam integralmente (“alemães” X “brasilidade”) e que, em dada medida, se opunham culturalmente – ou que, pelo menos, não promoviam uma integração “total” entre as duas culturas, fenômeno ainda considerável no período aqui analisado²¹.

É partindo deste pressuposto cultural que, dentre os vários motivos possíveis a serem considerados nesta não-assimilação cultural (ou, pelo menos, para esta assimilação incompleta) um deles se apresenta como o principal: o idioma²². Fator imprescindível para a análise de qualquer “identidade nacional” (uma vez que é crucial na formação da solidariedade grupal), no caso dos alemães radicados no Brasil também exerceu papel fundamental. A importância dada pelos imigrantes e descendentes à manutenção do uso do idioma alemão está simbolizada na profusão das *Gemeinschaftschule* (“escolas comunitárias”)²³, presentes em praticamente todos os núcleos de povoamento germânicos²⁴. Nelas, as crianças, alemãs natas ou não, eram alfabetizadas no idioma de seus pais imigrantes. O ensino poderia ser sempre em alemão mesmo nas séries mais adiantadas.

²¹ São notáveis os vários estudos já realizados sobre assimilação da colônia alemã no Brasil, com destaque para **Uma comunidade teuto-brasileira**, de Úrsula Albersheim.

²² Seria possível avaliar também, por exemplo, as diferenças religiosas, dado o grande número de luteranos entre os imigrantes alemães. No entanto, no caso específico de Petrópolis, os imigrantes eram, em sua grande maioria, católicos.

²³ Somente uma outra colônia estrangeira, a japonesa, iria tentar organizar, já no século XX, estrutura semelhante, mas em números bem mais modestos e muitíssimo reduzidos a partir da década de 30.

²⁴ Em 1929, das 1.400 escolas alemãs no exterior, 1.050 estavam no Brasil (**Der Grosse Brockhaus**). A atividade das escolas estrangeiras só teria algum tipo de restrição no Estado Novo.

A importância do idioma para os objetivos da presente pesquisa parece evidente nos seus principais objetos – um veículo de comunicação elaborado em idioma estrangeiro e seu público-alvo. A existência de uma publicação deste gênero, reflexo direto do idioma como fator de diferenciação, deixa claro que qualquer integração cultural entre alemães e brasileiros (ou, melhor ainda, entre teuto-brasileiros e brasileiros) se dava em mão única: os imigrantes e, mais tarde, seus filhos e netos, podiam dominar o português, serem considerados brasileiros, e como tal se inserindo nas questões locais. O processo inverso, porém, não era possível: por desconhecer o idioma, o brasileiro não tinha como inserir-se no grupo “alemão”. Neste caráter de diferenciação, e sobretudo porque esta diferenciação aqui se processa em apenas uma via, parece estabelecido um aspecto fundamental da identidade cultural do grupo (imigrantes) perante o todo (o país).

“O uso da língua de origem como língua principal indica que condições materiais e psicológicas fazem do português uma língua que se pode dispensar”, afirma o sociólogo Ricardo Seintenfuss (2003)²⁵, avaliando os resultados do censo de 1940, em que a grande maioria da colônia germânica ainda utilizava o alemão como primeiro idioma, apesar de todas as iniciativas coercitivas do “nacionalismo” do Estado Novo. Um caráter, enfim, herdado pelos teuto-brasileiros e que se evidencia, da mesma forma, na diferenciação entre “leitores do *Nachrichten*” e “não-leitores”.

Há ainda que se considerar a diferença de idiomas sobre alguns aspectos. Num primeiro, é o fator que define a nacionalidade dos imigrantes – cuja naturalização no Brasil era facultativa. Até 1871, os imigrantes alemães não vinham de um único país – mas de pequenos Estados, alguns semi-autônomos ou vinculados a Estados maiores. A maior parte dos alemães radicados no Brasil vinha, por exemplo, de Rheinland, Westfalen e Pommern (ou Renânia, Westfália e Pomerânia), todos vinculados à

²⁵ SEITENFUSS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra**: 19.

Prússia, ou do Hesse (autônomo), com diferentes características culturais, referentes às suas regiões de origem (Anexos – Mapas 2 e 3). Ainda assim, a nacionalidade oficial destes imigrantes (ou, em última análise, aquilo que estava em seus passaportes) determinava que eles eram renanos, westfalianos ou pomeranos – ou seja, não era prussianos e muito menos alemães, tal como atualmente se considera.

Não cabe aqui uma análise mais pormenorizada sobre as diferenças geográficas, econômicas, históricas e principalmente culturais existentes, ainda hoje, nos estados que compõem a Alemanha. Mas é impossível ignorá-las. Sobretudo ao se considerar principal elemento (ou mesmo único) que determinava a “nacionalidade” do imigrante era seu idioma²⁶. Classificados genericamente no Brasil como alemães, os imigrantes não o eram, segundo sua nacionalidade legal ou segundo sua cidadania. Não integrado política ou culturalmente desde o embarque em suas pátrias, o grupo germânico radicado no Brasil se torna “único”, quanto à definição de sua nacionalidade, somente em função da língua em que se exprimia – aspecto que, em larga medida, foi transmitido aos teuto-brasileiros, seja na *Gemeinschaft* ou no lar.

A mensuração desta herança aos teuto-brasileiros, supostamente a grande maioria do grupo analisado neste trabalho, também só pode ser feita sob este aspecto cultural, em virtude da absoluta impossibilidade de se determinar com exatidão o número de teuto-brasileiros e, sobretudo, em que medida eles estariam mais ou menos “assimilados” à cultura brasileira. Esta dificuldade parte de uma avaliação, mesmo superficial, a respeito do tamanho efetivo da colônia alemã em território nacional. O número total de imigrantes alemães que ingressaram no Brasil entre 1824

²⁶A legislação alemã reconhecera os direitos e a cidadania dos *Auslanddeutschem* (“estrangeiro + germanidade”), definição aplicável aos teuto-brasileiros. Além dos alemães natos emigrados e (depois da guerra de 1914-1918) dos que viviam em ex-territórios ou ex-colônias do Reich, o conceito de “alemães no exterior” considerava também alemão “aquele que vive no exterior, fala alemão e reconhece sua ascendência alemã”. Como tal, os *Auslanddeutschem* passaram a poder reivindicar sua cidadania alemã legal.

e 1920 é de 222 mil pessoas²⁷. Em 1920, os alemães natos radicados no país eram 50 mil, segundo o censo (IBGE). Em 1940, o número de integrantes a colônia alemã no Brasil (isto é, alemães natos e teuto-brasileiros) é indefinido: algo entre 700 mil e 900 mil pessoas, segundo Seitenfuss, com o adendo: “Para avaliar a importância numérica da colônia é preciso fazer estimativas, recorrendo a fontes particulares que demonstram divergências”. Para se chegar a este resultado, um dado expressivo foi utilizado: os 640 mil brasileiros natos²⁸ que, ainda segundo o censo de 1940, utilizavam o alemão como língua principal. “Considerada a elevada proporção de brasileiros natos que utilizava o alemão como idioma principal, devemos concluir pelo fraco grau de assimilação desta colônia”, avalia Seitenfuss, levando em conta ainda os então quase 120 anos de imigração alemã no Brasil.

O exemplo está fora do período cronológico a que se limita a presente pesquisa (1911-1917). Mas é demonstrativo acerca da dificuldade de determinar-se efetivamente quem, na colônia germânica, neste período e sob o aspecto cultural, poderia ser classificado como apenas como alemão, teuto-brasileiro ou brasileiro. E, mais que isso, da absoluta impossibilidade de determinar com precisão o grau de assimilação desta colônia (ou da “integração” de sua identidade) na sociedade brasileira como um todo. O fato de a análise proposta limitar-se à cidade de Petrópolis (com as características específicas frente ao cenário nacional, conforme analisado no capítulo I) e a um período determinado (que envolve ruptura política Brasil-Alemanha) traz algumas outras características que merecem uma análise mais acurada.

A imigração alemã em Petrópolis

²⁷ Dado do IBGE. O número coincide com as estatísticas oficiais alemãs de 1929, segundo **Der Grosse Brockhaus**.

²⁸ Para a **Der Grosse Brockhaus**, o número de “alemães” no Brasil era de 570 mil indivíduos em 1929. Esse número, naturalmente, computava os teuto-brasileiros.

No censo de 1910 (que serve de referência ao período analisado nesta pesquisa), Petrópolis tinha com 56.428 habitantes (IBGE) – número que certamente crescia nos meses de verão. Apesar do dado preciso, é bastante difícil determinar, conforme já avaliado, quantos destes habitantes seriam alemães natos – e, mais difícil ainda, quantos seriam teuto-brasileiros. O censo daquele ano não computou os imigrantes ou os não naturalizados (limitando-se às estatísticas de entrada e saída de estrangeiros nos principais portos do país) e também não fez registro dos descendentes de imigrantes. Há que se destacar também que ao longo destas primeiras seis décadas, a partir da fundação da colônia em 1843, Petrópolis também recebeu um contingente substancial de novos moradores estrangeiros não alemães – sobretudo italianos e portugueses.

Mas apesar de não ser possível determinar quantitativamente a representatividade dos alemães e teuto-brasileiros na década de 10 (e mesmo considerando que a imigração alemã em Petrópolis viria a registrar números bem mais modestos que nos estados da Região Sul), o fato é que, segundo a historiografia e tradições locais, a cidade de Petrópolis se desenvolveu sob a iniciativa germânica. Os primeiros alemães chegaram à Imperial Colônia de Petrópolis em 29 de junho²⁹ de 1845, dois anos, portanto, após sua fundação. A característica “racial” do projeto de imigração fomentado pelo Estado, citada no início deste capítulo, parecia bem de acordo com a idéia de se criar aquilo que viria a ser “um pedaço da Europa” no Brasil. Até o fim daquele ano chegaram em 13 veleiros, não sem dificuldades³⁰, nada menos que 2.100 pessoas.

Este número poderia ser considerado pequeno, levando-se em conta o total da imigração alemã em todo o país ao longo de mais de um século. Mas há que se

²⁹ Atualmente comemora-se nesta data o Dia do Colono, feriado municipal.

³⁰ O primeiro grupo, com quase 400 pessoas, demorou 45 dias na travessia entre Dunquerque (França) e o Rio – e outros 15 para vencer a serra até Petrópolis. Só nestas duas semanas, pelo menos 79 morreriam de tifo.

lembrar que o número de imigrantes alemães desembarcados no Brasil entre 1824 a 1850 (período correspondente à “primeira fase” da imigração alemã) seria de aproximadamente oito mil pessoas³¹. Ou seja, nesta fase, pelo menos 25% dos imigrantes alemães radicaram-se em Petrópolis.

Os colonos alemães iriam estabelecer-se em uma colônia agrícola, tal como nos estados do Sul. Mas ao contrário do que aconteceu em São Leopoldo ou Blumenau, a agricultura em Petrópolis (que não a de subsistência) revelou-se um fracasso. Eis, portanto, uma primeira especificidade (ou diferença) da cidade imperial quanto ao destino de seus colonos: enquanto as plantações dos imigrantes floresciam no Sul, em Petrópolis os alemães rapidamente passaram a integrar-se à pequena indústria, à prestação de serviços (especialmente nas inúmeras obras públicas de uma cidade nascente) e ao comércio (sobretudo porque se tratava de uma cidade que, a cada ano, via aumentar a demanda dos veranistas). Além disso, a “cidade de Pedro”, crescida sob a influência direta do Estado, desenvolveu um caráter eminente urbano, cenário bastante distinto do que se poderia encontrar no Sul. Há que se considerar, portanto, a diferenciação entre o *modus vivendi* que decerto havia entre os colonos radicados numa região, rural, e em outra, urbana. Ao avaliar com mais profundidade o caso dos imigrantes alemães estabelecidos no Sul do país, por exemplo, Ricardo Seitenfuss afirma:

As colônias vivem completamente isoladas: a extensão territorial, a falta quase absoluta de comunicações e de organização administrativa (ausência de escolas, hospitais, etc) incitam o imigrado a resolver de maneira autônoma os problemas essenciais da vida comunitária (Seitenfuss, 2001. p.12)

Ou ainda, como conclui Seitenfuss, ainda a respeito das colônias alemãs no Sul:

³¹ MAUCH, Cláudia & VASCONCELOS, Naira (Org). **Os alemães no sul do Brasil:** cultura, etnicidade e história. Canoas: 165

Apesar de estabelecida há mais de um século, a imigração alemã é escassamente assimilada. Trata-se de um aparente paradoxo, pois poder-se-ia imaginar que o tempo fosse o importante elemento integratório. Todavia, é o espaço, ou seja, a localização do imigrado que determina sua assimilação. (Idem)

Ora, evidentemente não era este o caso da colônia de Petrópolis, onde o imperador empenhava-se pessoalmente, por exemplo, no ressarcimento de prejuízos de colonos com deslizamentos de terra ou na contratação de professores, na Alemanha, para a educação dos filhos dos imigrantes. Aliás, a própria presença do imperador (a quem, segundo cronistas da época, os colonos teriam afeição equivalente à que devotavam ao kaiser da Prússia), do aparato do Estado, nos meses de verão e a infra-estrutura urbana comparável somente à da capital são outros fatores a serem considerados em conta na hora de apontar as especificidades da colonização alemã em Petrópolis.

Conforme já destacado no capítulo anterior, Petrópolis coincidentemente foi planejada por um alemão, o major Júlio Frederico Koeler. Em homenagem aos colonos, desenhou em 1846 a planta da cidade com seus novos bairros, batizados com nomes das cidades de suas regiões alemãs. Bingen, Darmstadt, Castelânea (de *Kastelaum*) ou Ingelheim, por exemplo, são nomes que, aportuguesados ou não, ainda hoje são utilizados. A única denominação desvinculada da origem dos colonos era o Quarteirão de Nassau (nome abandonado com o tempo). O nome, no entanto, faz referência ao estado de Hesse-Nassau, terra natal do próprio Koeler.

Petrópolis, tão perto do Rio e então, de certa forma, do Estado brasileiro, não se enquadra nas condições de distanciamento verificáveis na história das colônias alemãs do Sul. Seria mesmo possível imaginar, partindo destas premissas, que este quadro favoreceria a assimilação cultural ou, pelo menos, tornaria menores as dificuldades de integração cultural entre alemães e brasileiros na cidade imperial. Mas esta assimilação em Petrópolis não aconteceu tão rápida ou facilmente. Primeiro

porque, tal como no Sul, os colonos da cidade imperial tentaram manter (ou efetivamente mantiveram) as práticas sociais de origem. Além disso, a falência da iniciativa agrícola e o cenário urbano que se desenhava na cidade de veraneio, como já se disse, fizeram com que os alemães se aplicassem a ofícios que praticavam em sua terra natal, como a cervejaria e a ferraria, bem como ao comércio e prestação de serviços (restaurantes e hotéis). Tais atividades prosperavam na velocidade em que a cidade crescia – iniciativas que certamente não tinham expressividade no meio rural do Sul.

Além disso, a cultura “alemã” foi preservada, em larga medida. No já citado aspecto do idioma, há exemplos claros: apenas 12 anos após a chegada dos primeiros imigrantes, já eram cinco as escolas que ensinavam em alemão. O idioma também seria preservado na igreja luterana, fundada pouco após a chegada das primeiras famílias (onde os cultos eram, e ainda são, realizados nesta língua).

Os clubes e associações benemerentes também guardam especial significação e importância no esforço de manter, entre os colonos, as práticas associativas “tipicamente” alemãs e as referências culturais ao país de origem. Pelo menos seis entidades desta natureza seriam criadas na cidade antes da virada para o século XX. É possível supor que, no caso específico dos imigrantes, os clubes serviam não apenas para preservar sua identidade no exterior – mas para “defender” sua cultura, reproduzindo as práticas e saberes de seu país de origem. Ali o idioma e pequenos “rituais” associativos (jogos, canções, refeições comunitárias etc) eram mantidos, longe da presença dos brasileiros – que não falavam a língua e que (talvez por isso mesmo) não se interessavam pelos costumes. Esta suposição leva mesmo a crer que comunidades como a dos descendentes de alemães parecem apelar para elementos pré-modernos em busca de uma identidade não “nacional”, mas comunitária, associativa, “atávica” – e, em inúmeros aspectos, idealizadas no *Volksgeist* (“espírito do povo”) germânico, preconizado por autores nacionalistas alemães. O exemplo mais

contundente desta prática está nas associações comunitárias, cujas origens remontam a Idade Média e o regime feudal, que proliferavam (e proliferam) em toda a Alemanha.

Os clubes de caça e tiro obedeciam à mesma finalidade do lazer e do convívio. Sua origem remontava às corporações de jovens na Alemanha que, em tempos de perigo, se reuniam para a defesa de burgos e castelos e, em tempos de paz, participavam dos festivais de colheita da primavera. Aí, ao lado das competições de tiro, realizavam-se jogos, danças, cantos, etc, cujo propósito era exercitar o corpo, promover a diversão e estimular a camaradagem. (Alencastro, 1997. p. 119).

Caracterizadas tais diferenças entre os imigrantes do Sul e de Petrópolis, há ainda que considerar, finalmente, outro (e talvez o mais importante) fator de não-assimilação cultural. Trata-se de um aspecto específico da sociedade alemã e que, tudo leva a crer, refletiu-se na colônia germânica no Brasil: o “nacionalismo” – não como elemento meramente político, mas como fator constitutivo da identidade coletiva e individual. Trata-se de uma identidade inicialmente baseada na experiência de uma vida difícil, nas classes mais baixas da sociedade e que, além de tudo, se estruturava sobre uma pátria dividida e “fraca”: a Alemanha.

Pois, assim como no desenvolvimento de uma pessoa individual, as experiências de períodos anteriores de sua vida continuam tendo um efeito no presente, também as experiências passadas influem no desenvolvimento de uma nação. O sentimento de que o império alemão foi, por largo tempo, um Estado fraco e ocupou uma posição relativamente baixa na hierarquia dos Estados europeus, ainda prevalece [...] O amor próprio das pessoas sofreu em consequência disso; elas se sentiram humilhadas. Pode-se ler em muitos depoimentos provenientes da Alemanha, nos séculos XVII e XVIII, com freqüência, as pessoas experimentarem em seus próprios corpos como a Alemanha era fraca, por exemplo, em relação à França, à Grã-Bretanha, Suécia ou Rússia, porque estava fragmentada (Elias, 2002. p.165)

Ainda analisando especificamente o imigrante alemão, há que se destacar: além desta experiência “histórica” e cultural; além das experiências comuns a qualquer imigrante (possível crise de identidade, um embutido sentimento de perda

na estruturação de uma identidade individual etc) ele passaria por outra “provação”: ainda viveria a troca da pátria dividida e “fraca” (a Alemanha) em favor de outra, “incerta”, até “selvagem”, que era o Brasil. Uma pátria adotiva que, é possível crer, em vários pontos não era assimilável completamente.

A não integração dos imigrantes prosseguiu nos seus descendentes. Não apenas pelos motivos já expostos ou sugeridos, mas também em função de um incidente histórico: a unificação alemã de 1871 – ou, em melhor análise, a criação de um Estado referencial para os alemães que viviam no *Reich* e fora dele. É importante notar que esta referência não era válida apenas para os imigrantes, mas que foi herdada aos teuto-brasileiros. Da “humilhação” histórica de seus ancestrais, os teuto-brasileiros, tal como os alemães que viviam então na Alemanha, passaram a enxergar a pátria (ou, em última análise, sua própria identidade individual) de maneira diametralmente oposta à de seus pais ou avós.

[...] esse sentimento de fraqueza e de inferioridade de poder se converteu de súbito no seu oposto, quando o outrora escassamente integrado Estado veio, ainda que tardiamente, a unificar-se no contexto de uma guerra vitoriosa. No lugar dos sentimentos de inferioridade nacional, cujas raízes eram, com freqüência, muito profundas, surgiam agora os sentimentos fortemente enraizados de grandeza e poderio nacionais. [...] O pêndulo foi do extremo da humilhação para o extremo da exultação [...] (Idem)

Se dificuldades há para qualquer tipo de mensuração quantitativa a respeito da colônia alemã (e de seu grau de assimilação), é esta dificuldade, de caráter qualitativo, que centra as questões propostas neste trabalho: a presença da idéia, na identidade dos teuto-brasileiros, da vinculação a uma pátria forte e vitoriosa. Uma pátria não conhecida, sequer avistada, a “antítese da brasilidade”. Mas era a pátria que se afirmava no cenário mundial a partir da unificação do Estado. Trata-se aqui da não assimilação à pátria onde se nasce e se vive – em troca da pátria “afetiva”, que sequer foi avistada. Trata-se aqui da tentativa de conciliar, no próprio termo “teuto-

brasileiro”, uma individualidade paradoxalmente marcada pela dualidade, por duas partes que em vários aspectos não se integram. Trata-se, enfim, de uma identidade coletiva que, sob a pressão da crise política, na qual, mais que nunca, a questão das nacionalidades está em jogo, se manifesta igualmente dual.

Esta coletividade vai buscar elementos para entender, refletir e “defender” a própria identidade. A tentativa será a de se construir espaços simbólicos onde a identidade possa constantemente ser discutida – ou “defendida” ou, ainda, reafirmada. Para alemães e teuto-brasileiros em Petrópolis, o principal espaço construído será um meio de comunicação: o jornal *Nachrichten*.

Capítulo 3

O Jornal

Imprensa

A imprensa nacional: algumas características

Segundo Nilson Lage (1982), a história do jornalismo brasileiro pode ser dividida em quatro períodos distintos, dos quais os três primeiros interessam diretamente à presente pesquisa:

- 1º – [...] o de atividade sobretudo panfletária e polêmica, que corresponde ao Primeiro Reinado e às regências;
- 2º – o de atividade predominantemente literária e mundana, que corresponde ao Segundo Reinado;
- 3º – o de formação empresarial, na República Velha;
- 4º – e a fase mais recente, marcada por oposições aparentes do tipo nacionalismo/dependência, populismo/autoritarismo, tanto quanto pelo uso intensivo na comunicação no controle social. (Lage, 1982: p. 30).

O primeiro período começa em 13 de maio de 1808, com o decreto do príncipe dom João que criou a Imprensa Régia (rebatizada, sucessivamente, de Real Tipografia, Tipografia Real, Tipografia Nacional e, atualmente, Departamento de Imprensa Nacional). Dela saiu, em 10 de setembro de 1808, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro jornal impresso no Brasil, que durou até 1822. O segundo passo foi dado pela Bahia, através do *Idade D'Ouro do Brasil* (1811-1823)³². A partir daí, a atividade do jornalismo brasileiro vive uma fase de grande expansão, atingindo diferentes cidades do país, que vê surgir, sobretudo nas capitais, veículos de comunicação com suas próprias características regionais, mesmo antes da independência.

³² “Costuma-se apontar como primeiro periódico brasileiro o *Correio Brasiliense*, que circulou a 1º de junho de 1808, editado na Inglaterra por Hipólito José da Costa. Três meses depois, foi lançada no Rio a *Gazeta*, órgão oficial do Governo, dirigido por Frei Tibúrcio José da Rocha e censurado pelo Conde de Linhares” (LAGE, 1979).

Inúmeras pesquisas apontam, nesta primeira fase, a importância da imprensa no processo sócio-político de estabelecimento do estado nacional brasileiro. As manifestações políticas no país, desde o fim do período colonial, já se desenhavam, muitas vezes, com base em artigos publicados nos jornais que circulavam na corte e principais cidades. Eram, quase sempre, jornais de vida efêmera (maior ou menor, de acordo com as circunstâncias políticas) e, sobretudo na regência, “panfletários” – e definidos no epíteto comum de “pasquins” (Sodré, 1966). A sustentação (financeira e editorial) de um grupo político, uma oficina tipográfica e um impressor eram suficientes para viabilizar a circulação de tais veículos.

No período regencial (1831-1840), sobretudo, a imprensa foi marcada por um novo gênero de jornalismo, o pasquim, que em centenas de títulos apelava para a violência, para a difamação e para a calúnia. Cada movimento político correspondia ao surgimento de dezenas de novos títulos. (Ipanema, 1977³³)

Nos artigos, predominava a violência verbal e o deboche, num evidente sectarismo, visando a ação partidária – que, não raro, terminava em violência física: sedes de publicações foram invadidas e oficinas, depredadas. Pior ainda: jornalistas ou responsáveis por jornais foram, até o fim da regência, assassinados, feridos ou exilados, sempre em virtude de questões políticas. A linha do pasquim foi uma tendência que predominou na imprensa brasileira até meados do segundo reinado, quando o “jornal de um homem só” começou a perder terreno.

A segunda fase da imprensa brasileira, já no segundo reinado, ficou caracterizada pelo sucesso de algumas iniciativas. Uma breve comparação dá a idéia deste desenvolvimento: em 1827 circulavam regularmente 18 jornais em território nacional; em 1882, seriam 320 títulos. A notícia – ou relato cotidiano – e a introdução do gênero folhetinesco começaram a tomar seu espaço, ao lado de um mercado publicitário que dava seus primeiros passos. Nas primeiras décadas do segundo

³³ IPANEMA, Marcelo. Palestra proferida no Centro de Cultura de Petrópolis em 14 de outubro de 1977 – anais da Biblioteca Municipal de Petrópolis.

reinado, o país testemunhou a consolidação de iniciativas jornalísticas, algumas das quais (como o *Jornal do Commercio*, de 1827, ainda do primeiro reinado; o *Diário de Pernambuco*, de 1854; ou mesmo *A Província de São Paulo*, de 1875, hoje *Estado de São Paulo*) permanecem até hoje. Neste período, o jornalismo brasileiro passou por uma fase eminentemente cultural (Lage), abrigando homens de letras em publicações literárias e/ou acadêmicas – ainda que subsistissem veículos, em menor número, como *A República* (1870-1887), órgão do Partido Republicano, voltados eminentemente para a defesa de propostas políticas.

O jornalismo da terceira fase – que Lage subdivide entre os períodos da República Velha (1889-1930) e Estado Novo (1937 a 1945) – “descobriu a publicidade e a perspectiva empresarial” (p.34). Inovações tecnológicas também influenciaram o processo de evolução dos jornais: as melhorias nas técnicas de impressão foram transformando as tipografias, que passaram a produzir cada vez mais, com melhor qualidade e menor custo. O estabelecimento das rotas de navegação a vapor e, mais tarde, a instalação de cabos submarinos (1876), com a conseqüente ligação telegráfica com a Europa, permitiram a troca de informações com mais velocidade e regularidade. Destaque-se, neste período, a fundação do *Jornal do Brasil* (1891) e sua dinâmica empresarial. Em breve, ele iria concorrer diretamente com os maiores jornais da capital (*Gazeta do Rio de Janeiro*, *Correio da Tarde*, *O País*, *Jornal do Commercio* e *Gazeta de Notícias*).

Estas inovações, entretanto, ainda não iriam sedimentar totalmente as garantias de liberdade de expressão ou a instituição de uma imprensa absolutamente objetiva e desapaixonada³⁴. O processo que desencadeou a proclamação da república, em 1889, e a desestabilização do cenário político, nos anos subseqüentes, viriam a influenciar novamente a linha editorial dos jornais brasileiros. O texto opinativo e de

³⁴ JORGE, Fernando. **Cala a boca, jornalista!**

caráter político, em regra tendencioso e adjetivado, permaneceu no espírito que norteava o pasquim do primeiro reinado e da regência. E, mais uma vez, periodicamente, jornalistas foram alvos de violência. Eventualmente, jornais e oficinas voltaram a ser invadidos e empastelados. Tais iniciativas de censura seriam registradas, com freqüência e regulamente.

Jornais em língua estrangeira no Brasil

O cenário político de estabilidade no segundo reinado também foi favorável ao surgimento de inúmeros títulos “estrangeiros” – isto é, jornais publicados em idioma estrangeiro, voltados para imigrantes radicados no país. À evidente exceção dos periódicos da colônia portuguesa, tais jornais eram impressos em língua estrangeira com base no direito de liberdade de imprensa, garantido na Constituição de 1824³⁵. A utilização de idioma estrangeiro só viria a ser suspensa no país com o advento do Estado Novo.

Os pioneiros, ainda do tempo do primeiro reinado, são os britânicos *The Rio Herald* (1826) e, a partir de 1834, o *The Rio Packet*. Os franceses, também no tempo de dom Pedro I, mantinham na corte o seu *Courrier du Brésil* (1826) e, anos depois (1850), criavam o *Étoile du Sud*. A colônia italiana, igualmente, a partir da segunda metade do século XIX criou e imprimiu seus jornais no Rio, com destaque para o *Avanti!*, de 1891 (Sodré, p. 120).

Iniciativas semelhantes são registradas, ao longo de todo segundo reinado e primeiros anos da república também na Bahia, Pernambuco, Ceará, Santa Catarina, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. E nesta última província citada é que foi criado o primeiro jornal em língua alemã no Brasil: *O Colono Alemão* (1836), surgindo ainda

³⁵ A principal fonte de informações sobre jornais de língua estrangeira no Brasil, apresentadas neste capítulo, foram coletadas em SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil.**

dentro do conturbado cenário de disputas na revolta Farroupilha e que teve vida breve. Os soldados alemães que haviam lutado pela República de Piratini também iriam ter, em 1852, outro jornal em seu idioma natal – o *Brummer* (“Varejeira”).

Em 1853, surgiria no Rio, e com o apoio da coroa, o *Der Deutsche Einwanderer* (“O imigrante alemão”), transferido, no mesmo ano, para Porto Alegre, em substituição ao *Der Colonist - Wochenblatt für Handel, Gewerbe und Landbau* (“O Colono - Semanário para Comércio, Indústria e Agricultura”), que desde o ano anterior vinha sendo impresso em Porto Alegre.

Também em Porto Alegre viria a surgir um dos mais importantes veículos em língua alemã no Brasil – o *Deutsche Zeitung* (“Jornal Alemão”), que circulou entre 1861 e 1917. Ainda no século XIX, este jornal teve como redator Carlos von Koseritz, figura de destaque na história da colonização alemã no Brasil, que fundaria em 1881 seu próprio jornal – o *Koseritz's Deutsche Zeitung* (“Jornal alemão de Koseritz”), por ele próprio dirigido até 1890, quando da sua morte.

A imprensa local: conceituação

Nem só dos jornais da corte e das capitais provinciais, em títulos famosos, vivia a estruturação da imprensa brasileira. E para compreendê-la nas demais cidades, é preciso estabelecer entendimento acerca de o que se pode chamar imprensa local ou, ainda, municipal – e o historiador Marcello Ipanema (1977) aponta instrumentos importantes para a compreensão desta classificação. O primeiro deles é o local e a data de impressão dos jornais municipais: sob um ponto de vista formal, estas informações são “anotações apostas nos jornais”, no que hoje é classificado tecnicamente, nas redações, como expediente. Mas, num segundo aspecto, esta caracterização necessita de avaliação mais acurada. Ipanema cita como exemplos desta necessidade os primeiros jornais do Rio Grande do Norte (*O Nortista* e *O Sulista*, surgidos em 1849): ambos eram editados e impressos em São Luís do Maranhão. No

Rio, por sua vez, havia o *Verdadeiro Cacique*, de 1833, editado e impresso na corte, mas destinado ao município de Itaguaí. Por isso mesmo, também o conteúdo das publicações, observa Ipanema, não seria suficiente para conceituar uma imprensa municipal: “Em muitos casos, publicações periódicas são impressas em determinados municípios apesar de seus conteúdos estarem deles totalmente desvinculadas” (1977).

Conteúdo e local de impressão, porém, podem auxiliar na definição das estruturas de uma imprensa municipal quando somadas a um outro elemento: a circulação. É possível, por exemplo, que um periódico seja editado num município “sendo desligado do contexto local, não tendo matérias sobre coisas e pessoas deste município e, ainda assim, merecer a classificação de municipal” (idem). O fato ocorreria na hipótese de o periódico ter veiculação entre os munícipes, de haver circulado num determinado grupamento social e passado a ter participação na vida política e/ou cultural de uma determinada região ou cidade. Assim considerando, apenas quando os dados analisados (local de impressão, conteúdo e veiculação) são reunidos é que se torna possível caracterizar ou identificar os periódicos eminentemente municipais, isto é, voltados para a comunidade de um determinado espaço urbano.

A imprensa em Petrópolis

A província do Rio de Janeiro foi a oitava a contar com jornais impressos³⁶. O primeiro jornal fluminense surgiu em 1829, na capital Niterói: era o *Eco na Vila Real da Praia Grande*. Além de Niterói e Campos, os municípios de Cantagalo, Resende, Itaboraí, Valença, Itaguaí e Cachoeiras de Macacu antecederam Petrópolis na elaboração de

³⁶ Há que se considerar, no entanto, que a primeira iniciativa foi *O Espelho Campista*, de 1826. No entanto, não era um jornal impresso: na falta de tipografia, era redigido à mão.

jornais.³⁷ O primeiro periódico petropolitano foi *O Mercantil*, de 3 de março de 1857, criado, portanto, apenas 14 anos após a fundação da Imperial Colônia de Petrópolis. Tratava-se de um veículo com uma meta bastante definida: defender a proposta de elevação de Petrópolis à categoria de cidade sem a necessidade de transformar-se antes em vila – o que efetivamente ocorreu ainda naquele ano. O segundo jornal petropolitano em português foi *O Parahyba* (dezembro de 1858) e, ainda no segundo reinado, surgiram *O Arauto* (1880) e *Mignon* (1883), que circularam por menos de três anos.

Mas o segundo jornal na história da cidade imperial era publicado em alemão e chamava-se *O Brasília* (1858-1861). Inicialmente, constituía-se na quarta página de *O Mercantil*. A partir de 1859, passou a contar com tipografia própria. Foi o primeiro do gênero na província e o segundo na corte. *O Brasília* foi sucedido como jornal “alemão” pelo *O Germânia*, impresso em Petrópolis, entre 1864 a 1873³⁸. A cidade imperial ainda veria surgir ainda o *Deutsches Wochenblatt* (“Semanário Alemão”), em 1876, que parou de circular no ano seguinte – vida efêmera, tal como seria a do *Brasilianische Deutsche* (“Teuto-Brasileiro”), surgido e desaparecido em 1901³⁹. Isto faz do *Nachrichten* o único jornal fluminense publicado em alemão com período de circulação apreciável (1900-1917).

A partir da proclamação da República, registra-se grande proliferação de publicações em Petrópolis: o historiador petropolitano Oazinguito Ferreira (1982) registra o surgimento de nada menos que 135 títulos na cidade imperial, desde *O Mercantil* (que chegou a ter circulação na corte) até 1990, média de um novo título a cada ano. Destes, 70% eram jornais e 14%, revistas. Nos demais casos, trata-se de

³⁷ IPANEMA, Marcello. 1977.

³⁸ Em 1873, *O Germania* foi transferido para o Rio, onde circulou até 1888, com o nome de *Algemeine Deutsche Zeitung für Brasilien* (“Jornal da Comunidade Alemã para o Brasil”).

³⁹ FRÓES, Gabriel Kopke, **A Imprensa em Petrópolis**.

almanaques, anuários, edições comemorativas e/ou pertencentes a outras categorias. Para efeito de registro é preciso lembrar que apenas uma outra publicação, de caráter cultural, em língua estrangeira (*Le Timbrophili Brésilien*, de 1896, em francês) também circulava na cidade quando do surgimento do *Nachrichten*. E que somente outra colônia de imigrantes (a portuguesa) mantinha veículo próprio (o *Echo Lusitano*, de 1901).

Esta pesquisa está limitada ao período em que o *Nachrichten* circulou (1900-1917). Inúmeras publicações, com variados objetivos, surgiram em Petrópolis nestes 17 anos⁴⁰. Foram nada menos que 61 títulos neste período⁴¹. A maioria destes veículos teve vida efêmera (menos de três anos de circulação). Uma análise qualitativa das linhas editoriais dos veículos de então mostra que o *Nachrichten* foi fundado e circulou numa época em que predominavam os jornais noticiosos, políticos e humorísticos. Quanto à periodicidade: a grande maioria era publicada duas vezes por semana, tal como o *Nachrichten*. Os jornais noticiosos diários (como a *Tribuna de Petrópolis* e o *Correio da Manhã*) eram minoria.

Linha editorial: conceituação e critérios de análise

A análise sobre a linha editorial do *Nachrichten* passa por uma breve, porém necessária, conceituação e classificação de periódicos de acordo com os critérios usualmente adotados para os veículos de mídia impressa – e, mais especificamente, com relação aos jornais. O *Dicionário de Comunicação* (1979), por exemplo, classifica os veículos jornalísticos em quatro grupos básicos:

– Grande Imprensa: “Conjunto dos principais órgãos de imprensa, editados por grandes empresas jornalísticas”;

⁴⁰ Surgiram neste período os títulos dos dois únicos jornais diários que atualmente circulam na cidade: a *Tribuna de Petrópolis* e o *Diário de Petrópolis*.

⁴¹ Somente no ano de 1899, imediatamente anterior ao marco inicial proposto pela presente pesquisa, foram criados nada menos que oito novos títulos.

- Imprensa alternativa: “Diz-se dos órgãos de imprensa (especialmente jornais e revistas) editados por grupos independentes dos interesses estabelecidos, e que constituem, em relação às fontes tradicionais de informação, uma opção para o público leitor, em termos ideológicos, formais ou temáticos”;
- Imprensa amarela: “Imprensa sensacionalista”;
- Imprensa do leitor: “Órgãos de imprensa escrita que se propõem a seguir uma linha editorial publicamente firmada e completamente livre de pressões econômicas, como procedimentos fundamentais em seu objetivo de defender as idéias e interesses do público ao qual se destinam”.

Quanto aos gêneros destes veículos, o Dicionário de Comunicação menciona os seguintes grupos:

- Jornalismo informativo: aquele em que predomina ênfase à notícia objetiva;
- Jornalismo interpretativo: tendência de aliar a interpretação, tão ponderada quanto possível, dos fatos em paralelo à rigorosa objetividade da notícia presa aos fatos;
- Jornalismo opinativo: manifesta o juízo que o veículo, jornalista ou especialista na matéria faz do assunto. O jornalismo opinativo está representado principalmente nos editoriais e em alguns artigos, crônicas e sueltos;
- Jornalismo de entretenimento: representado pelas matérias recreativas (*features*).

Para efeito desta pesquisa, interessam mais os conceitos de imprensa do leitor e de jornalismo opinativo – aqueles que mais se aproximam do jornalismo político. Tais conceitos são os que melhor caracterizam a linha editorial do *Nachrichten* – que, em termos formais, não se enquadra na definição de “imprensa alternativa”: era, a seu tempo, uma fonte “tradicional” de informação e autodenominado “órgão para os interesses teuto-brasileiros”⁴². Além disso, ao menos no período analisado, o *Nachrichten* dedicava a maior parte do espaço de cada edição aos artigos e notícias

⁴² No original, *Organ für Deutsche-Brasilianer Interessen*, denominação que acompanhou o título do cabeçalho do jornal durante toda sua existência (1900-1917)

comentadas, tal como prevê a definição de jornalismo opinativo. Mesmo no período da guerra – em que o jornal noticiava regularmente os sucessos nos campos de batalha da Europa – não é possível vinculá-lo ao conceito de jornalismo interpretativo, uma vez que cada notícia era redigida sob um ponto de vista nitidamente tendencioso⁴³. Fica, portanto, caracterizado que a pesquisa trabalhará sobre um veículo opinativo, voltado para os interesses de um público específico.

O *Nachrichten*.

Considerações preliminares

O jornal que serve de base à presente pesquisa circulou pela primeira vez em 17 de novembro de 1900. Foi fundado por três descendentes de colonos alemães em Petrópolis e, a partir de 1903, ficou sob o controle de apenas um dos sócios – Edmundo Hess, que também dava o nome à gráfica da editora (Von Hess Verlag) onde o jornal era impresso⁴⁴. A gráfica e a redação funcionaram na Praça da Liberdade e, a partir de setembro de 1911, na Avenida XV de Novembro (hoje Rua do Imperador), sendo ambos os endereços no centro da cidade. No ano seguinte à sua fundação, surgiu também em Petrópolis o já citado *Brasilianische Deutsche* (“Teuto-Brasileiro”), desaparecido em 1901.

A característica principal do *Nachrichten* é o fato de o jornal ter sido publicado em alemão, uma vez que era voltado para a colônia germânica (imigrantes e descendentes). Em pouquíssimas circunstâncias (notadamente a partir da declaração de guerra na Europa, em 1914) seriam publicados textos em português. Mesmo na publicidade, dominavam os anúncios com textos em alemão e também neste setor

⁴³ Alguns, dentre vários, exemplos significativos: o imperador alemão era tratado como *unser* (“nosso”) *kaiser* e as tropas do Reich, como “nossas tropas”. Países integrados ao Eixo (Áustria-Hungria, Turquia e Bulgária) eram designados como “nossos aliados”.

⁴⁴ Revista do Instituto Histórico de Petrópolis, 2001.

predominavam interesses da colônia teuto-brasileira⁴⁵. Surgido com quatro páginas, o *Nachrichten* passou a contar com seis e, eventualmente, até oito páginas nos anos 10 (um terço das quais dedicada à publicidade).

O levantamento de dados para a presente pesquisa aponta que a base do projeto editorial do *Nachrichten* permaneceu praticamente a mesma ao longo de toda a história do jornal. Pouco mudou entre o primeiro número (onde o veículo explica seus objetivos servir à informação e à expressão da comunidade teuto-brasileira), até o último (onde anuncia a declaração de guerra do Brasil à Alemanha). A manutenção no formato e nas características de redação originais, bem como o fato de apenas haver apenas um proprietário-jornalista ao longo de sua história, também indicam que o do *Nachrichten* evoluiu ou mudou, em termos editoriais, muito pouco nos seus 17 anos de vida.

Vale observar: é interessante que o *Nachrichten*, cuja tendência política é nítida mesmo sob uma leitura superficial, apareça citado em uma publicação recente, mas já renomada, como sendo uma “revista de leitura feminina publicada em Petrópolis”, editada “por Pedro Müller em 1875”⁴⁶.

Mas apesar de a base de a política editorial do *Nachrichten* manter-se praticamente inalterada, a análise do noticiário, quanto ao aspecto da qualidade do seu discurso, tende a dividir-se em fases distintas, de acordo com os acontecimentos. Assim é que o “discurso” do jornal quanto às questões voltadas para a nacionalidade alemã, e mantido até 1914, vai se alterando à medida que o início da guerra se aproxima. Volta a mudar após o começo do conflito. Novas mudanças surgirão após o rompimento Brasil-Alemanha (maio de 1917).

⁴⁵ São maioria os anúncios das sociedades, clubes e comunidade evangélica (editais de convocação, sobretudo), ao lado de publicidade de casas comerciais, fábricas (como a Bayer) e bancos de proprietários alemães ou teuto-brasileiros. É notável que mesmo os anúncios de emprego são redigidos em alemão.

⁴⁶ ALENCASTRO, Luiz Felipe de; RENAUX, Maria Luiza. **História da Vida Privada no Brasil 2**: 329.

Para compreender o papel político desempenhado pelo *Nachrichten*, é preciso contextualizar, ainda que apenas nas suas linhas mestras, a política nacional e internacional ao longo deste período. Trata-se, afinal, do quadro em que se inscreve a análise do jornal de uma comunidade que, de periódico tradicional, transformou-se em “porta-voz” ou, pelo menos, símbolo “estrangeiro” – na medida que a Alemanha transformava-se de país amigo em inimigo. Trata-se de tentar estabelecer os parâmetros que delimitam a ação política deste jornal, especialmente aqueles diretamente ligados ao cenário brasileiro. Faz-se necessário, portanto, destacar os pontos fundamentais da rota que levou o Brasil à guerra.

Entre 1900 e 1914, as páginas do *Nachrichten* trazem um noticiário que mescla o noticiário local com temas de caráter nacional e, principalmente, internacional. Questões pontuais da cidade de Petrópolis parecem ter menor peso que eventos ocorridos em outros estados ou no exterior. Obedecendo à sua linha editorial, o *Nachrichten* também trazia constantemente notícias de interesse da colônia alemã em outros pontos do país – em geral, fatos ligados ao cotidiano dos imigrantes e descendentes radicados no Sul do Brasil. Acontecimentos relativos à Alemanha encontram o maior destaque. Eleições para o parlamento alemão, pronunciamentos do kaiser, relações diplomáticas e conquistas tecnológicas e econômicas do Reich são regularmente noticiadas.

À medida que o início da guerra se aproxima, o noticiário vai ganhando tensão: disputas internacionais envolvendo a Alemanha (diretamente ou não), como as chamadas Questões Marroquinas⁴⁷, por exemplo, tiveram ampla cobertura. Em paralelo, ganharam espaço análises sobre governos e sociedades dos países que, em

⁴⁷ Disputas entre França e Alemanha acerca da soberania do Marrocos, que resultaram em crises diplomáticas em 1906 e 1912. Ambas as potências tinham interesse em controlar politicamente o país africano. O próprio kaiser chegou a visitar Marraquesh, visando uma aproximação. A disputa quase termina em conflito, quando navios de guerra dos dois países passaram a marcar presença na costa e portos marroquinos.

1914, estariam em guerra com a Alemanha. Da mesma maneira, a política externa belicista do *Reich*, as constantes evocações ao “espírito militar” prussiano e crítica à política externa de Inglaterra, França e Rússia também estavam presentes, dando o tom da iminência do conflito.

O assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, em Sarajevo, no dia 28 de junho de 1914, foi o ato que acendeu o estopim do conflito, originando a primeira declaração de guerra (Áustria-Hungria à Sérvia, no dia 28 de julho), como é sabido. Até então, nas décadas anteriores, as relações internacionais foram marcadas por uma tensão europeia que contrapôs Inglaterra e França (ao lado da Rússia, na chamada *Entente Cordiale*, que viria a compor os *Aliados*) à Alemanha (que com Áustria-Hungria e Itália formavam a chamada *Triplíce Entente*, base do *Eixo*).⁴⁸

O início da guerra foi marcado pela grande ofensiva alemã sobre a França, através do território belga, iniciativa que durou duas semanas (de 26 de agosto a 10 de setembro de 1914). Este ataque foi contido somente na batalha do Marne. As primeiras vitórias sobre franceses e ingleses foram noticiadas no *Nachrichten* com um mal disfarçado entusiasmo. Mais tarde, os alemães iriam recuar. Mas a linha de combate na frente ocidental (centro nevrálgico da disputa) manteve-se sempre em território francês até o fim do conflito. Ela sofreria poucas alterações de vulto em virtude da tática (adotada por ambos os lados) da “guerra das trincheiras”, que consistia basicamente no estabelecimento de linhas fixas de defesa – tornando as ofensivas menos eficientes e, portanto, as conquistas de território pouco expressivas.

No inverno 1914-1915 intensificou-se a guerra naval. Também neste período, o conflito começou a tomar seu aspecto global⁴⁹: a disputa na Europa começou a refletir-

⁴⁸ Fontes de informações sobre a Primeira Grande Guerra utilizadas neste capítulo: coleções e **Meyers Lexicon**, Editora Meyer: Berlim, 1916; e **Der Deutsche Brockhaus**. Edição Brockhaus: Leipzig, 1929-1935.

⁴⁹ Será em maio de 1915, por exemplo, que o *Nachrichten* passa a se referir ao conflito como *Weltkrieg* (“guerra mundial”).

se mais efetivamente nas colônias da África e da Ásia (onde o Japão, envolvido desde agosto de 1914, começa a registrar suas primeiras vitórias expressivas contra o Eixo).

A possibilidade de ampliação do conflito e da participação do Brasil na guerra contra a Alemanha trouxe nova mudança no noticiário do *Nachrichten*: era preciso “combater” a propaganda aliada. Neste período, seria preciso “combater” os brasileiros pró-Aliados. Era preciso evidenciar a “decadência” inglesa, a “derrota” francesa e a “tirania” russa. Depois, seria preciso “combater” a democracia norte-americana. Mais tarde, enfim, seria preciso “lutar” para assegurar a integridade da cultura e práticas dos imigrantes alemães no Brasil – mesmo porque, neste momento, eram consideradas símbolos hostis.

O rompimento diplomático e a posterior entrada do Brasil na guerra estão vinculados à participação norte-americana. Os Estados Unidos não se envolveram diretamente nas crises que antecederam a guerra e só iriam participar militarmente três anos após o início das hostilidades na Europa – atitude que, de certa maneira, iria nortear a posição dos demais países americanos. O Brasil, portanto, viria a adotar a neutralidade⁵⁰ até que, tal como os EUA, se vissem diretamente envolvidos, também no ano de 1917, devido ao bloqueio naval anunciado pela Alemanha em águas européias: esta iniciativa ameaçava de torpedeamento as embarcações dos países neutros. A posição norte-americana foi de combater diplomaticamente a tática alemã, iniciativa infrutífera, até que também os EUA rompessem diplomaticamente (4 de fevereiro) e declarassem guerra ao *Reich* (6 de abril).

Nesta oportunidade, os norte-americanos fazem um apelo que iria modificar a postura brasileira: “O presidente Wilson convida os neutros a acompanharem o gesto

⁵⁰ A imprensa também parecia manifestar esta tendência de neutralidade, pelo menos no que diz respeito ao *Nachrichten*. Exemplo disto é o agradecimento publicado pelo jornal, em 18 de novembro de 1916, aos “colegas de imprensa do *Diário da Manhã*, de *O Comércio* e do *Jornal do Commercio*, do Rio, pelas amáveis palavras manifestadas por ocasião do aniversário do *Nachrichten*”.

dos Estados Unidos. O Brasil é neutro”⁵¹. Mas, mesmo após a declaração de guerra dos Estados Unidos, o governo brasileiro ainda tenta evitar seu envolvimento. Somente em maio, três meses após o convite de Wilson, forçado pela opinião pública e pela materialização da ameaça alemã (com o afundamento de três mercantes nacionais no litoral atlântico francês e Mediterrâneo⁵²), é que o Itamaraty anunciaria o rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, dando início à terceira fase de análise do *Nachrichten*.

Ainda não era a guerra. Ainda seriam necessários outros cinco meses de paz, mas tensos, que terminaram em um novo ataque alemão:

[...] o governo brasileiro estava firme nos seus ideais. Até que, em fins de outubro, mais precisamente no dia 19, torpedos afundam outro navio brasileiro, o *Macau*, e o põem a pique junto com a prudência nacional. (Garambone, p.91)

A declaração de guerra viria no dia 27. O Brasil seria o quarto país americano⁵³ a envolver-se na grande guerra. E foi o único da América Latina a enviar força militar para o teatro de operações⁵⁴.

Características de formato, planejamento editorial e edição

Em seus 17 anos de existência, o *Nachrichten* manteve sempre o mesmo formato e características de impressão (com 21cm X 28cm, de quatro a oito páginas, em preto e branco). Sob o ponto de vista gráfico, mudou muito pouco do primeiro ao último número: ambos trazem o cabeçalho exatamente no mesmo formato e a tipografia não

⁵¹ GARAMBONE, Sidney. **A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira.**

⁵² Os mercantes *Paraná*, *Tijuca* e *Lapa*. Outros dois navios (*Acaré* e *Guaíba*) seriam torpedeados em 1918.

⁵³ Depois dos EUA, em 6 de abril de 1917, e antes do Brasil, em 27 de outubro, declararam guerra à Alemanha: Panamá (8 de abril), Cuba (10 de abril), Sião (22 de julho), Libéria (27 de julho) e China (14 de agosto).

⁵⁴ Além da missão médica, que partiu em agosto. A Divisão Naval Brasileira da Marinha de Guerra partiu com nove navios em missão de patrulhamento no Norte da África, mas não chegou a combater. Ainda assim, foram registradas 55 mortes devido à *influenza hespanhola*.

se alterou fundamentalmente, seja nos títulos, seja nos textos. As páginas eram divididas sempre em três colunas. O jornal em geral não publicava imagens senão nos anúncios⁵⁵. O *Nachrichten* circulava duas vezes por semana (domingos e quartas-feiras) e oferecia serviço de assinatura. Não existem registros de tiragem nos exemplares disponíveis para consulta.

A hierarquia das matérias obedecia a dois critérios, ainda hoje válidos para veículos de comunicação impressos. O primeiro era a localização do texto (as matérias mais importantes vinham sempre em primeiro de acordo com a ordem de leitura, da esquerda para a direita, a partir da primeira página para a última). O segundo critério era o espaço ocupado (sempre proporcional à importância atribuída à matéria). Isto significa que a matéria principal da edição vinha sempre na primeira página, com título em uma coluna à esquerda. Eventualmente o texto continuava na(s) página(s) seguinte(s). A partir daí, ainda de acordo com a ordem de leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita), seguiam as matérias menores até que se chegassem as notas – em geral encimadas pelo título *Notizen* (“Notícias”). Apenas em duas oportunidades foi registrada, no levantamento de dados realizado para a presente pesquisa, a publicação de notícias extraordinárias (isto é, redigidas após a impressão do jornal já estar concluída). Elas estavam em pequenas folhas (12 cm X 6cm) encartadas. No texto, o editor fazia informar que aquele expediente era um caso excepcional⁵⁶.

O restante do espaço era dividido entre texto jornalístico e publicidade, até a última página – esta ocupada apenas por anúncios. Eventualmente, alguns anunciantes faziam inserir sua publicidade no meio do corpo do texto da matéria

⁵⁵ Nos exemplares disponíveis para consulta, encontra-se apenas uma exceção: a foto do Barão do Rio Branco, por ocasião de sua morte (edição de 14 de fevereiro de 1912).

⁵⁶ A primeira notícia avulsa refere-se ao resultado das eleições para o congresso brasileiro, em 1912. A segunda traz a informação da primeira grande ofensiva do exército alemão em território francês (setembro de 1914).

principal, logo à primeira página. O jornal eventualmente também trazia encartes de publicidade.

Critérios para análise de dados

Apesar de a base da linha editorial do *Nachrichten* haver se mantido inalterada durante toda a história do periódico, de acordo com as circunstâncias políticas nacional e internacional, o conteúdo do noticiário sofreu sensíveis modificações quanto à qualidade do seu discurso. Assim entendendo, no que tange à análise desta qualidade o levantamento de dados divide-se em três fases bastante características e diferentes entre si, a saber:

- Primeira fase: Pré-guerra – de agosto de 1911 a agosto de 1914;
- Segunda fase: Entre o início da guerra e o rompimento diplomático Brasil-Alemanha – de agosto de 1914 a maio de 1917;
- Terceira fase: Do rompimento diplomático Brasil-Alemanha à declaração de guerra – de maio de 1917 a outubro de 1917.

O levantamento de dados coletou as matérias (notícias ou artigos) e classificou-os de acordo com seu conteúdo ou tema. Esta classificação dispõe o material com as seguintes classificações:

- Local: matérias sobre a cidade de Petrópolis;
- Brasil: matérias de âmbito estadual ou nacional;
- O Brasil e o mundo: matérias acerca das relações internacionais do Brasil;
- Brasil e Alemanha: matérias baseadas em temas ou fatos ligados às relações diplomáticas entre os dois países;
- A comunidade teuto-brasileira: matérias acerca de temas diretamente ligados à vida dos imigrantes ou descendentes;
- Alemanha: matérias factuais ou analíticas sobre eventos ocorridos na Alemanha;
- A Alemanha e o mundo: matérias acerca das relações internacionais da Alemanha;

- O mundo: todo noticiário internacional que não envolva diretamente Brasil ou Alemanha;
- Guerra: a partir do início do conflito na Europa.

Segundo sua natureza política, as matérias foram classificadas como:

- Política: toda notícia ou artigo voltados diretamente para fato ou análise de iniciativa eminentemente política. Entraram nesta classificação, por exemplo, informações sobre iniciativas governamentais, incidentes diplomáticos, eleições, atuação política, instituições políticas do Executivo ou do Legislativo, questões militares, personalidades políticas etc. Material factual foi considerado quando envolveu questão política (revoltas ou sublevações, por exemplo). Não foram consideradas as matérias ligadas indiretamente às questões políticas (análises econômicas, por exemplo). As notícias diretamente ligadas ao conflito na Europa (mesmo aquelas que tratam apenas das operações bélicas) tiveram esta classificação em virtude do caráter político implícito em ações de guerra.
- Não-política: todo material desvinculado da atividade, iniciativa ou doutrinação política. Trata-se, neste caso, do noticiário factual desvinculado de incidente político (o afundamento do "Titanic", por exemplo) ou artigos não ligados diretamente à política, ainda que abordem questões de âmbito político secundário (análise sobre a cultura da erva-mate ou sobre a atividade luterana, por exemplo).

O levantamento abrangeu apenas as notícias e/ou artigos de maior destaque no *Nachrichten*. Tratou-se, no levantamento de dados, apenas das matérias principais⁵⁷ de cada edição: são aquelas que, segundo o critério de localização (primeira página) e espaço ocupado (texto maior), não sendo contabilizadas, portanto, as matérias

⁵⁷ As matérias principais de cada edição, bem como seus títulos, poderiam ser definidas como "manchetes", em virtude de terem, sob o ponto de vista do planejamento editorial, o mesmo peso atribuído a este elemento, segundo o jargão atualmente utilizado nas redações. No entanto, o termo não será adotado em virtude de os títulos e matérias principais na primeira página do *Nachrichten* não apresentarem equivalência gráfica ao que hoje é denominada "manchete".

menores, nas páginas internas. É compreensão do pesquisador que a variedade dos temas abordados em textos pequenos é inversamente proporcional à importância a eles dedicados na edição, o que poderia comprometer a análise da característica política do jornal.

É preciso, no entanto, destacar a dificuldade em classificar corretamente determinadas notícias quanto ao seu conteúdo político, sobretudo depois que a guerra começou. Para facilitar a análise, optou-se aqui, por exemplo, por substituir a classificação "Alemanha e o Mundo", a partir de agosto de 1914, pela classificação "Guerra", em virtude de todas as notícias a respeito das relações internacionais do *Reich* estarem, de uma forma ou de outra, ligadas ao conflito. Da mesma forma, é preciso entender que sob o título "O Mundo" estão classificadas notícias que dizem respeito apenas a países neutros – ainda que a matéria indiretamente pudesse ter relação com a guerra. Exemplos desse tipo de classificação estão em matérias sobre o poderio bélico norte-americano (antes do envolvimento dos EUA no conflito) ou sobre a declaração de neutralidade suíça. Notícias sob a classificação "Alemanha" dizem respeito a fatos ocorridos dentro das fronteiras do Reich que não têm ligação direta com a guerra (surto de gripe ou eleições para o *Reichstag*, por exemplo). Fatos como os aniversários do kaiser e o centenário de Bismarck, por sua vez, foram classificados como noticiário de guerra em virtude de estas matérias, a partir do início do conflito, terem caráter propagandístico acerca dos vultos da política alemã e de sua importância perante a consciência nacional em tempos de crise política e militar.

Também foram classificadas sob a epígrafe "Guerra", a partir de setembro de 1914, não apenas as matérias sobre a atividade bélica mas também aquelas que diziam respeito à situação interna de países envolvidos (como, por exemplo, racionamento na Grã-Bretanha, revolução na Rússia etc).

É preciso destacar ainda que o noticiário a respeito da guerra divide-se, de uma maneira geral, em dois aspectos que, apesar de bastante peculiares, mesclaram-se em

praticamente todas as edições. Ele apresenta uma face factual – quando baseado nos boletins das operações militares, com caráter eminentemente informativo (como por exemplo, na reprodução de telegramas do QG alemão, informes oficiais das notícias do *front* ou de enfrentamentos navais etc). Em paralelo, também surge analítico – quando está baseado em artigos de opinião (com exemplos nas contestações às notícias de agências francesas ou britânicas, artigos sobre a “decadência” das sociedades britânica, francesa ou norte-americana, destaque para heróis de guerra alemães, os atos do kaiser etc).

Guerra e paz nas páginas do *Nachrichten*

A primeira fase (agosto de 1911 a julho de 1914)

O cenário europeu nos anos que antecedem o início da primeira grande guerra, como já avaliado, foi marcado pela tensão. Uma tensão que se reflete nas páginas do *Nachrichten*. Incidentes diplomáticos, antagonismos, crises políticas e guerras foram regularmente noticiados. Naturalmente, no *Nachrichten* ganharam destaque neste contexto as questões que envolviam diretamente os interesses da Alemanha. A constatação é clara em alguns números (ver Gráfico I): tratam de fatos internacionais mais da metade (53%) das notícias veiculadas neste período. Deste total, as matérias sobre Europa (excluindo-se a Alemanha) e EUA respondem por 33%, um percentual superior até mesmo ao espaço dedicado a eventos relacionados ao *Reich* (20%). O noticiário nacional (i.e., o Brasil, excetuando-se temas ligados à cidade de Petrópolis e às comunidades teuto-brasileiras) fica em segundo, com 26%. O noticiário voltado para as relações entre Brasil e Alemanha (24%) e para comunidade teuto-brasileira (19%) ficam em terceiro e quarto lugares no espaço ocupado. Notícias sobre Petrópolis têm pouco destaque: apenas 5% do total. Abaixo, o levantamento quantitativo e qualitativo, segundo os critérios expostos, das notícias veiculadas neste primeiro período analisado:

TABELA I

Período I – setembro de 1914 a maio de 1917

Matéria principal de cada edição, quanto ao tema

Notícia	Política	Não Política	Total
Internacional	48	35	83
Brasil	51	10	61
Alemanha/ Internacional	24	6	30
Brasil/Alemanha	12	12	24
Alemanha	13	7	20
Comunidade teuto-brasileira	17	2	19
Local	7	5	12
Brasil/Internacional	5	0	5
Total	177	77	254

Os dados da Tabela I foram computados com base no eixo central que ordena o noticiário nos três anos que antecedem o início da guerra na Europa. São dados quantitativos que ajudam a delimitar a linha editorial do *Nachrichten*⁵⁸. Mas em relação à análise qualitativa do noticiário internacional deste período, há que se avaliar algumas matérias e suas características, de acordo com o tema.

Apesar de corresponder a um grande número de títulos (24%), as matérias políticas de âmbito nacional limitavam-se à descrição (isenta tanto quanto fosse possível) de iniciativas governamentais, sem destaque para correntes ou lideranças partidárias⁵⁹. No que tange a política interna do Brasil, seja em âmbito federal, estadual ou municipal, registra-se falta de adjetivação nos textos, bem como um reduzidíssimo número de artigos de opinião. As deliberações municipais e federais ordinárias eram noticiadas regularmente, bem como mudanças ministeriais – mas as

⁵⁹ Um único personagem destaca-se neste cenário (sendo descrito de maneira visivelmente positiva) é o senador Lauro Muller, de Santa Catarina – referido pelo *Nachrichten* sempre como um teuto-brasileiro. Há que se registrar, no entanto, que foram igualmente positivas e até mesmo elogiosas as referências do jornal a personalidades da vida pública brasileira quando de suas mortes, como nos casos do barão do Rio Branco e do visconde de Ouro Preto, ambas ocorridas em 1912.

notícias não apresentavam caráter opinativo. Mesmo nos títulos talvez seja possível destacar esta imparcialidade na construção da narrativa: matérias sobre o Executivo nacional, por exemplo, quase sempre tinham o mesmo título (“A missão do presidente” – *Die Botschaft des Bundespraesidenten*). E quando o assunto era política estadual, o título usado quase sempre era apenas uma palavra: *Staatliches*. Para as notícias municipais, *Staedtisches*⁶⁰.

Já nas matérias sobre a Alemanha, sobre as relações do Brasil com o *Reich* ou sobre a Comunidade Teuto-Brasileira, revezam-se a postura eminentemente noticiosa e o caráter opinativo. Como notícias “isentas”, vale destacar os exemplos das notícias a respeito do *Cap Finisterre*⁶¹, cargueiro alemão que a partir de 1912 começou a operar na rota regular Rio-Hamburgo (edição de 6 de janeiro) ou sobre a enchente que atingiu o Vale do Itajaí, prejudicando núcleos de colonização alemã (*Blumenau unter Wasser*, ou seja, “Blumenau sob a água”, edição de 21 de outubro de 1911).

Mas à medida que a guerra se aproximava, o caráter eminentemente noticioso ia perdendo espaço para a opinião – mesclando informações sobre o governo alemão e do papel de imigrantes e teuto-brasileiros. É expressivo, por exemplo, que o artigo *Wie koennte man den Verfall des Deutschtums entegegentreten?* (“Como se reconheceria a decadência do germanismo?”), texto que exaltava a preservação da “cultura alemã” entre os teuto-brasileiros, fosse a matéria principal em nada menos que quatro edições no mês de julho (dias 19, 23, 26 e 30) e setembro (dia 6) de 1913. Têm o mesmo papel os artigos que incentivavam (ou justificavam) a criação de uma *Deutsche-Brasilianischer Nationalbund* (“Liga Nacional Teuto-Brasileira”), matéria principal em duas edições de outubro de 1913 (dias 11 e 15).

⁶⁰ *Staat*, do alemão: “Estado”; e *Stadt*, “cidade” ou “município”

⁶¹ Trata-se da reprodução, em alemão, de notícia já publicada pelo *Jornal do Commercio*, do Rio.

E na análise do noticiário voltado para a Alemanha e para as questões internacionais, que respondem por mais da metade (53%) dos títulos registrados, fica nítido um viés opinativo. Destaque-se, à guisa de exemplos das raras matérias não adjetivadas, a divulgação dos resultados da eleição para o parlamento alemão (*Die Deutsche Reichstagswahlen*, edição de 10 de janeiro de 1911) ou mesmo uma análise “imparcial” sobre a política econômica do Reich (*Das Anwachsen der deutschen Ausgabe*, sobre o aumento das despesas do governo alemão, edição de 28 de agosto de 1912).

Ainda assim estes exemplos, conforme já descrito, tinham destaque reduzido frente às análises com forte conteúdo opinativo – que exaltavam desde as conquistas nacionais (exemplo na edição de 9 de novembro de 1912: *Ein Sieg der deutsche Schiffsbau-Industrie*, isto é, “Uma vitória da indústria naval alemã”, a respeito do vertiginoso crescimento de sua produtividade) à tradição germânica, como no regular artigo anual de aniversário do imperador Wilhelm II (27 de janeiro).

A marca principal do noticiário sobre a Alemanha é tensão militar que prenunciou a grande guerra. Pela ordem cronológica, dentro do período analisado, o primeiro assunto de destaque foi a crise diplomática entre França e Alemanha na chamada segunda Questão Marroquina (*Marrokofrage*): foi a matéria principal em cinco das oito edições publicadas entre 8 de setembro e 20 de outubro de 1911, sendo ainda comentada, em notícias menores, por período ainda maior. A guerra entre a Itália e a Turquia também ganha o espaço de matéria principal em várias edições a partir de outubro de 1911, assim como a Guerra dos Bálcãs, em 1912.

À medida que a Guerra Mundial se aproximava, esta tensão ficava cada vez mais evidente também nas páginas do *Nachrichten*: além da Questão Marroquina e dos conflitos no Mediterrâneo, vale destacar matérias ligadas diretamente à política internacional, aos interesses da Alemanha e aos preparativos para o enfrentamento

militar. A simples leitura de alguns títulos é suficiente para compreender a orientação política das matérias e da posição política do jornal neste cenário:

Edição de 7 de outubro de 1911: *Einem neuen Sedan entgegen* ("Contrariando uma nova Sedan"). Análise de um artigo do major Driant, do Estado-Maior do exército francês, acerca das capacidades de defesa do território da França⁶².

Edição de 16 de dezembro de 1911: *Die Grausamkeit der Kriegsführung* ("As crueldades na conduta da guerra").

Edição de 10 de fevereiro de 1912: *Die Lehre des italienischen-türkischen Krieges* ("As lições da guerra ítalo-turca"). Comentários sobre o conflito entre Itália e Turquia.

Edição de 3 de abril de 1912: *Flugmaschine im Krieg* ("O avião na guerra").

Edição de 17 de abril de 1912: *England und Frankreich - Die 'Entente Cordiale' abgeschlossen* ("Inglaterra e França – A 'Entente Cordiale' se consolida").

Edição de 1º de maio de 1912: *Das groesste Schiffsgeschütze der Welt* ("O maior abrigo naval do mundo"). Sobre um porto militar alemão.

Edição de 12 de junho de 1912: *Das Ende des "Made in Germany"* ("O fim do 'Made in Germany' "). Crítica sobre as restrições comerciais britânicas aos produtos alemães.

Edição de 10 de julho de 1912: *Von der deutschen Gefahr* ("Sobre o perigo alemão"). Análise do noticiário britânico e francês sobre o potencial bélico alemão.

Edição de 24 de julho de 1912: *Der Triumphzug des deutschen Geschwaders* ("A passagem triunfal da esquadra alemã"). Sobre os bons resultados obtidos na Questão Marroquina.

⁶² Em referência à cidade de Sedan, na França, perto da fronteira com a Alemanha. Este ponto ficava no "centro de gravidade" de um eventual enfrentamento entre os exércitos alemão e francês. Foi lá que o exército de Napoleão III capitulou, em 1870 e, com efeito, também nesta região iria ser travada uma das maiores batalhas da primeira Grande Guerra, em 1916.

Edição de 4 de janeiro de 1913: *Der Weltkrieg Unmöglich?* (“A guerra mundial é impossível?”).

Além disso, cabe uma observação sobre a visão do jornal a respeito dos futuros inimigos da Alemanha nos campos de batalha. As notícias sobre a situação política na França, por exemplo, parecem dissimular crítica velada ou até mesmo desprezo. Em geral, tinham como título apenas uma palavra: *Französisches*⁶³ (“Francês”), sem qualquer outra referência aos conteúdos de tais matérias. A Inglaterra, não raro, é descrita como um país decadente ou belicoso – como no artigo *Englisches Tücken* (“Malícia inglesa”), acerca da presença da frota britânica no litoral norueguês, contrariando a estratégia da marinha alemã (fevereiro de 1912). Em contraposição, a Alemanha segue sendo exaltada, como no artigo *Deutsche Militärmission* (“A missão militar alemã”, sobre o papel das forças armadas da Alemanha no equilíbrio político mundial, de 20 de dezembro de 1913).

O mais expressivo exemplo acerca da posição política do *Nachrichten* sobre a Alemanha neste período, no entanto, talvez seja o artigo publicado sob o título *Mahnung* (“Advertência”), no dia 10 de abril de 1912. No texto, onde a sabedoria do kaiser é comparada à de Deus, foi reproduzido o discurso de um diplomata alemão, na Suécia, onde a apologia à guerra era bastante clara. A “advertência”, segundo o *Nachrichten*, era válida para todos os alemães, mesmo para os que nasceram ou viviam fora das fronteiras do Reich, e era digna de elogios e “da maior divulgação possível”:

Advertência

É isto que se pode depreender do discurso do cônsul alemão na Suécia, Sr. Von Reichnau (que já representou o *Reich* no Brasil), pronunciado para a comunidade alemã de Estocolmo, por ocasião da celebração do aniversário do imperador. Com a franqueza de um coração leve e aberto, e livre de escrúpulos diplomáticos, o emissário falou sobre as políticas interna e

⁶³ Traz, na verdade, a qualidade do que é francês. Numa tradução livre, poderia corresponder a “coisa francesa” e tem a equivalência da expressão “coisa de francês”, num sentido pejorativo.

externa do império alemão. Seu discurso não foi apenas um aviso aos alemães no Exterior - para que sejam alemães e assim permaneçam, no sentimento e no pensamento - mas também principalmente uma clara e determinada advertência para todos aqueles que, sendo intimamente inimigos do Reich, não passem dos limites. Em virtude disso, o discurso merece encontrar a maior divulgação possível. O sr. côsul disse, entre outras coisas: [...] Mas meus srs., o imperador sabe tão bem como Deus, e com ele sabe e sente povo alemão, que a Paz não é o objetivo mais sábio para um Estado e para um povo, mas sim que, para ele (*o kaiser*), o mais elevado bem e supremo mandamento chama-se: vida e progresso. [...]

E, na “advertência” anunciada, segue a conclamação dos alemães para a concordância na ação do Estado baseada na *Realpolitik*, com sua constatação de que o enfrentamento militar viria cedo ou tarde.

Que a paz seja possível – ninguém deseja isto mais seriamente do que o imperador alemão e seu povo, para quem, de maneira incisiva⁶⁴, a advertência já foi feita: alemães, não sejam tão justos para com o(s) estrangeiro(s)! Se não nos permitem atingir este objetivo na paz, então simplesmente parte-se para a guerra – e então ainda é sempre válida a antiga expressão de Bismarck: (*viver*) através de ferro e sangue. Porque um povo, como o alemão, que como dizem os poetas, “através do seu temperamento vai usufruir do Mundo”, não se deixa encostar na parede⁶⁵ e nem se imobilizar⁶⁶: ele quer e precisa ter seu lugar ao sol, ele quer e precisa respirar e criar livremente – quer os outros queiram, permitam, gostem ou não! (*grifos meus*)

Na conclusão, um conselho sob medida para os leitores do *Nachrichten*, fossem eles alemães ou teuto-brasileiros:

Para os alemães e para os descendentes de alemães no estrangeiro, é apreciável que eles sempre preservem e fortifiquem seu patriotismo alemão, através da consciência de que a fidelidade está na força do seu temperamento alemão, na força da continuidade em manter sua fala alemã. Assim, a imagem do Império Alemão no exterior retornará (*para eles*), assim como também como a grandeza e o poder do império influencia a sua própria postura [...]

⁶⁴ No original: “*Klopfstock* – “batida + bastão”; “golpe + bastão”

⁶⁵ No original: “*lässt sich nicht in die Ecke drücken*” – “não se deixou empurrar para o canto”

⁶⁶ No original: “*lässt sich nicht (...) die Brust zuschnüren*” – “não se deixou amarrar o peito”

A tensão pela proximidade da guerra também trouxe comunicações significativas, como é o caso de um “aviso”, de origem não definida (mas provavelmente elaborado pelo governo alemão, dado seu conteúdo), reproduzido na edição de 24 de janeiro de 1914 – seis meses, portanto, antes do início da guerra. O documento é dirigido “aos alemães do Reich e associados no estrangeiro”:

Todos os homens alemães do Reich devem, até seu 32º aniversário, encaminhar para cá uma dispensa sobre do Serviço Militar. Em caso de omissão, se extingue, a partir do 32º aniversário, a cidadania alemã não apenas para eles, mas também para suas mulheres e filhos. Os homens alemães do Reich no exterior terão facilidades diferenciadas para cumprir suas obrigações militares. Os que se sabem estarem no exterior serão avaliados e sabem que em até quatro anos deverão cumprir o serviço militar. Eles têm direito de servir na Tropa de Defesa, e de receber reembolso pelo custo da viagem para a Alemanha para efetuar o serviço militar. (*grifo meu*)

Nos meses que antecedem a conflagração, matérias sobre os preparativos militares podiam até não representar o maior espaço ocupado no noticiário – mas eram presença constante. Ainda em janeiro de 1914, o *Nachrichten* teve como matéria principal um artigo sobre a missão militar alemã de instrução no exército turco (dia 14). Análises sobre a situação política na França (envolvendo substituições no ministério da guerra) foram o tema de matéria principal em pelo menos seis edições entre fevereiro e julho. Ainda em junho, a matéria principal da edição do dia 13 tratava do recrutamento no exército inglês.

A Áustria declarou guerra à Sérvia no dia 29 de julho. Para o *Nachrichten*, aparentemente, pairava dúvida sobre a dimensão do conflito: nas edições deste dia e do dia 1º de agosto, o título principal ainda seria uma pergunta, uma possibilidade: *Krieg?* (“Guerra?”). A mesma palavra serviria para a “resposta”, publicada apenas depois que a Alemanha envolveu-se diretamente no conflito: o *Reich* declarou guerra à Rússia (dia 1º de agosto) e à França (dia 3). Em 8 de agosto o *Nachrichten* começava a publicar na primeira página o título *Krieg*, que seria repetido até sua última edição ininterruptamente.

A segunda fase (agosto de 1914 a maio de 1917)

Naturalmente, a guerra foi o principal tema do noticiário do *Nachrichten* na segunda fase analisada. Correspondeu a 80% das matérias principais nos dois anos e meio que precederam o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha. Os números demonstram com clareza que, mais do que qualquer outro assunto, as vitórias e derrotas da Alemanha nos campos de batalha eram o que mais interessava ao *Nachrichten*.

TABELA II

Período II – setembro de 1914 a maio de 1917

Matéria principal de cada edição, quanto ao tema

Notícia	Política	Não Política	Total
Guerra	181	-	177
Internacional	11	4	15
Alemanha	0	12	12
Comunidade teuto-brasileira	8	4	12
Brasil	8	1	9
Local	5	2	7
Brasil/Alemanha	3	0	3
Brasil/Internacional	2	0	2
Total	218	23	241

É preciso ressaltar que, nesta fase, em todas as edições cujo tema mais importante era o conflito havia quase sempre pelo menos dois títulos principais – e que ambos foram contabilizados e classificados como matéria de guerra. Um deles era a coluna fixa, sob o já citado título *Krieg* (“guerra”), que trazia informações sobre as ações militares (incluindo, normalmente, a reprodução dos telegramas do front divulgados pela missão diplomática alemã). Estas notícias regularmente vinham acompanhadas por outros títulos, ainda na primeira página, dos artigos de análise sobre questões militares e, principalmente, de caráter político (ou “partidário”, quanto à evidente e previsível tendência pró-Alemanha). Ou seja, as notícias factuais sobre a

ação militar eram, portanto, sempre acompanhadas pelos artigos onde a exaltação patriótica é patente. Para avaliar o “discurso” do jornal (e, nele, a posição política ambígua dos alemães e teuto-brasileiros, de acordo com as alterações nas relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha) foi necessário também lançar mão de tais artigos, em virtude de seu significativo teor.

Detalhe notável: a partir de agosto, toda edição passar a trazer a letra de uma canção tradicional ou de guerra (ou, ainda, poesias), exaltando as virtudes germânicas e denegrindo a imagem de seus inimigos. Como exemplos, vale citar, apenas nas edições de agosto de 1914: *Deutsche Kampflieder* (“Canção Alemã de Luta”, edição do dia 8); *Bismarck Lied* (“Canção de Bismarck”, dia 12); *Osterreichische Volkshymne* (“Hino popular austríaco”, dia 19); *Hurra Germania!* (dia 22); *Pfui, England!* (dia 26).

E o indisfarçável otimismo parecia mesmo “justificado” nos primeiros meses de guerra: afinal, este período foi marcado pela grande ofensiva alemã, com a invasão da Bélgica e da França e uma inicial série de vitórias. O título *Krieg* chegou mesmo a ser substituído, nas edições entre 22 e 29 de agosto de 1914, por *Sieg!* (“Vitória!”) em referência, obviamente, ao sucesso dos exércitos do kaiser. Esta “euforia” inicial foi especialmente intensa até outubro de 1914, quando, após a batalha do Marne (que o *Nachrichten* chama “Batalha de Paris”), a ofensiva alemã foi contida.

No início de 1915 a frente ocidental vai se estabilizar⁶⁷ e, embora algumas batalhas de vulto tenham sido travadas neste período⁶⁸, não houve conquistas territoriais significativas. O noticiário, então, voltou suas baterias para os mares. O otimismo nos artigos no *Nachrichten*, desta vez, se devia às inéditas vitórias navais contra a Inglaterra (e à iminência de uma “Derrota inglesa” - *England Verlust*). Ainda

⁶⁷ *Stand der Truppen in Westen* (“Posição das Tropas no Oeste”) é o título principal da edição de 6 de janeiro de 1915, para matéria que descreve esta situação.

⁶⁸ Em 15 de janeiro, a matéria principal foi sobre a participação britânica apoiando um mal-sucedido contra-ataque em território francês. O título, mais do que informar, trazia um desejo evidente: *Beitangriff – Gotte strafe England!* (“Ataque de apoio – Deus pune a Inglaterra!”)

em outubro de 1914, após os primeiros sucessos da marinha imperial, um artigo anunciaria que “a Inglaterra brinca com sua existência”⁶⁹. Em março do ano seguinte, o jornal iria até mesmo preconizar um bloqueio marítimo às ilhas britânicas, devido à devastadora ação de navios e submarinos alemães. Neste início de 1915, derrotar a *Royal Navy*, para os articulistas do jornal, significava mais que um fato inédito na história naval: era o começo da vitória total e, portanto, “justificado motivo de orgulho para alemães e teuto-brasileiros”. O mais significativo exemplo deste sentimento (e, ao mesmo tempo, da “guerra particular” entre o *Nachrichten* e a “imprensa Aliada”) está na publicação de um dos primeiros artigos em português no jornal:

A inesperada visita dos cruzadores alemães às costas inglesas e o bombardeio das cidades de Scarborough, Hartlepool e Withby⁷⁰, no condado de York, há de constituir sempre um dos mais importantes feitos da história naval dos povos e a mais emocionante ação da atual conflagração européia. Digam, embora os jornais ingleses que este *raid*, único nos anais da guerra, é o produto de uma infâmia (?!), procurem de todos os meios amesquinhar o valor desta ação ultra-heróica; a verdade é que o povo alemão tem agora mais um justo motivo para orgulhar-se dos seus *blusas-azuis*, cuja bravura excede as raias do inimaginável. Não bastou a proeza grandiosa do “U9”⁷¹, atacando sozinho e por duas vezes a frota britânica, torpedeando e afundando quatro possantes vasos de guerra; não chegou a ultrapassar tudo quanto uma imaginação pode conceber e que se revelou na defesa de Tsing-Tao⁷², onde um punhado de marujos sob as ordens desse grande comandante, que se chama Waldeck-Meier, opôs durante um trimestre a mais indômita resistência a uma centena de milhares de homens [...] Dominadora dos mares, a velha Albion acaba de ver que esta pretensão é uma utopia.

⁶⁹ No original: *England spielt mit seiner Existenz*

⁷⁰ Em contra-ataque ao primeiro encontro de Helgoland (28 de agosto de 1914), a marinha alemã bombardeou os portos britânicos de Dartmouth (Hartlepool), em 3 de novembro, e Scarborough, em 15 de dezembro.

⁷¹ Em 22 de setembro de 1914, ao realizar sua segunda missão, na costa da Holanda, o *Unterseeboot 9* torpedeou e afundou o encouraçado HMS *Aboukir*, além dos cruzadores HMS *Houge* e HMS *Cressy*. Foi o primeiro ataque submarino bem sucedido na história da guerra naval européia. Outro encouraçado da *Royal Navy*, o HMS *Pathfinder*, seria afundado dias mais tarde pelo U9, também no Mar do Norte.

⁷² Trata-se do ataque conjunto de japoneses e ingleses à península de Kiao-Tsao, na China, onde os alemães mantinham a guarnição militar de Tsing Tao. O bloqueio começou em 28 de setembro e os alemães se renderam em 7 de novembro de 1914.

A guerra naval, aliás, também passa por informações sobre o movimento de belonaves britânicas e francesas em águas nacionais. Tanto quanto possível, o *Nachrichten* começa a divulgar informações, ainda que vagas, sobre a posição de navios inimigos da Alemanha no litoral brasileiro – dando início a uma inusitada crônica sobre patrulhamento naval nas páginas de um jornal da região serrana fluminense, crônica que durou até sua última edição. O primeiro (de inúmeros) exemplo é de 24 de fevereiro de 1915:

O cruzador inglês *Glasgow* ainda movimenta-se constantemente ao longo da costa brasileira. Assinale-se também que já teria sido avistado pelo cruzador alemão *Dresden*.⁷³

Na frente ocidental, os pequenos e constantes avanços e recuos foram regularmente noticiados ao longo de 1915 e 1916. Ganhavam destaque as notícias que fugiam à rotina dos informes divulgados pela embaixada alemã, tais como a defecção da Itália, em 1915, ou o bombardeio de Paris, executado por dirigíveis, em fevereiro de 1916.

Na frente russa foram assinaladas expressivas vitórias alemãs neste período e elas também ganharam espaço no noticiário. Mas além da situação dos campos de batalha, a situação política interna deste país inimigo, bem como o iminente colapso do regime do czar, também estavam na pauta do *Nachrichten*. Sobre a situação no front oriental vale citar alguns títulos de matérias principais desse período:

Edição de 7 de agosto de 1916: *Warschau und Ivangorod Gefallen* ("Caem Varsóvia e Ivangorod")⁷⁴

Edição de 18 de setembro de 1916: *Das russische Kriegziel* ("O objetivo bélico russo").

⁷³ O KMK *Dresden* foi designado para o patrulhamento das rotas britânicas no Atlântico Sul. Ele participou do maior combate contra os britânicos nesta parte do mundo, ocorrido, ao largo das ilhas Falklands (8 de dezembro de 1914). Três meses depois (15 de março de 1915), já no Pacífico, ele seria cercado pelos ingleses na ilha de Juan Fernando (Chile) e afundado pela própria guarnição

⁷⁴ Acompanhando a matéria de primeira página, vinha a curiosa reprodução, em gótico alemão, de uma *Sieglied* ("Canção da Vitória"), de autoria de uma leitora do Rio de Janeiro, em homenagem às conquistas na Rússia.

Edição de 16 de outubro de 1916: *Wie man in England über eine russischen Sonderfrieden denkt* ("Como se avalia na Inglaterra uma alternativa de paz com a Rússia")

Edição de Edições de 2, 6, 9 e 18 de outubro de 1916: *Ein Dokument der Schande des Zarismus* ("Um documento sobre a vergonha para o Czarismo")

Em paralelo ao noticiário regular sobre a guerra, conforme já citado, havia as colunas de opinião e análise sobre o conflito. No primeiro ano da guerra estas matérias não se fundamentaram na análise de eventos militares: a pauta visava essencialmente a crítica ao noticiário internacional, que menosprezava ou omitia vitórias alemãs. A intenção do jornal, tudo indica, era ser um contraponto junto à comunidade teuto-brasileira às informações que chegavam ao Brasil via países da *Entente*⁷⁵. E o fato de alguns dos artigos serem escritos em português, "denunciando" a propaganda aliada que visava atrair os brasileiros para sua causa, parece indicar a intenção de, igualmente, atrair a simpatia de nacionais para a causa do Estados Centrais – uma intenção que se acentuaria e ficaria ainda mais evidente até o rompimento em 1917. Caracterizam a temática destes artigos, ora ufanistas, ora ferinos, as denúncias de má fé do noticiário Aliado; a revolta frente às acusações de "barbáries" praticadas pelos alemães; a decadência social e política dos inimigos da Alemanha; a consagração da Alemanha no papel de potência internacional; e, sobretudo, enumeração de "fatos" e motivos para que os teuto-brasileiros se orgulhassem de sua vitoriosa ascendência. No exemplo abaixo ("A guerra e os brasileiros", edição de 14 de outubro), está uma denúncia sobre a ação da propaganda Aliada, mesclando suas conseqüências no cenário internacional e nas relações entre brasileiros e alemães:

A *Gazeta de Notícias* trouxe ontem a público um comunicado particular, segundo o qual devem ter sido fuzilados pelos alemães três brasileiros, encontrados como voluntários no exército belga a darem vivas à França e à Bélgica. O governo, ao saber destas ocorrências, deu as providências

⁷⁵ Vale lembrar que o noticiário internacional dos maiores jornais brasileiros era abastecido sobretudo pela agência de notícia francesa Havas.

necessárias para apurar a verdade que, segundo parece, está sendo tão perversamente deturpada como foi a propósito do caso Bernardino de Campos⁷⁶. Tanto é assim que um dos *fuzilados* na Bélgica, o sr. Augusto Botelho Junqueira, segundo telegrama oficial do nosso ministro na Alemanha, partiu anteontem à tarde da capital alemã para Amsterdã, na Holanda.

Apesar do tom de “revolta”, o articulista encontra espaço para ser irônico:

Tem, portanto, o sr. Bernardino de Campos mais um colega de *ressurreição* e é de esperar que quanto aos dois restantes não passem também de pobres vítimas da agência Havas, positivamente mais feroz e bárbara do que os mais selvagens gentios do Mal até então conhecidos, pois *mata* com um sangue frio indescritível os soldados alemães – aos milhares – **e nós, brasileiros** – em menor proporção – porém em número suficiente para criar animosidade contra os germânicos, aliás, o seu único desejo.[...] Infelizmente, a Havas não explica bem em que direção são repelidos os teutões, de maneira que as cabeças pensantes já chegaram à conclusão de que o exército alemão tem sido rechaçado sempre *en avant*. Confirma-se esta crença pelos últimos telegramas recebidos por intermediários particulares e de acordo com os quais a verdade conseguiu, afinal, romper o espesso véu de intrigas e fantasias urdido pela Havas e suas colegas inglesas e belgas a respeito da conflagração européia. Derrota sobre derrota, perda sobre perda, os alemães penetraram na Bélgica, tomaram Liège, apoderaram-se de Bruxelas e ameaçam Antuérpia [...] (*grifo meu*)

O articulista vale-se de uma mal dissimulada demagogia e, como teuto-brasileiro, dá margem a uma interpretação dúbia, onde não fica evidente a definição sobre quem são “nossos compatriotas”:

Todos estes fatos têm permitido aos brasileiros um estudo profundo a respeito dos meios de publicidade empregados aquém e além das margens do Reno, onde a velha guarda, podem estar certos os incrédulos, continua firme e fielmente a zelar as gloriosas tradições dos soldados de Guilherme, o Grande. Os nossos compatriotas são, em geral, de boa fé e suas simpatias por esta ou aquela parte inspiram-se sempre na sinceridade inata dos brasileiros.

Vários artigos que ocuparam o espaço da notícia principal das edições entre 1914 e 1915 tinham este mesmo viés de análise e crítica da propaganda de guerra. A conclusão era sempre a mesma: os Aliados inventavam ou omitiam informação segundo suas conveniências; o objetivo era angariar a simpatia da opinião pública mundial com base em mentiras; a Alemanha triunfava. Nos fins de 1914, irão surgir

⁷⁶ Alguns jornais cariocas deram destaque à notícia da morte do brasileiro Bernardino, estudante residente na Bélgica, que teria sido fuzilado por soldados alemães. A informação havia sido desmentida na edição de 19 de setembro.

colunas assinadas por “Teuto-Brasileiro”⁷⁷, onde já se encontra a defesa da cultura e do *modus vivendi* dos imigrantes e descendentes – da mesma maneira que pretendia responder qualquer tipo de ofensa ao Brasil. Mais tarde, a proposta latente destes artigos seria no sentido de que, se tivesse de abandonar sua neutralidade, o Brasil deveria unir-se à Alemanha.

É válido citar alguns trechos significativos, que apontam na direção do caráter dual do conceito de nacionalidade segundo o jornal – isto é, outro dos alvos da presente pesquisa: a tentativa de definição, segundo o *Nachrichten*, do que era a *identidade* teuto-brasileira. O articulista aponta o tom desta “definição” – na qual o teuto-brasileiro é (e não é) brasileiro ao mesmo tempo em que é (e não é) alemão. No que diz respeito à sua nacionalidade, deve fidelidade a duas pátrias e, portanto, encontra-se num ponto de interseção (ou talvez exclusão, como se verá adiante) entre as duas culturas. Os exemplos abaixo vêm de duas colunas, ambas com o título “Pelo Teuto-Brasileirismo”, publicadas em dezembro de 1914, em português. A primeira tem por base resposta a um jornalista alemão que teria criticado o Brasil.

Acabamos de deparar nas colunas do simpático diário paulistano *Germânia*, um dos mais antigos e procurados órgãos da imprensa teuto-brasileira, com uma “Carta da Capital Federal”, datada de “Petrópolis-Rio” e assinada pelas iniciais G.D., a encobrirem, se não nos enganamos, o seu autor⁷⁸ na pessoa de um jornalista alemão chegado há precisamente três meses do velho mundo. [...] Da primeira à última linha, pode-se dizer, esta correspondência destina-se a amesquinhar e a ridicularizar nosso país [...] Somos absolutamente insuspeitos para assumir a atitude de protesto que vamos tomar em relação a este *pseudo* “pioneiro da cultura alemã”, recém aportado a esta terra hospitaleira. Dedicados e simpáticos em extremo à causa que o povo alemão com raro valor e altivez neste momento defende temos sido sempre solidários com os seus sentimentos e a sua posição e fiéis a este princípio que para nós é de honra, não poucas vezes temos lançado mão da pena para repelir torpezas que alguns germanóforos

⁷⁷ Trata-se do professor, jornalista, escritor e político Carlos Alberto Maul, neto de alemães nascido em Petrópolis.

⁷⁸ Pela descrição do “Teuto-Brasileiro”, trata-se de Georg Dirklanger, alemão radicado no Brasil. Curiosamente, também ele, naquele mesmo mês, escreveu alguns dos principais artigos do *Nachrichten*, falando sobre a propaganda Aliada contra a Alemanha.

procuram assacar contra a nobre nação da qual nos orgulhamos de ser descendentes. O nosso protesto nasce natural de desinteressadamente do respeito e do afeto que nos merece a terra dos nossos antepassados, à qual não regatearemos jamais as homenagens de que é merecedora.

Ainda de acordo com o estilo do autor e seguindo uma tendência da época, a conclusão do artigo traz algumas alusões ferinas.

Não podemos, não devemos e absolutamente não queremos, porém, em circunstância alguma olvidar o motivo do nosso orgulho maior: a pátria do nosso nascimento, a terra grandiosa em que vimos à luz do dia [...] Justamente como teuto-brasileiros é que mais nos insurgimos contra estes grandes desaforos [...] Ao sr. G.D. resta, porém, uma saída: é deixar o quanto antes o país onde tantas falhas notou e recolher-se ao Zóo de Berlim, que tantas saudades lhe evoca. Além disso, poderá prestar serviços mais eficazes à sua pátria defendendo-a no campo de luta e deixando em paz este país que não o chamou e no qual vivem felizes e venturosos tantos compatriotas seus [...]

No segundo exemplo, o “Teuto-Brasileiro” volta à carga, mas desta vez em defesa dos alemães radicados no Brasil, vítimas de um “ataque” em artigo publicado na imprensa carioca. Somente a ignorância ou a má fé, segundo “Teuto-Brasileiro”, poderiam ser a base de argumentos de seu opositor, decerto um “feroz inimigo do elemento teutão”.

Há tempos foi publicada no *Jornal do Commercio*, sob a epígrafe “O elemento teutão no Brasil”, uma carta em que um tal Jack desanda nos alemães residentes no Brasil uma catilinária cujos argumentos bradam aos céus tal o absurdo das conclusões a que chega o rubro germanófobo. Jack se propõe à ingrata missão de “examinar em pouco o que tem sido no Brasil a colaboração do elemento tedesco”. Depois de achar que a Alemanha não concorre absolutamente com capitais para o nosso desenvolvimento, afirma o missivista que “quando as colônias estrangeiras que se entregam à lavoura no Brasil são dignas de nota apenas a italiana (em S. Paulo e nos Estados do Sul) e a belga (?) no Sul” Basta esta asseveração para dar uma idéia cabal do conhecimento que Jack tem do assunto que se propôs a discutir.

Um outro artigo em português, de julho de 1915 (“*Fitas germanófobas*”), também merece ser citado. Foi escrito a partir de um incidente isolado, mas significativo, a respeito das relações entre brasileiros, alemães e teuto-brasileiros em Petrópolis, num período em que o Brasil ainda era neutro. Trata-se de um tumulto, no

Teatro Xavier, causado pela exibição de um filme francês. A película, segundo o articulista, feriu os brios de alemães e teuto-brasileiros, dando o início a uma grande discussão e, principalmente, constituindo-se num exemplo de violação às regras de neutralidade definidas pelo governo brasileiro. O articulista requer a intervenção das autoridades para evitar tais incidentes.

[...] A exibição desta fita – cujo gênero é agora, segundo parece, o preferido daquele teatro para seus programas – deu lugar a ruidosas manifestações contra e a favor das nações em guerra, destacando-se entre os exaltados assistentes de alguns indivíduos que usavam até de frases notoriamente inconvenientes num local freqüentado por famílias, visando com esses ataques individualidades alemães, acidentalmente, incluídos no enredo da fita.

Os imigrantes alemães, conforme já apontado no capítulo II, chegaram à Imperial Colônia de Petrópolis somente dois anos após sua fundação. O autor do artigo, no entanto, parece especialmente indignado porque o incidente se deu numa cidade “fundada e construída por alemães”:

É lamentável [...] que uma parte da população, talvez a mais numerosa e incontestavelmente uma das mais distintas e respeitáveis, se veja na contingência de ter de suportar agravos [...] O elemento alemão e teuto-brasileiro de Petrópolis – que é essa a parte da população a que nos referimos – é digno indubitavelmente de outras atenções e, quando não queiram – por uma inverterada germanofobia – reconhecer este merecimento, saibam ao menos guardar a linha de compostura que separa o cavalheiro do brutamontes. Cidade fundada e construída por alemães, Petrópolis conta em seu seio um avultadíssimo número de descendentes desta pacata e laboriosa gente, que sempre fizeram (*sic*) jus ao respeito alheio e do qual não desmerecem absolutamente por saberem honrar as tradições dos seus antepassados que são e serão sempre um padrão justo de orgulho para todos os que pertencem ou descendem de tão valoroso povo.

Depois, requerendo das autoridades alguma atitude “para ver respeitada – em Petrópolis – a neutralidade do Brasil”, o autor deixa uma previsão hostil:

[...] pois diante destes fatos, não se pode exigir que os alemães ou os admiradores da causa germânica assistam impassivelmente aos ultrajes públicos que por parte de algum exaltado haja por bem lançar contra a

causa que lhes é simpática. A agressão justifica a represália e a desforra [...]]

A defesa a esta neutralidade vive um outro paradoxo, pelo menos aparente, quando os redatores do *Nachrichten* publicam artigos onde visivelmente pretendem exaltar a Alemanha, sua política externa e seus homens públicos. Em 1916, o artigo tradicionalmente publicado em comemoração ao aniversário do kaiser Wilhelm II deixa clara uma tentativa de identificação entre os teuto-brasileiros de Petrópolis e uma vitoriosa Alemanha. Partindo de uma afirmação do próprio imperador (“Nós alemães tememos a Deus e a nada mais no mundo”), o *Nachrichten* explica que o chefe de Estado alemão estava, naquele período, “lançando os alicerces de uma nacionalidade que está na altura de demonstrar desassombradamente como estamos testemunhando no presente momento, a mais arrojada afirmação levantada por um homem de Estado”.

Aproveitemos esta data para nos unirmos – todos os germânicos, natos ou descendentes – para implorarmos ao onipotente as mais largas bênçãos sobre a terra de nossos antepassados e as mais completas glórias e esforços que atualmente empreende o brioso povo teutônico na repulsa às mais graves ofensas e perfídias [...] (*grifo meu*).

Enquanto isso, o combate do *Nachrichten* prosseguia em pelo menos outras duas “frentes de batalha”. Numa, atacava jornais ingleses e franceses. Em outra, voltava-se contra súditos de países neutros (principalmente brasileiros) que publicamente demonstrassem seu apoio aos Aliados (esta crítica aos brasileiros pró-Aliados, conforme já observado, justificava-se na neutralidade estabelecida pelo governo). Tanto quanto possível, visava-se também “denunciar” o perigo de uma aproximação entre o Brasil e os Aliados. E assim, em cada edição, o jornal consolidava-se no previsível caminho nitidamente pró-Alemanha. Alguns títulos são significativos e servem de exemplo a esta afirmação:

Edição de 30 de setembro de 1914: *Ein Wort zur deutschen Aufklärungsarbeit* ("Uma palavra sobre o trabalho de esclarecimento alemão"). Sobre os esforços do governo do kaiser e da imprensa germânica para que os países neutros soubessem a "verdade" acerca das vitórias do Eixo.

Edição de 3 de outubro de 1914: *Die Kriegsführung der "zivilisierter" Feinde* ("A conduta de guerra dos inimigos 'civilizados'"). Artigo que "demonstrava" a conduta indigna de soldados britânicos e franceses, aqui denominados "civilizados" com ironia. "Demonstrava" também que esta acusação, quando feita aos alemães pela imprensa Aliada, era infundada.

Edição de 7 de novembro de 1914: *Die Fanatiker – eine deutsche Gefahr* ("Os fanáticos - um perigo alemão"). Crítica a artigos publicados na imprensa brasileira acerca do "perigo" representado pelos alemães e teuto-brasileiros radicados no sul do país.

Edição de 18 de novembro de 1914: *Eine englische Gefahr für die Amazonasmündung* ("Um perigo inglês na embocadura do Amazonas"). Artigo que "advertia" sobre os interesses britânicos na região brasileira.

Edição de 25 de novembro de 1914: *Deutsche patriotische Lieder und brasilianischer Chauvinismus* ("Uma canção patriótica alemã e o chauvinismo brasileiro"). Comentário acerca de um incidente, no clube Germânia, no Rio, onde brasileiros vaiaram alemães que se manifestavam a favor das potências Centrais.

Edição de 16 de dezembro de 1914: *Ein argentinischer Urteil über England* ("Uma opinião argentina sobre a Inglaterra"). Elogio a artigo publicado na imprensa argentina criticando o imperialismo britânico.

Edição de 24 de fevereiro de 1915: *Os bárbaros*. Artigo em português, "desmentindo" a denúncia de jornal francês acerca de conduta indigna de soldados alemães.

Edição de 27 de fevereiro de 1915: *Bruno Lobo*. Transcrição, traduzida para o alemão, de texto do jornal *O Imparcial*. Artigo sobre um médico brasileiro que trabalhava como voluntário na frente ocidental. Seu depoimento desmentiria a imprensa francesa e ratificaria a dignidade dos alemães no trato com seus prisioneiros feridos.

Edição de 7 de abril de 1915: *Krieg, Auslandsdeutschum und Presse* ("Guerra, alemães no estrangeiro e Imprensa"). Artigo que pretendia "esclarecer" a deliberada desinformação nos noticiários ingleses e franceses divulgados fora da Europa.

Edição de 14 de abril de 1915: *Franzoesischer Dank* ("Agradecimento francês"). Análise sobre uma aproximação política entre o Brasil e a França.

Edição de 1º de maio de 1915: *Oliveira Lima e as atrocidades alemãs*. Encarte em português, reproduzindo discurso do deputado, que se dizia cético quanto às denúncias de crimes praticados por soldados do kaiser. O encarte não traz créditos sobre os responsáveis pela sua publicação.

Edições de 1º e 5 de maio de 1915: *Meinungen neutraler Journalisten* ("Opiniões de jornalistas neutros"). Reprodução de noticiário divulgado nos EUA, realizado por cinco jornalistas norte-americanos correspondentes de guerra na frente ocidental, junto ao exército alemão.

Edição de 14 de agosto de 1915: *Pro-Flagellados*. Artigo de incentivo à criação de um movimento nacional (brasileiro) em favor das vítimas da seca no Nordeste, em contraponto à articulação de grupos políticos brasileiros ligados a questões internacionais.

Edição de 25 de agosto de 1915: *Gegen die Liga pro-Alliados* ("Contra a Liga pró-Aliados"). Crítica à criação do grupo, oficialmente surgido visando a angariar fundos e donativos para a Cruz Vermelha belga, mas que teria o latente objetivo de fazer propaganda contra a Alemanha.

Edição de 1º de setembro de 1915: *Amerika in Not* ("América em dificuldades"). Artigo elogioso à política de neutralidade do governo dos EUA.

Edição de 12 de janeiro de 1916: *Englisches*⁷⁹ ("Ingleses"). Artigo que visava "desmentir" informes de guerra que davam conta de uma grande vitória dos britânicos na frente ocidental.

Edição de 11 de março de 1916: *Germanischer Bund für Südamerika* ("Liga germânica para a América do Sul").

Edição de 19 de abril de 1916: *Warum ist der Deutsche unbeliebt?* ("Por que os alemães não são amados?"). Análise sobre as correntes "contrárias à cultura alemã" nos países neutros.

Edição de 29 de abril de 1916: *Zum Deutsche-amerikanischen Konflikt* ("A respeito do conflito alemão-americano"). Análise sobre a iminente ruptura entre EUA e Alemanha.

Edição de 21 de outubro: *"Die Wahrheit!" – Mahnungen eines Französer in Frankreich* ("A verdade!" – Advertência de um francês na França"). Reprodução do depoimento de um militar francês que teria constatado a deficiência e a iminente derrota do exército de seu país.

A mudança neste cenário só vai acontecer em 1917. Em fevereiro daquele ano o kaiser anunciou o bloqueio naval à França e à Inglaterra, iniciativa que ameaçava diretamente as embarcações de países neutros. A atitude alemã precipitou a entrada dos Estados Unidos no conflito. A pressão dos EUA para que os demais países americanos se envolvessem não atingiria diretamente o Brasil senão em abril, quando

⁷⁹ Tal como nos já citados artigos que tinham o título *Franzoesisches*, este título também parece denotar um tom pejorativo – algo que em português do Brasil equivaleria à expressão de tonalidade discriminatória, como "coisa de inglês" ou, ainda, se possível, "inglesices".

o cargueiro "Paraná" foi torpedeado na costa da França⁸⁰. O *Nachrichten* deu esta notícia em duas edições (*Der Untergang des "Paraná" – "O afundamento do Paraná"*), em 4 e 8 de abril de 1917, mas não apresentou qualquer artigo de análise crítica ou opinião mais aprofundada sobre o acontecimento. A notícia limitou-se a descrever o ataque em detalhes, mas sem grande uso de adjetivos.

O ataque ao navio brasileiro, que iria acarretar no rompimento das relações diplomáticas com o governo do kaiser, em maio, estabelece igualmente uma notável alteração no conteúdo do jornal. Neste breve período de um mês entre o afundamento do *Paraná* e o rompimento das relações diplomáticas, os "ataques" aos Aliados continuaram violentos⁸¹ nas páginas do *Nachrichten*. Mas as relações entre Brasil e Alemanha, naturalmente, passaram a ser o tema principal para a análise do jornal. A iminência de colapso da neutralidade brasileira, aliás, foi avaliada na edição de 14 de abril (*Abbruch des Bezielungen – "Rompimento das relações"*), por ocasião da suspensão do intercâmbio comercial com o Reich e 22 dias, portanto, antes de o Brasil efetivamente romper diplomaticamente com a Alemanha. Trata-se de uma análise a respeito das notas sobre o afundamento do navio, divulgadas pelos dois governos envolvidos, mas era uma análise fria e objetiva. A época de "euforia" estava terminando.

A terceira fase (maio a outubro de 1917)

O terceiro e último período a ser analisado é o mais curto: são apenas cinco meses, correspondentes ao período que vai do rompimento diplomático à declaração de guerra. Por isso, o número de notícias e artigos coletados é bem menor que nos

⁸⁰ Três tripulantes morreram. Além, disso, a embarcação, de seis mil toneladas, afundou com sua carga estimada em 95 mil sacos de café. (GARAMBONE, Sidney. **Op. cit:** p.88)

⁸¹ O melhor exemplo parece ser o artigo *England: der grosst Verbrechen* ("Inglaterra: o grande crime"), de 2 de maio. O texto, numa linguagem rebuscada, atribui ao governo britânico o estado de guerra e as tragédias por ela provocadas.

períodos anteriores. Aliás, é possível notar que, proporcionalmente, o noticiário de guerra, em comparação ao período anterior, perdeu espaço (corresponde a 59%, isto é 21% a menos que no Período II – ver Gráfico III). Em contrapartida, tiveram mais espaço e destaque as notícias e artigos referentes aos demais temas, que multiplicaram seus percentuais.

TABELA III

Período III – maio a outubro de 1917

Matéria principal de cada edição, quanto ao tema

Notícia	Política	Não Política	Total
Guerra	23	-	23
Alemanha	5	0	5
Internacional	4	0	4
Comunidade teuto-brasileira	3	0	3
Brasil/Alemanha	2	0	2
Local	2	0	2
Brasil/Internacional	0	0	0
Brasil	0	0	0
Total	39	0	39

Ora, é compreensível que a linha política do jornal se alterasse. O rompimento das relações diplomáticas era o prenúncio da declaração de guerra. Em paralelo, a política externa da Alemanha (que manteve seu bloqueio naval tanto quanto foi possível) não dava esperança de retomada nas boas relações diplomáticas com o Brasil.

Antes de analisar o noticiário do *Nachrichten* referente a este período, é preciso notar o cenário em que ele é redigido. Há que se destacar a súbita mudança radical da opinião pública brasileira, que se refletia nos jornais cariocas, a partir da declaração de guerra dos EUA e, principalmente, a partir do rompimento brasileiro.

Mas é no noticiário, normalmente isento, que se percebe a maior mudança na cobertura da imprensa brasileira na Primeira Guerra Mundial neste importante ano de 1917. O tom conciliador, que sempre procurou analisar tecnicamente as manobras tanto dos Aliados quanto das Potências Centrais,

perde espaço para uma adjetivação inédita nos textos. A Alemanha passa a ser, de uma hora para outra, inimiga secular do Brasil [...] (Garambone: 86)

O *Nachrichten*, até então, havia tentado “enfrentar” com aplicação o noticiário de jornais ingleses e franceses – e agora, na defensiva, também iria se voltar contra seus ex-“colegas de imprensa”, como os cariocas *Jornal do Commercio* e o *Correio da Manhã*. Para os jornais mais influentes da capital federal, a declaração de guerra à Alemanha, que inicialmente era apenas uma possibilidade, pareceu vez mais inevitável com o passar dos meses. “Os jornais pressionavam a diplomacia brasileira, o noticiário se ocupava das manobras americanas em continente europeu e a certeza de que o Brasil não poderia se omitir num momento como este” (idem, p.91): eis alguns fatores que caracterizam satisfatoriamente o período político.

A indiferença do governo alemão aos protestos brasileiros, os esforços dos EUA para envolver países neutros no conflito, a vacilante postura da presidência da República e do Itamaraty e, principalmente, a pressão da opinião pública, criaram um cenário difícil para os alemães e descendentes radicados no Brasil. Difícil e insustentável para a política editorial de um “órgão para interesses teuto-brasileiros” como o *Nachrichten*. Seu também ex-“colega de imprensa” o *Correio da Manhã*⁸², um dos mais influentes jornais do Rio à época, lança editorial no dia 21 de maio de 1917, exigindo que o governo se posicionasse de maneira mais firme quanto à agressão alemã. Isto é, praticamente exigia uma declaração de guerra ao *Reich*.

A concretização da nossa política de solidariedade continental, em uma fórmula definitiva, que tanto satisfaça interesses brasileiros como nos livre do perigo de isolamento, será, certamente, recebida pela opinião pública brasileira com satisfação e alívio, porque a incerteza deste período transitório já se vai tornando desagradável. As vantagens que nos podem resultar de um entendimento com os Estados Unidos são tão grandes que nesta nova fase da questão internacional devemos ver apenas um problema

⁸² Tomado aqui como exemplo de uma tendência generalizada na imprensa brasileira, com reflexo nos jornais de Petrópolis.

essencialmente brasileiro. As polêmicas entre aliadófilos e germanófilos perderam a razão de ser (in Garambone, op. cit., p.89 e 90)
O *Nachrichten* manteve a regularidade do noticiário de guerra em matérias tão “imparciais” quanto possíveis, quando tratavam dos fatos ocorridos nos campos de batalha. Nos artigos de opinião, mais uma vez lançou-se à luta em duas “frentes”. Na primeira delas, a análise do noticiário internacional encontrou um novo inimigo, os Estados Unidos – o que possivelmente pode ser entendido como continuidade da tentativa de ser o contraponto à propaganda Aliada que distanciava o Brasil da Alemanha. Na segunda “frente”, voltou-se com maior atenção às questões diretamente ligadas aos alemães e teuto-brasileiros radicados no país.

Esta terceira fase, conforme já descrito, é a de menor duração mas é nela que os incidentes principais nos remetem às questões angulares propostas pela pesquisa – seja nas referências à posição política do grupo social sob análise, seja nos reflexos desta posição no seu principal “porta-voz”.

Os primeiros dias após o rompimento das relações diplomáticas Brasil-Alemanha trazem matérias meramente informativas – e a análise com algum juízo de valor, quando havia, dizia respeito principalmente a informações e especulações de caráter bélico. Segundo o *Nachrichten*, a participação norte-americana assegurava aos Aliados, já de início, a presença de pelo menos 500 mil homens no front⁸³. No texto, considera-se que o bloqueio naval no Canal da Mancha e Mar do Norte deveria se transferir para o Atlântico Norte. Os submarinos deveriam deixar de visar os navios comerciais e priorizar como alvos os navios militares e de transporte de tropas. Esta seria a única possibilidade de o ingresso dos EUA não alterar radicalmente o equilíbrio do front.

⁸³ *Die amerikanische Hilfe* (“A ajuda americana”), matéria principal da edição de 5 de maio de 1917. Esta previsão, no entanto, está bem abaixo da realidade: dois milhões de norte-americanos estariam no teatro de operações ainda em 1917 (*idem*: 87).

A “isenção”, porém, logo perderia espaço. Um exemplo da contundência com que o jornal passou a tratar os adversários do Reich está no artigo “Um ianque acima dos ianques”, publicado no dia 2 de junho. As acusações de má fé da imprensa Aliada, neste momento, cedem espaço a uma avaliação que mistura crítica ao sistema político nos EUA e insulto, puro e simples, ainda que encoberto pela citação de obscuros autores.

A descrição de Anthony Trollope sobre a sociedade britânica em livros como *The way we live now* mostra que esta sociedade está entrando em decadência. Vadiagem, caça à raposa, cavalaria, jogo, fraude, endividamento, mentira, dissimulação, infidelidade e a expectativa e espera da morte de parentes, mesmo os pais, para que se possa herdar alguma coisa são práticas antigas. Foi uma sociedade como esta que ditou moda para milionários ricos dos Estados Unidos no período de 1800 a 1900. Os filhos e filhas da nova sociedade milionária norte-americana tornaram-se cada vez mais fascinados e começaram eles próprios, com este espírito, a reproduzir cada característica desta sociedade. [...] A tendência burguesa da sociedade norte-americana é um produto exemplar da liberdade exemplar. Não se podia e ainda não se pode dizer que este é o povo norte-americano, mas sim o que se permite ao povo numa “Democracia”. Isso mostra o seu rumo, lido nos seus jornais sensacionalistas, e enquanto eles se sentem felizes pela sua liberdade americana, permanece este teatro de palhaços, onde se aplaude o primeiro palhaço⁸⁴, seja o mesmo, seja novo, seja lá como se chame. [...] Os trustes reinam sem qualquer obstáculo na terra da liberdade – sem qualquer obstáculo, como reina o czar da Rússia⁸⁵.

Enquanto isso, nas *Notizen* (pequenas notas publicadas nas páginas internas, a partir do fim do texto sobre o noticiário de guerra e/ou temas variados) o *Nachrichten* intensificou, a partir de maio, sua regular e curiosa cobertura acerca da movimentação de navios aliados no litoral brasileiro, destacando-se o movimento no porto do Rio. Informações desta natureza estavam em todas as edições, com dados que chegam à minúcia. É escusado avaliar a importância destes dados num período em que os submarinos eram a arma mais efetiva da marinha do kaiser. À guisa de exemplos, duas notas publicadas no dia 25 de agosto:

⁸⁴ No original: *clown*

⁸⁵ Convém lembrar que, nesta altura, a Revolução Russa, que destronou o czar, já estava em curso.

Do Rio, partiu ontem o cargueiro inglês *Defna*, um dos maiores cargueiros britânicos que navegam para a América do Sul. Ele já foi torpedeado quando se encontrava em viagem entre Lisboa e Liverpool. O navio pesa 7.255 toneladas e estava, no dia 23 de julho, a caminho do Rio [...]

Ou ainda:

Os cruzadores britânicos *Macedônia* e *Orotava* estão no Rio, rumo ao sul. Também o cruzador francês *Marsellaise* está no Rio, em rota para o sul. Há alguma coisa para fazer lá?

Um "repórter" ainda contaria uma curiosa história de "espionagem" registrada no porto e transcrita no *Nachrichten* de 18 de agosto, não sem uma boa dose de ironia:

No Rio, um espião está detido. Ele tomou como tarefa observar junto ao cruzador norte-americano *Pittsburg*, com a finalidade de espioná-lo. O que exatamente este elemento estaria espionando não ficou muito claro. Em todo caso, deve ser um indivíduo muito perigoso: ele estava enrolado numa bandeira austríaca. A ousadia deste espião parece dar a dimensão do que poderá ser regra para os espiões por aqui, que é trazer sempre ostensivamente a bandeira do seu país à mostra.

A ironia também está presente em outras matérias. Como, por exemplo, no artigo *Wie Schade!* ("Que pena!"), onde mais uma vez o presidente norte-americano e seu discurso são o alvo das críticas.

[...] Também falou o presidente Wilson: "Temos uma sincera amizade com o povo alemão e não queremos nada mais que nossas fortes relações tragam vantagens recíprocas e que este relacionamento brevemente se componha". Para uma declaração mais precisa destes desejos 'filiais' servem as seguintes comunicados do "Economist" a respeito das exportações de material bélico dos Estados Unidos para os países da Entente: [...]

E, após informar os valores das exportações norte-americanas de cartuchos, dinamite, fuzis, pólvora e explosivos para países da Entente, entre os anos de 1914 e 1916, o texto prossegue:

É de nosso conhecimento que os EUA querem proibir qualquer exportação para a Holanda, para que o mais brevemente possível a Alemanha seja forçada a querer a paz em consequência da fome. Que pena que o presidente que tanto ama a paz ainda não declarou à sua muito amada Alemanha e ainda não teve a idéia que toda a exportação fosse suspensa para toda a Europa imediatamente ou, pelo menos, proibido o livre-comércio dos países do Eixo com os neutros.⁸⁶

Também se tornam mais freqüentes os artigos que, além de visar a desmentir o noticiário pró-Aliados, também intensificam a idéia de que o alinhamento do Brasil com os inimigos da Alemanha obedece a “exigências maiores”. Os leitores teuto-brasileiros podiam obter, no *Nachrichten*, uma análise bastante diferenciada do que encontravam nos principais jornais brasileiros. E nesta análise vem embutida uma constante argumentação sobre os motivos pelos quais o Brasil deveria manter sua neutralidade. Como neste exemplo, de 17 de julho:

Um artigo, de caráter oficioso, na seção “Várias” do *Jornal do Commercio*⁸⁷ apareceu alguns dias atrás e apontou o seguinte: que o Brasil não quer nem pode trazer sacrifícios de sangue nesta guerra. Mas que a pátria tem a obrigação de apoiar, mais do que já tem apoiado até agora, os países com os quais estavam em paz e mantêm relações diplomáticas amistosas. E no final se diz que o povo olha para o governo com confiança e que espera ansiosamente alguma ordem neste sentido. Aqui se trata com certeza de algumas exigências maiores dos Aliados, depois que não lhes foi possível conseguir do Brasil que ele participasse na guerra, como também não conseguiu que navios alemães deixassem de passar por aqui. Assim como geralmente se pensa, os Aliados pediram por estes navios porque havia pouco espaço de carga disponível nas embarcações e a Inglaterra estava quase no fim de seus recursos. É quase todo dia que se assegura que a guerra submarina⁸⁸ foi um grande fiasco e que os americanos teriam logo milhões de toneladas à disposição. Mas aqui ninguém acredita nisto. É, no entanto, um sinal muito favorável de que os Aliados tenham que agora mendigar por navios e, ainda mais, fazê-lo junto a países como o Brasil, que

⁸⁶ Logo ao fim da matéria, segue-se um poema com o título *Wo gehoert er?* (“Onde ele se coloca?”), fazendo alusão a Wilson: “Tudo manda, tudo empresta/ Que uma guerra mundial pode fazer nascer [...] / E se traçar este objetivo/ De mandar todos para a guerra [...] / E depois, totalmente chocado/ Grita: só uma vitória pode nos libertar/ ‘Paz infinita’, ele grita/ (Pelo) ‘Ódio permanente’, ele trabalha [...] / É este homem que, assim procedendo/ tanto desrespeita a lógica/ através das suas numerosas contradições./ Este homem ainda é normal?”

⁸⁷ Trata-se do artigo cujo trecho foi reproduzido na pág. 87 do presente trabalho.

⁸⁸ Isto é, a guerra submarina movida pela marinha alemã.

tem poucos navios à disposição. Mas o Brasil também sofre esta escassez de espaço nas embarcações, porque muitos navios vão para a Europa e, portanto, há poucos navios disponíveis.

Porém, em paralelo ao “combate” à propaganda Aliada e à exaltação das conquistas e da boa índole dos alemães, o *Nachrichten* passou a trazer à tona questões que diziam respeito diretamente à vida dos teuto-brasileiros num país que, cada vez mais, distanciava-se e antagonizava com a Alemanha. E, além disso, ao trazer um número maior de artigos em português, o jornal parece também intensificar a sua linha de “esclarecer” também os brasileiros. Na ordem cronológica, alguns dos títulos principais deste período indicam esta preocupação:

Edição de 2 de junho de 1917: *Ein Yankee über die Yankees* (“Um ianque acima dos ianques”). Crítica à democracia norte-americana e às “contradições” de Wilson.

Edição de 16 de junho de 1917: *Urteile und Erzählungen neutraler Kapitaene über den deutschen Unterseebootkrieg und dessen Folgen* (“Julgamentos e histórias de capitães neutros sobre a guerra submarina alemã e de suas conseqüências”).

Edição de 23 de junho de 1917: *Gegen die Lügenberichte* (“Contra os relatórios das mentiras”). Críticas ao noticiário de guerra francês e britânico.

Edições de 27 e 30 de junho de 1917: *Nichts Neues unter dem Monde* (“Nada de novo sob a Lua”). Exaltação dos erros da imprensa francesa, que previam a vitória de Napoleão III às vésperas da derrota na guerra franco-prussiana de 1870 – e a “constatação” de que estes erros se repetiam em 1917.

Edição de 23 de agosto de 1917: *Ein bemerkenswerte Rede* (“Um discurso digno de comentários”⁸⁹). Reprodução de um discurso feito por um deputado gaúcho sobre o direito de os teuto-brasileiros defenderem sua nacionalidade brasileira, conforme se verá adiante.

⁸⁹ *Bemerken* (“comentar”) + *werte* (“valor”)

Edição de 22 de agosto de 1917: *Gegen die Kriegshetzer* (“Contra os que fazem intrigas da guerra”). Crítica aos brasileiros que defendiam a participação do Brasil no conflito.

Edição de 25 de agosto de 1917: *Der unverbesserliche Deutscher* (“O alemão não pode ser melhor”). Transcrição de artigo de um jornal alemão dando conta de que prisioneiros de guerra franceses, russos e sérvios eram tão bem tratados nos campos de trabalho na Alemanha que chegavam a abusar da população civil.

Edição de 12 de setembro de 1917: *Wilson gegen Wilson* (“Wilson contra Wilson”).

Edição de 29 de setembro de 1917: “Isolado na América”. Artigo em português, criticando o alinhamento brasileiro com os EUA e prevendo, como consequência deste ato, uma crise diplomática com a Argentina, conforme se verá adiante.

Edição de 13 de outubro de 1917: “O ‘perigo alemão’ à luz de documentos históricos”. Artigo em português, “provando” que os alemães e teuto-brasileiros vinham sendo hostilizados na imprensa brasileira devido a “maquinações” do Ministério do Exterior da Inglaterra, conforme se verá adiante.

Edição de 20 de outubro de 1917: “Desfazendo uma intriga”. Artigo em português, em resposta ao petropolitano Diário da Manhã, que noticiou hostilidades entre teuto-brasileiros, moradores do bairro da Mosela, em Petrópolis, e soldados do Exército brasileiro, conforme se verá adiante.

A análise da temática deste noticiário aponta uma mudança de rota na linha editorial. O jornal que, antes do início da guerra, conforme já descrito, publicava apologias belicistas; que exaltava a “nobre origem” dos teuto-brasileiros; que combatia tanto quanto possível a imprensa dos países Aliados, mesmo quando o Brasil estava neutro no conflito; o jornal, enfim, que era publicado em alemão, para uma comunidade teuto-brasileira, muda de posição. A crise diplomática e a iminência de uma declaração de guerra põem em xeque a identidade “alemã” – e então restava ao

Nachrichten informar a seus leitores, à sua comunidade, que eles eram acima de tudo brasileiros e que, como tal, deveriam “portar-se”. Um discurso do deputado gaúcho Rafael Cabeda tentou destacar este direito à nacionalidade brasileira entre os moradores de Teutônia (RS) – e especialmente o direito à defesa desta nacionalidade. O discurso, já citado, foi feito em alemão e reproduzido na íntegra pelo *Nachrichten* na edição do dia 23 de agosto, sob o título *Ein bemerkenswerte Rede* (“Um discurso digno de comentários”). O tema era “A presente situação dos teuto-brasileiros”. E não mereceu sequer um comentário adicional.

[...] Neste momento difícil é interessante se falar sobre a desconfiança e a má interpretação (que ocorre) entre brasileiros de várias ascendências. É preciso que ela dê lugar a uma confiança maior. É muito triste que a nossa amada pátria esteja sendo arrastada para esta desalmada confusão da guerra, que é consequência, principalmente, da incapacidade de diversos líderes. Estou convicto que para um homem de Estado como Rio Branco seria possível evitar esta situação. Já foi me dito que brasileiros de várias ascendências foram muitas vezes enganados e não foram considerados brasileiros na acepção da palavra. Mas acredito pessoalmente que esta concepção não é válida para todos os casos [...]

O tom conciliatório, quanto à “integração” dos alemães no Brasil, prossegue na valorização do trabalho dos imigrantes e descendentes:

Eu queria dirigir-me principalmente a vós, brasileiros de ascendência alemã. São necessários o vosso trabalho, a vossa economia e a vossa constância. Porque com estas qualidades tendes, ao longo dos anos, transformado grandes caminhos de selva em caminhos abençoados. Mas ainda: tendes principalmente uma coisa a mais para progredir, que é (*o fato de*) vos sentirdes como brasileiros. Tendes que ser firmes nos vossos objetivos, para contribuir com o verdadeiro bem-estar da pátria. E isto vós conseguis principalmente quando participais na administração do Estado, do município e da União, mediante o pagamento dos impostos. Também podeis fazer isso através da eleição para os representantes do governo, que podem atender às vossas solicitações e anseios.[...] Não fosse isso, então serieis homens fechados e haveria razão para que os demais vos chamassem estrangeiros.

O deputado se vale de um exemplo, a seu ver bem sucedido, de integração alemã no Brasil, para indicar o “caminho” a seguir, destacando a necessidade de amor

à nação brasileira e da ilegalidade de um eventual questionamento quanto à nacionalidade dos teuto-brasileiros:

Quereis ser reconhecidos como brasileiros? Então não posso vos dar um conselho melhor do que este: tomai como exemplo um brasileiro de ascendência alemã, Karl Von Koseritz [...] que, mesmo não tendo nascido aqui, foi reconhecido total e plenamente como brasileiro. Se fordes na mesma direção dele, sentindo-vos brasileiros, também vós tereis este reconhecimento. O poeta que falou assim é que falou a verdade: “E quem estiver neste chão/e cavar a sepultura do pai e da mãe/conseguiu obter o sagrado direito à pátria/que ninguém pode discutir”. Peço então duas coisas. Primeiramente, temos que amar de todo o coração a nossa mãe-pátria Brasil. E segundo, sob nenhuma hipótese podemos declinar do nosso direito de sermos reconhecidos como brasileiros. Se por acaso, pela vossa ascendência, ocorrer um tratamento adverso, lembrai-vos do partido, lembrai-vos de mim e tereis a oportunidade de ser convencidos de que não haveis desperdiçado a vossa confiança. E, finalmente, com uma voz única, digamos: “Nossa pátria-mãe Brasil! Salve! Salve!”⁹⁰

A maior parte dos artigos publicados pouco depois do rompimento entre Brasil e Alemanha ainda tinha o tom ufanista das vitórias do *Reich*. Mas este tom tornava-se a cada dia mais amargo. À medida que o Brasil se aproximava dos EUA, mais “endurecia” a propaganda, a ponto de o *Nachrichten*, finalmente, manifestar-se de forma aberta contra a diplomacia do Itamaraty. Em sua edição de 26 de agosto, por exemplo, considerava que o Ministério das Relações Exteriores agia sob

arbitrária interferência do governo ianque nos nossos negócios domésticos e desrespeito à nossa soberania arrolando entre a carniça destinada aos matadouros da Europa inúmeros cidadãos brasileiros.

O *Nachrichten* considerava, ainda neste artigo, que o alinhamento do Brasil com os Aliados se contrapunha à política de neutralidade da Argentina e ameaçava as relações com o país vizinho. Segundo esta interpretação, o alinhamento com os EUA, portanto, não era ameaçador apenas para alemães e descendentes radicados no Brasil: os brasileiros sem ascendência alemã também deveriam estar informados dos

⁹⁰ No original: *Unser Vaterland Brasilien! Hoch! Hoch!*

perigos desta estratégia diplomática. As definições e as previsões sobre as conseqüências do “erro” do governo brasileiro são, outra vez, de “Teuto-Brasileiro”, em artigo intitulado “Isolado na América”, publicado em português na edição de 29 de setembro, a um mês da declaração de guerra. O “inimigo” agora não era francês nem inglês: havia também um “inimigo” brasileiro.

Não posso crer que o sr. Nilo Peçanha, quando convenceu o sr. Wenceslau Braz a nortear nossa política internacional pela dos Estados Unidos, tivesse agido de ânimo ligeiro. S. ex. sabia de antemão o mau passo que ia dar. Não ignorava o estado de nossas relações com as repúblicas do Prata. Sabia mais que: a “orientação norte-americana” implicava na vassalagem da chancelaria brasileira aos ditames de Washington. Fechou, porém, os olhos a isto e prestou atenção somente ao efeito cinematográfico da nova atitude do Itamaraty, se é que se pode, no regime presidencial, dar a um ministro o poder de modificar em público e raso a orientação do Executivo. Que resultado obteve o Brasil deste ato frio e diabolicamente calculado pelo seu ministro do Exterior: [...] Apenas a arbitraria interferência do governo ianque nos nossos negócios domésticos e o desrespeito à nossa soberania [...] Como vassalal, não temos mais o direito ao protesto.[...] Foi depois da entrada do sr. Nilo Peçanha no ministério do Exterior que os atritos entre argentinos e brasileiros se renovaram, sempre sem um motivo claro, parecendo até que há entre os aliados um interesse oculto em provar uma desavença entre povos amigos, contanto que essa guerra lhe favoreça os negócios [...]

Também em português e no mesmo estilo, mas desta vez sem pseudônimos, o jornalista Carlos Alberto Maul, assinando artigo (“O ‘perigo alemão’ à luz de documentos históricos”, edição de 13 de outubro), “provaria” que historicamente a comunidade teuto-brasileira nada mais fez que contribuir com o crescimento do Brasil. A matéria foi publicada originalmente em alemão no *Deutsche Zeitung* de São Paulo, apesar de Maul ser petropolitano e constante colaborador do *Nachrichten* (onde o texto foi reproduzido com agradecimentos ao jornal paulista).

O artigo era uma resposta a matérias da imprensa inglesa e francesa, bastante divulgadas nos jornais brasileiros, que davam conta do plano germânico para conquistar o mundo. Esta denúncia era “fundamentada” na violenta imprensa pan-germanista do fim do século XIX – vertente do mercado editorial alemão onde havia

espaço para a publicação de todo e qualquer análise que preconizasse a supremacia política do *Reich*, incluído aí até um mirabolante plano de divisão da América do Sul entre Alemanha, Inglaterra e EUA⁹¹.

Segundo o artigo de Maul publicado no *Nachrichten*, entretanto, a postura dos alemães e descendentes radicados no Brasil desmentia este tipo de denúncia. Petrópolis, segundo o texto, era o vivo exemplo de que os imigrantes alemães e seus descendentes sempre estiveram assimilados à cultura nacional. Petrópolis era o melhor exemplo da integração dos imigrantes (independentemente de sua origem geográfica dentro do historicamente dividido universo alemão na Europa) e a “prova” de que não poderiam, aqui, ser vistos como inimigos. Mais que isso, porém, o artigo de Maul parece ser um bom exemplo desta então difícil posição teuto-brasileira – onde uma identidade coletiva, construída sobre a crença na fidelidade às culturas de duas pátrias, tenta subsistir mesmo quando estas pátrias se tornam politicamente antagônicas. O jornalista, através de sua pesquisa histórica, pode ter apenas o claro objetivo de “defender” a comunidade teuto-brasileira. Mas, ao mesmo tempo, pode estar simbolizando a instabilidade e a fragilidade da identidade desta comunidade quando pressionada por uma questão política superior.

Agora, quando uma grande maioria dos meus patrícios se deixa engodar pela cantiga roufenha da velha sereia britânica e obedece aos manejos da matreira diplomacia de Londres, é curioso recordar como aportaram no Brasil os primeiros colonos alemães, hoje apontados como ferozes inimigos; da prosperidade germânica como um perigo, um pesadelo que ameaça o desenvolvimento e a soberania das nações fracas do continente americano. Sem sair de Petrópolis encontro documentação magnífica [...] Ninguém pôde constatar uma vez sequer o desejo dos alemães de implantarem nesse núcleo os hábitos da pátria distante. Reconhecidos cidadãos brasileiros, como bons brasileiros se portaram em todas as emergências, dotando a pátria adotiva, que já era então a pátria de seus filhos, de uma cidade magnífica [...] Entretanto, há quem diga que se existe “perigo alemão” em Santa Catarina é porque os que procuraram as terras do Brasil meridional são de origem prussiana, cujo espírito de conquista não desaparece nem

⁹¹ TANNENBERG, Otto Richard, **Gross-Deutschland, die Arbeit des XX Jahrhunderts** (“A Grande Alemanha, a obra do século XX”), *opus cit* in PY, Marco Aurélio, **A Quinta Coluna no Brasil**.

através de sucessivas gerações e sucessivos cruzamentos. Se é apenas esse o motivo do espantinho que os palradores do Foreign Office descobriram para implantar a discórdia no seio da família brasileira com o fim de nos enfraquecer com lutas inglórias e discórdias intestinas, o exemplo de Petrópolis o destrói completamente, pois a última estatística de imigrantes remetidos pela casa Delrue⁹² constatava: Prussianos⁽⁹³⁾: 1355; Hessenenses: 898; Do Hannover: 22; Bávaros: 6

“Explicada” a deliberada e nociva ação dos ingleses, o autor conclui com informações pretensamente tranquilizadoras para os brasileiros:

Pois bem. Foram esses mil e tantos prussianos que ao cabo de pouco mais de dez anos arrancaram do diplomata suíço palavras amargas porque não germanizavam o solo americano que os recebera como filhos adotivos. [...] Que esse perigo não existe e que mesmo os que o apregoam nele não acreditam está fora de toda a dúvida. Cabe entretanto aos bons brasileiros orientar a maioria a fim de evitar que estranhos fatores dissolventes se introduzam no seio de nossa terra com o intuito de nos explorar em seu proveito próximo ou remoto.

No dia 18 de outubro, a uma semana da declaração de guerra, outro incidente provocou polêmica, desta vez local: soldados do 302º Tiro de Guerra faziam exercícios de marcha no bairro petropolitano da Mosela, onde foram vaiados e provocados por moradores da região. O também petropolitano *Diário da Manhã* narrou o incidente em sua edição do dia 19. Observe-se que este artigo anteciparia um discurso comum a partir da declaração de guerra, nos jornais locais, segundo o qual alemães e teuto-brasileiros eram a mesma coisa:

No domingo translato, o Tiro 302 levou a efeito um passeio militar. Marchou até o alto da Mosela, zona que, todos nós sabemos, é habitada quase que exclusivamente por alemães. E o caso é que aquela gente, que considera a Mosela como um feudo de soberania alemã, viu no passeio de nossos jovens atiradores uma violação desta mesma soberania

A resposta do *Nachrichten*, novamente em português, veio em duas edições (dias 20 e 24) sob o título “Desfazendo uma intriga: resposta ao *Diário da Manhã*”.

⁹² Empresa francesa, responsável pela vinda dos colonos alemães de Petrópolis em 1843.

⁹³ Conforme já observado no Capítulo II do presente trabalho, os naturais do estado Renânia-Westfália nasceram em regiões subordinadas ao Reino da Prússia. Como tal, não poderiam ser considerados prussianos natos. O autor do artigo, deliberada ou equivocadamente, não faz referência a este fato.

Trata-se de outro significativo exemplo da ambigüidade já apontada – em que a fidelidade política da comunidade teuto-brasileira (que compulsoriamente aqui se queria evidenciar totalmente brasileira) entrava em conflito com a fidelidade cultural e afetiva à Alemanha. Para o *Nachrichten*, a cultura estrangeira de sua comunidade poderia refletir-se nas páginas de um jornal publicado em idioma estrangeiro. Nele, seria possível defender e difundir e adotar a conduta política de um Estado estrangeiro. O teuto-brasileiro podia (e devia) manter práticas e saberes estrangeiros. Mas definir o teuto-brasileiro como alemão, neste momento, era ofensivo.

Convém salientar que é ridículo pretender fazer passar por estrangeira a população nacional de um município brasileiro só porque ela descende de alemães [...] A maioria do povo desta cidade, que tem nas veias o nobre sangue germânico [...] não pode ser alvo deste periódico ‘aliadófilo’

E, na edição seguinte, também em português:

Pois aproveitem a lição que vamos dar, sem cobrar nada: aqui nesta cidade, 90% dos habitantes têm nas veias sangue alemão. Toda esta gente é brasileira a valer e ciosa do bem da terra em que nasceu e em que nasceram seus pais. Assim como os italianos, os portugueses e os franceses têm direito de admirar as façanhas de seus compatriotas e os seus filhos aqui nascidos seguem à risca o exemplo paterno, os filhos, netos e bisnetos de alemães admiram e têm mesmo direito de admirar os feitos gloriosos da grande terra em que viram a luz os seus avós. Chamar, portanto, estrangeiro a um petropolitano só porque descende de alemães é insultá-lo (*grifos meus*)

Conforme o demonstrado, as polêmicas acerca da nacionalidade (e, conseqüentemente, fidelidade política ao Estado) dos teuto-brasileiros só surgiram nas páginas do *Nachrichten* na medida em que a ruptura entre Brasil e Alemanha foi se construindo. Polêmicas que se tornaram mais intensas na proporção da iminência da declaração de guerra. Ao analisar os fatos politicamente, o jornal terminou trazendo mais que um noticiário eminentemente “partidário”. Trouxe exemplos de complexas questões sobre a cultura dos seus leitores, da sua coletividade. Trouxe questões que, sob sua óptica, eram tão ou mais importantes quanto o noticiário internacional. Pois, por reduzido que fosse seu número de leitores, eram questões aparentemente tão

cruciais quanto os resultados de uma guerra mundial: eram questões ligadas à preservação (ou constituição) da identidade – seja destes leitores, desta comunidade ou do próprio jornal.

Quando a última edição do *Nachrichten* circulou, dia 28 de outubro de 1917, o Brasil já estava em guerra. O jornal, editado dia 27, trouxe como matéria principal o afundamento do navio brasileiro *Macau*, torpedeado também na véspera por um submarino alemão – incidente que provocou a declaração de guerra. Na primeira página, de forma “isenta”, o *Nachrichten* narrou o ataque. Na página 3, traria o que jornalisticamente era o mais importante, ou seja, a decisão do governo brasileiro. A matéria, quase lacônica, transformou-se no próprio seu título: *Letzten Notizen* (“Últimas notícias”):

Assim como era esperado, o Congresso determinou ontem que o presidente da República declarasse guerra à Alemanha. As conseqüências indubitáveis serão:

1. Mobilização da quinta, sexta e sétima zonas militares [...]
2. Inúmeros trens serão subordinados ao Ministério da Guerra [...]
3. As lacunas existentes no Exército serão imediatamente preenchidas [...]
4. Será distribuída munição aos comandantes de distritos [...]
5. O Exército será limitado à defesa. Ou seja, somente defenderá fronteiras terrestres [...]

No último parágrafo, o que pode ser uma última tentativa de tranquilizar os leitores e, quem sabe, conciliar duas culturas:

Os boatos de que as tropas brasileiras iriam para o campo de batalha na Europa são falsos. Todas estas decisões tomadas pelo governo foram aceitas tranquilamente pela população. Até o fechamento desta edição não havia qualquer sinal de inquietude.

Mas também este cenário iria mudar.

O fim do *Nachrichten*

A partir da declaração de guerra, em 29 de outubro de 1917, o governo brasileiro tomou providências para garantir que os “subditos alemães” aqui radicados não se

constituíssem em ameaça à “paz social”. Além da mobilização militar e da decretação do Estado de Guerra (iniciativas, aliás, devidamente previstas pelo *Nachrichten* em sua última edição), o governo notificou os correios, determinando a apreensão de jornais alemães em circulação no Brasil⁹⁴ e, dias depois, ordenou que todos os alemães maiores de idade se apresentassem à delegacia mais próxima.⁹⁵

Mas as iniciativas do governo não podem ser apontadas como a causa principal do evento que provocaria o fim do *Nachrichten*. Afinal, sete dias se passariam antes que a sede do jornal (assim como outros imóveis de alemães e/ou teuto-brasileiros em Petrópolis) fosse invadida e depredada por manifestantes “nacionalistas” – num prazo incompatível com uma suposta comoção popular movida pelos atos governamentais. Além disso, cabe destacar o clima de insegurança que, por vezes, algumas notícias deixam transparecer. Tumultos e greves, no Rio e em Petrópolis, foram regularmente noticiadas no *Nachrichten* ao longo do ano de 1917. Dois meses antes do seu fechamento, por exemplo, o jornal havia até publicado o seguinte comentário:

Um grande número de comerciantes da nossa cidade decidiu, por conta própria, fechar as suas lojas às 19 horas. Os empregados (que deixam o serviço neste horário), acompanhados de elementos duvidosos, passam a fazer algazarra pelas ruas da cidade, em frente às lojas dos comerciantes que tinham as suas lojas abertas. O comportamento destes empregados do comércio não é de todo correto. E a polícia, que também não sabe como resolver esta situação, também não está errada.

Mas estes tumultos urbanos não parecem estar, num primeiro momento, associadas aos posteriores ataques aos imóveis “alemães”, em novembro. A desinformação, tudo indica, parece ter sido a causa desta aparente normalidade nas relações entre brasileiros e teuto-brasileiros na cidade imperial durante os primeiros dias do Brasil na guerra. Uma notícia do dia 31 de outubro, na *Tribuna de Petrópolis*, pode caracterizar satisfatoriamente a posição, naquele momento ainda indefinida, dos

⁹⁴ *Tribuna de Petrópolis*, edição de 30/10/1917.

⁹⁵ *Tribuna de Petrópolis*, edição de 10/11/1917

brasileiros quanto à comunidade germânica, quanto às suas práticas sociais e, mais especificamente, quanto ao *Nachrichten*:

Esteve ontem na delegacia o nosso colega de imprensa Edmundo Hess, proprietário do *Nachrichten*, jornal que se publica nesta cidade, que foi saber se podia continuar a imprimir seu periódico em língua alemã. O sr. tenente Prelidiano Pinto, depois de ouvir o chefe de polícia do Estado, mandou convidar à tarde o sr. Edmundo Hess para comparecer ao seu gabinete, onde o cientificou de que doravante aquele jornal não poderá ser publicado senão em português e submetido à censura legal de acordo com as medidas tomadas pelo Governo Nacional. O sr. Edmundo Hess prontamente asquiesceu às ordens do governo, declarando que suspenderia a publicação do seu jornal até resolver sobre a impressão do mesmo em língua portuguesa.

Vale fazer aqui pelo menos três observações:

- 1) É notável que, àquela altura, logo após a declaração de guerra, Hess ainda considerasse a hipótese de fazer circular o *Nachrichten* normalmente.
- 2) Igualmente notável é o fato de o responsável pela delegacia local ignorar que atitude tomar com relação ao jornal, precisando informar-se com o chefe estadual da polícia, em Niterói.
- 3) Vale observar algumas peculiaridades nas entrelinhas do texto, que parecem refletir a indefinição dos brasileiros: “o nosso colega de imprensa Edmundo Hess” transforma-se, tão logo é chamado pela polícia, em “sr. Edmundo Hess”. Parece válido observar também o destaque dado ao fato de o jornalista “prontamente asquiecer às ordens do governo”, como se lhe restasse outra alternativa viável.

Mais uma vez será necessário lançar mão da *Tribuna de Petrópolis* para reconstituir os acontecimentos que, a partir de 29 de outubro de 1917, determinaram o fim do *Nachrichten*. É válido tratar destes incidentes não apenas porque fazem parte de sua história – mas, sobretudo, porque são o exemplo mais marcante da segmentação sócio-cultural na comunidade de Petrópolis, segmentação que resultará

em um enfrentamento local devido à guerra na Europa. Uma análise possível permite compreender o fechamento do jornal como parte de um processo maior, que trouxe à tona divisões culturais e políticas, colocando os alemães e teuto-brasileiros em xeque.

Segundo a *Tribuna de Petrópolis*, na noite do dia 2 de novembro um tumulto em um café⁹⁶ na Rua do Imperador (a principal da cidade) deu origem a uma manifestação “nacionalista” (ver Anexos – Mapa 4). O grupo exaltado, com aproximadamente 20 homens, começou a protestar arrancando as tabuletas da Pensão Max Meyer, também na Rua do Imperador, de propriedade de um alemão. Não satisfeitos, invadiram a Padaria Allemã, que ficava próxima. Lá houve saque e vandalismo. O que não pôde ser inutilizado no local foi jogado no rio que divide a Rua do Imperador. Dali, o grupo (cujo número de participantes foi aumentando) partiu para a associação *Deutsches Verein*, onde houve mais depredação e o “confisco” de quadros do barão do Rio Branco e de Floriano Peixoto. O alvo seguinte foi o clube *Deutsche Saengerbund Eintracht*, onde ficou registrado talvez o único depoimento acerca dos acontecimentos. Apesar de anônimo, o relato é bastante esclarecedor sobre como procederam os “nacionalistas”. Diz a testemunha:

Enquanto jogávamos bolão⁹⁷ na sede, recebemos pelo telefone uma notícia que uma multidão de pessoas se dirigia para a Rua 13 de Maio, a fim de atacar a sede da Sociedade. Ao tomarmos conhecimento do assunto, tratamos de esconder nossos arquivos, inclusive os livros de atas de outros documentos. Mal terminamos os trabalhos, ouvimos na rua um vozerio intenso. Imediatamente nos colocamos à porta com a bandeira do Brasil. Nada adiantou: enfurecidos, os mais audaciosos penetraram na sede,

⁹⁶ Dois italianos, que estavam no Café Avenida, por volta das 19h, começaram a discutir sobre a participação de seu país na guerra. Um deles julgava que a Itália fazia bem em aderir à causa dos Aliados, enquanto o outro defendia a idéia de que o governo italiano deveria honrar o compromisso com a Triplíce Entente. A diferença de opiniões terminou em briga. A polícia interveio e levou os italianos para a cadeia. Mas os brasileiros que testemunharam a cena não apenas acompanharam os policiais até a delegacia como lá permaneceram, reivindicando a soltura do italiano “pró-Aliados” - o que efetivamente aconteceu, por volta das 21h. Com palavras de ordem, dali o grupo seguiu pela Rua do Imperador, dando início ao protesto.

⁹⁷ “Bolão” ou *Kegele*: uma espécie de boliche, típico da Renânia, sul da Alemanha e Áustria, ainda hoje praticado em diversos clubes e associações no Brasil, dentre os quais o próprio *Saengerbund Eintracht* (Coral Concórdia).

quebrando as janelas. No interior, além dos estragos, os retratos do Barão do Rio Branco, do Imperador Dom Pedro II e de Rodrigues Alves desapareceram das paredes, levados pelos participantes da baderna. Passados poucos minutos, novo ataque foi desfechado, desta vez com maior violência. Foi uma quebradeira geral.⁹⁸

Da Rua 13 de Maio, os manifestantes partiram em direção a seus novos alvos. O grupo ia aumentando à medida que se deslocava pelas ruas. Na avaliação da *Tribuna de Petrópolis*, mais de mil pessoas participaram do tumulto. Os prédios atacados depois do *Saengerbund* foram, pela ordem: a editora “germanophila” Vozes de Petrópolis (hoje Editora Vozes)⁹⁹; o clube *Turnverein*; o *Nachrichten*; Armazém Finkennauer (de onde uma carroça de alimentos “confiscada” foi enviada ao orfanato Santa Isabel); Pensão Max Meyer (ainda outra vez); Escola Evangélica (luterana); Açougue Fritz Geiser (Rua 7 de Abril); Armazém de André Lepsch; a casa particular do súdito alemão Hansen (Rua Doutor Porciúncula); a Barbearia de Augusto Esch; Padaria Lesch (que na véspera havia sido rebatizada como “Padaria de Luxo”); e Armazém Klinkammer. Ou seja, 14 imóveis foram atacados, sendo 10 comerciais, três sociedades e uma casa particular. A confusão só iria terminar quase na manhã do dia 3 (por volta das 4h30). Ninguém foi ferido ou preso.

Nas páginas da *Tribuna de Petrópolis*, a partir desta data e por um período considerável, a linguagem mudou: os alemães e teuto-brasileiros agora eram vistos com muita desconfiança. Um exemplo, dentre vários, é a notícia sobre um furto ocorrido, dia 5 de novembro, na casa do alemão Otto Feder. Os principais suspeitos eram os empregados, também alemães (Fritz Rather, Martin Ofter, Maria Cindorf e Willy Patrick). O redator da notícia, após explanar as informações sobre o caso,

⁹⁸ O depoimento está nos registros do clube. Trata-se do documento **Alguns fatos históricos da antiga Deutsche Saengerbund Eintracht, fundada em 17 de agosto de 1863 pelo professor Friedrich Stroele, atualmente denominada Sociedade Coral Concórdia**, redigido pelo sócio Mário de Freitas, de agosto de 1997.

⁹⁹ Controlada por frades franciscanos, a Editora Vozes foi considerada “gemanófila” devido à considerável presença de religiosos alemães e austríacos em seus quadros.

comentou que “felizmente neste caso complicado está envolvida apenas gente lá deles” (grifo meu).

O clima para os alemães e teuto-brasileiros parecia mesmo ser de medo. A *Tribuna de Petrópolis* também viria noticiar agressões sofridas por súditos do *Reich* e teuto-brasileiros em Campos, Rio e Niterói. Diariamente, o jornal divulgava as listas dos nomes de alemães maiores de idade que, conforme determinação do governo, haviam comparecido à polícia. O governo decretou Estado de Sítio no dia 25 de novembro, data em que missões navais estrangeiras (da Argentina, Uruguai, Grã-Bretanha e Estados Unidos) promoveram um desfile militar nas ruas de Petrópolis. Ainda neste mês, a *Tribuna de Petrópolis* iria publicar material significativo, como o artigo “Do serviço de campanha para candidatos ao exame da reserva do Exército” ou a íntegra do artigo 79 do capítulo II do Código Penal Militar, que tratava de espionagem e aliciação. Mas é um editorial, no entanto, a matéria que talvez melhor resuma este ponto de vista excludente dos brasileiros (“nós”) acerca dos teuto-brasileiros e alemães (“eles”). Em suma, “eles” eram todos a mesma coisa e, antes de tudo, “inimigos perigosos”:

Infelizmente, existem nesta cidade muitos indivíduos de dupla nacionalidade: brasileiros para auferirem todas as vantagens asseguradas por nossas leis aos filhos do país; alemães, para conspirarem contra o Brasil, menosprezar seu povo e tudo fazerem pelo domínio da nação de origem. Este bando de epícuras divide-se em duas categorias. Uns ignorantes e brutos, a eructarem arrogâncias de mistura com a espuma dos chopos. Outros, inteligentes, mansos, maliciosos, dizendo-se muito brasileiros, muito bem naturalizados, muito amigos desta formosa terra, mas tudo fazendo à socapa para reduzi-la a uma província do kaiser. (*Tribuna de Petrópolis*, 12 de novembro de 1917).

Enquanto isso, também pelas páginas da *Tribuna de Petrópolis*, os “suspeitos” foram compelidos a manifestar sua fidelidade ao Brasil – e, em consequência, declarar de público a sua identidade “nacional”, seja por uma questão de consciência pessoal, seja por medo de haver uma nova manifestação “nacionalista”. Os exemplos maiores desta tensão não estão nos textos redigidos pelos jornalistas, mas nos anúncios

publicados (e republicados) diariamente a partir do dia 7 de novembro. Um dos primeiros é da lavra do próprio intendente municipal, Ferdinando Finkennauer, que descreveu-se, em uma pequena biografia, como “filho de alemães nascido nesta cidade no ano de 1851” mas, sobretudo, “fiel ao Brasil”. Os textos falam por si só, como nestes poucos exemplos, dentre vários inúmeros outros:

Para destruir suspeitas, declaro que sou brasileiro nato como provam documentos oficiais devidamente legalizados – Francisco Frambach (*Tribuna de Petrópolis*, edição de 8 de novembro)

Os proprietários do Hotel Pensão Central vêm a público informar que todos seus funcionários são brasileiros natos. (idem)

Aos meus fregueses, amigos e ao povo. Pela presente venho declarar que a minha nacionalidade é DINAMARQUESA e portanto sou completamente neutro nestas questões de guerra. [*grifo no original*] (*Tribuna de Petrópolis*, edição de 10 de novembro)

O *Deutscher Verein* ainda chegou a convocar seus sócios, em 6 de novembro, através de um anúncio também publicado na *Tribuna de Petrópolis*, para uma assembléia onde o nome da entidade seria mudado. Mas por pressão da polícia (temerosa de novas manifestações), fechou suas portas. Somente depois de novembro de 1918, com o fim da guerra, o *Deutscher Verein* e demais clubes voltariam a funcionar normalmente (o *Deutsche Saengerbund Eintracht*, por exemplo, existe até hoje, no mesmo local, rebatizado como Coral Concórdia). As atividades da igreja luterana também não sofreriam, a partir do fim da guerra, alterações notáveis: as crianças continuaram tendo professores alemães e os cultos religiosos não sofreriam qualquer restrição.

De uma maneira geral, todas as entidades alemãs retomariam suas atividades regulares, do armistício de 1918 até a década de 30, quando da implantação da política “nacionalista” do Estado Novo de Vargas. O *Nachrichten*, no entanto, jamais voltaria a circular.

Capítulo 4

À guisa de interpretação: a questão da propaganda política, da comunidade e da identidade teuto-brasileira no *Nachrichten*

Papéis de um jornal

A conhecida assertiva de Marshall McLuhan¹⁰⁰ (1967) – segundo a qual “o meio é a mensagem” – destaca que o veículo de comunicação, geralmente entendido como simples canal de passagem para o conteúdo comunicativo, é um elemento determinante no processo da comunicação. Afinal, como suporte material, o meio tende a ser entendido como inócuo, incapaz de determinar positivamente o conteúdo que veicula. A sua única incidência no processo comunicativo seria negativa, causa possível de ruído ou obstrução na veiculação da mensagem. Um jornal, portanto, não é necessariamente apenas papel e tinta – tem funções mais complexas. McLuhan chama a atenção para o fato de uma mensagem ter o poder de abalar de formas diversas diferentes estruturas de comunicação, desencadeando diferentes mecanismos de compreensão e, até mesmo, adquirindo diferentes significados. Ou seja: o meio em que a comunicação se estabelece não apenas constitui a forma comunicativa, mas determina o próprio conteúdo e o processo da comunicação.

O jornal *Nachrichten*, objeto da presente pesquisa, sob este ponto de vista não pode ser entendido apenas como um meio físico através do qual determinada comunidade se manifestava cultural e politicamente. Não pode ser entendido somente como o suporte material para a divulgação de informações determinadas a respeito do público a que se destinava. Deve ser avaliado e entendido, igualmente, como parte determinante da mensagem que transmitia. Uma mensagem que ia além das

¹⁰⁰ MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **The Medium is the Message: an inventory of effects.**

informações cotidianas – e que num conjunto geral pode ser entendida como vinculada às questões de identificação coletiva de alemães radicados no Brasil e, sobretudo, teuto-brasileiros. O *Nachrichten* não estava voltado para a sociedade em geral e, sim, para uma comunidade determinada. Não estava, igualmente, oficialmente ligado a nenhuma forma de poder governamental. Ainda assim, a constante mensagem do jornal, no sentido de exaltar o vínculo afetivo dos teuto-brasileiros a uma pátria “original”, não pode ser considerada um ato apolítico: ao contrário, em inúmeras oportunidades o noticiário pretende estabelecer um vínculo político não à apenas ao *Volksgeist* alemão ou à nação alemã, mas ao Estado alemão.

Propaganda

Uma análise acurada sobre o *Nachrichten*, conforme a que se pretendeu estabelecer no Capítulo III, permite dizer que o “jornal para os interesses teuto-brasileiros”, não era portanto um meio inócuo que visava somente a informação de seus leitores, ainda segundo o pensamento de McLuhan. Parece nítida a tentativa do *Nachrichten* de estabelecer (ou consolidar) uma vinculação efetiva entre os teuto-brasileiros não apenas com a pátria germânica mas, sim, com o Estado alemão, sobretudo durante a guerra – processos nos quais elementos da *germanidade* são mais evidentes. Todo o arcabouço simbólico de uma “mãe-pátria” conquistadora e emergente perante o mundo (análises sobre a história alemã, informações positivas sobre a realidade do país etc) estão nas páginas do *Nachrichten*, além, é claro, de constante publicação de material alusivo a personagens importantes para o *Reich*. Deve-se ressaltar que este material não era informativo. Em geral, eram artigos elogiosos sobre tais personagens, como o imperador Wilhelm II ou Otto von Bismarck. Em tempo de guerra, este gênero de matéria também abordaria a biografia ou as façanhas de heróis militares.

Esta avaliação parece bastante plausível também em virtude da regular divulgação de singular material “noticioso”: comunicados oficiais do governo, boletins

de guerra do QG alemão e o constante noticiário sobre pronunciamentos do imperador ou de autoridades sobre iniciativas governamentais. A tônica nacionalista, conforme já exemplificado, é patente. Poderia, sob estes aspectos, a ação política do *Nachrichten* ser classificada como *propaganda política*?

Segundo Jean-Marie Domenach (1975), a origem da propaganda política remonta à Antiguidade e, ao longo da história, teve participação decisiva em inúmeros processos sociais, sobretudo a partir da Revolução Francesa. Daí em diante, o aperfeiçoamento dos meios de propaganda foi consequência da evolução tecnológica dos meios de comunicação, com um inegável destaque para a palavra impressa, cuja influência ainda é considerável. Das páginas dos livros revolucionários do *Ancien Régime*, a propagação de idéias políticas, no século XIX, passará aos jornais, a fim de obter maior amplitude.

Os ideólogos do século XVIII empregaram panfletos, livros (e até uma enciclopédia) para uma propaganda revolucionária de efeito certo; o aproximar-se de 1848 verá florescimento análogo. Salvo exceções a serem examinadas mais adiante, o preço do livro, que o torna um bem reservado às elites, e os prazos de impressão, forçosamente tiram o caráter de atualidade das brochuras ou panfletos menos caros. É o jornal o veículo de propaganda melhor adaptado. Com a Revolução Francesa surgiram os jornais de opinião e nela desempenharam papel ativo. (Domenach, 1975: p.18)

No início do século XIX, o jornal ainda será um veículo pouco acessível, devido, dentre outros motivos, a seu preço de custo, baixa tiragem e dificuldades de circulação. Melhorias constantes nas técnicas de difusão da informação e nas técnicas de impressão, barateando o produto, vão facilitar sua aquisição a um número cada vez maior de leitores.

Cria-se dessa forma o jornal moderno, cujo baixo preço e cuja apresentação o transformam em um instrumento popular e em uma formidável potência de opinião. Ao mesmo tempo em que aumentam as tiragens, bem como sua influência, os jornais tornam-se "negócios" a serviço do capitalismo ou do Estado e dependem de agências de Informações, igualmente controladas. (Idem)

No entanto, somente no século XX a propaganda política vai alicerçar-se em estratégias ainda hoje em uso ou aperfeiçoamento. Domenach refere-se a duas conjunturas distintas e específicas, que foram a Revolução Russa e a ascensão do nazismo. Mas é notável que estas estratégias, levadas a efeito em ações políticas bastante específicas (e, ainda que desvinculadas dos objetos da presente pesquisa) encontrem paralelo no que se pode depreender nas páginas do *Nachrichten*. Mesmo reconhecendo a impossibilidade de estabelecer regras absolutas quanto à manifestação da propaganda política, Domenach analisa os caminhos pelos quais ela em geral se manifesta, regras comumente utilizadas por Estados e/ou partidos políticos. Tais estratégias obedecem, segundo o pesquisador, a cinco “leis”, ou técnicas:

a. Lei de simplificação e do inimigo único: técnica que consiste em reduzir a meta política que se pretende impor aos seus conceitos mais simples (eventualmente, até um slogan, como “Heil Hitler!”), visando sua melhor absorção pelo público. “Em todos os domínios, a propaganda logo se empenha na busca da simplificação. Trata-se de dividir a doutrina e a argumentação em alguns pontos, definindo-os o mais claramente possível. O propagandista tem à disposição uma escala inteira de fórmulas: manifestos, profissões de fé, programas, declarações, catecismos, os quais, em geral sob forma afirmativa, enunciam certo número de proposições em texto conciso e claro”;

b. Lei de ampliação e desfiguração: deturpação de fatos reais para alimentar o imaginário do público em favor de determinada idéia. “A ampliação exagerada das notícias é um processo jornalístico empregado correntemente pela imprensa de todos os partidos, que coloca em evidência todas as informações favoráveis aos seus objetivos: a frase casual de um político, a passagem de um avião ou de um navio desconhecidos transformam-se em provas ameaçadoras. A hábil utilização de citações destacadas do contexto constitui também processo freqüente”;

c. Lei de orquestração: consiste na intensificação na transmissão de determinada idéia, de diferentes maneiras, junto ao público, como meio de fazê-la ser absorvida integralmente. “A propaganda deve limitar-se a pequeno número de idéias e repeti-las incansavelmente. As massas não se lembrarão das idéias mais simples a menos que sejam repetidas centenas de vezes. As alterações nela introduzidas não devem jamais prejudicar o fundo dos ensinamentos a cuja difusão nos propomos, mas apenas a forma. A palavra de ordem deve ser apresentada sob diferentes aspectos, embora sempre figurando, condensada, em uma fórmula invariável, maneira de conclusão”;

d. Lei de transfusão: técnica demagógica, que parte de uma idéia já aprovada pelo público. “O chefe político apela imediatamente para o sentimento preponderante da multidão (...). O que conta é prender, pela palavra e por associações sentimentais, o programa proposto, à atitude primitiva que se manifestou na multidão”;

e. Lei de unanimidade e de contágio: fazer crer que a idéia proposta é endossada por todos ou, pelo menos, uma grande maioria do público. “Criar a impressão de unanimidade e dela servir-se como de um veículo de entusiasmo e de terror, tal é o mecanismo básico das propagandas totalitárias, conforme tivemos oportunidade de vislumbrar a propósito do manejo dos símbolos e da lei do inimigo único”.

Mesmo não sendo ser considerado um porta-voz oficial do governo alemão (ou, pelo menos publicamente, não estar associado a qualquer iniciativa de propaganda oficial), o *Nachrichten* fez uso constante de material que pode ser classificado, em maior ou menor grau, como característico destas estratégias, sobretudo a partir do início da guerra. Este paralelo entre as técnicas citadas e a prática no noticiário do jornal permite dizer que ele foi, com efeito, instrumento de propaganda política – visando não apenas a “informação” de seus leitores teuto-brasileiros, mas também, no auge da guerra, conquistar a opinião pública dos brasileiros natos.

Mas está igualmente claro que, em sendo um instrumento de propaganda, o jornal em momento algum se proclama canal de comunicação do Estado alemão. Nada, em seu noticiário, faz crer que o veículo fosse componente de uma “articulação” governamental. Em uma palavra, a vinculação pretendida Estado-leitores não pode ser caracterizada como uma iniciativa “oficial”. Era fruto principalmente, ao que tudo indica, da crença e do “partidarismo” dos seus editores e/ou do público a que se destinava. Além disso, há que se ressaltar que mesmo assim não é possível dizer que o jornal tenha, em algum momento, sido estritamente panfletário. Esta observação parece importante sobretudo se for levado em consideração que, assim como na Psicanálise, também na Teoria da Comunicação atribui-se importância ao que não é dito claramente, mas insinuado.

Há algumas análises possíveis para uma das idéias centrais mais constantes nas páginas do *Nachrichten*: a de que era a viável ao indivíduo manter “fidelidade” política a duas pátrias (e, eventualmente e com maior ênfase, de “maior fidelidade” à Alemanha). Pode ser uma idéia paradoxal. Pode haver, antes e durante a guerra, norteado a ação de uma propaganda política. Pode ser reflexo do imaginário da comunidade teuto-brasileira. Enfim: a crença no *teuto-brasileirismo* pode ser interpretada de diversas formas. No entanto, não pode ser compreendida estritamente como tendo partido de uma ação do Estado alemão. Ou, pelo menos, nada indica neste sentido.

Tomando esta análise, é possível acreditar que a iniciativa de “propaganda”, portanto, tem uma base menos palpável do que apenas a estratégia política, governamental, partidária ou não. Está baseada, tudo indica, na criação e estruturação de um cenário de “discussão” de idéias, surgidas em questões não circunstanciais e desvinculadas das relações diplomáticas. Questões, enfim, alicerçadas na tentativa de definir quem ou o que era a comunidade teuto-brasileira – ou, numa palavra, na definição de sua identidade.

Da noção de identidade

Pode-se dizer que nos princípios da “lógica formal”, estabelecidos por Aristóteles no século V a.C., princípios que contêm os pressupostos paradigmáticos dos estudos sobre identidade. Segundo a lógica formal aristotélica, “A” é igual a “A”, isto é: uma identidade se define por características próprias, únicas, ímpares, iguais apenas a si mesmas ($A = A$) e, portanto, sempre diferentes de “B” (outra identidade), excluindo-se “C” (quaisquer terceiros). E é a partir desta base que também se assenta o entendimento da noção de identidade, segundo as Ciências Sociais.

[...] pesquisadores como Moerman (1965) e Barth (1967), em consonância com o relativismo, operacionalizaram a noção de “identidade” construindo-a como uma “ferramenta” útil ao trabalho de cientistas sociais. Estes antropólogos definem por “identidade” a maneira como um determinado grupo (uma etnia, uma comunidade etc) se auto-representa, diferenciando-se do “mundo exterior”. Neste sentido, os estudos sobre identidade tomam como objeto de pesquisa a nação, e não o Estado, entendendo este como um “poder” que, imposto e extrínseco às especificidades dos grupos sociais, homogeniza diferenças, “apagando-as” (Alves Filho, 1997: p.47)

O trecho reproduzido contém considerações que ajudam a posicionar teoricamente o cerne das questões sobre a construção da identidade teuto-brasileira no *Nachrichten*. Destarte, num primeiro momento, as questões mais importantes estão ligadas principalmente à nacionalidade (isto é, identificação do grupo com determinada nação): nelas está o inerente entendimento sobre igualdades e diferenças de idioma, religião etc, assim como seus valores simbólicos. Trata-se de um primeiro fator de “delimitação” do grupo ora em análise – fator que, simultânea e paradoxalmente, também sugere indefinição acerca de sua identidade nacional.

A identificação com uma determinada nacionalidade – relacionada a um Estado – passa pela idéia de pertencimento ou vinculação. A que Estado nacional “pertenceria” a identidade do indivíduo teuto-brasileiro? A que nacionalidade (ou cultura) pertence

sua comunidade? Conforme já observado no Capítulo II, esta questão esteve presente na origem da colonização germânica: imigrantes, vindos de diferentes Estados-nação, ou de Estados subordinados à administração de um Estado maior, consistiam um grupo culturalmente heterogêneo no que diz respeito à sua nacionalidade. A homogeneidade só se estabelecia no desembarque no Brasil: os imigrantes deixavam de ser “hessenenses”, “westfalianos” ou “bávaros” para tornarem-se simplesmente “alemães” – e, ainda assim, apenas em virtude de seu idioma, tinham no Brasil sua nacionalidade vinculada a um Estado nacional que ainda sequer existia como unidade política.

Os descendentes destes imigrantes na cidade de Petrópolis viviam, no que diz respeito à nacionalidade, uma questão distinta e mais complexa. Dada a constatação de que a cultura alemã subsistiu em maior ou menor escala na comunidade germânica, é pertinente questionar, acerca do *Nachrichten* e de seus leitores: em que “medida” um brasileiro nato poderia considerar-se alemão? Ou um filho de alemães poderia considerar-se brasileiro? Ou, mais além: como a idéia de ser simultaneamente brasileiro e alemão constituía a essência individual do teuto-brasileiro, a ponto de ele “diferenciar-se” dos brasileiros? A que origem, portanto, *pertencia* sua identidade?

Na realidade, a identidade coletiva não pode ser resumida como um simples sentimento de pertencimento, uma vez que é também o produto de um processo de identificação. Sob esse ângulo, R. Ledrut observa que a identificação social do indivíduo está mais ligada ao sentimento de pertencimento, que é um fator de identidade coletiva., Segundo ele, a identificação social é um conjunto de processos pelos quais um indivíduo se define socialmente, isto é, se reconhece como membro de um grupo e se reconhece neste grupo. Pertencimento e sentimento de pertencimento são, portanto, ligados à identificação, sem com ela confundir-se. (D´Adesky, 2001: p.41)

Muitos elementos levam a crer que a indefinição acerca da identidade de teuto-brasileiros pode muito bem ter transitado num indefinido espaço entre este “sentimento” e o “pertencimento” efetivo. Ela não é um fenômeno isolado ou exclusivo. Ao contrário, esta indefinição, bem como a discussão sobre as alternativas “pró-

Alemanha" e "teuto-brasileira", defendidas pelo *Nachrichten*, fazem parte de um processo constante de ajustamento da identidade coletiva perante a sociedade como um todo – ou mesmo "perante o mundo". Michael Pollak (1992) indica esta possibilidade quando reconhece que a identidade é um fenômeno produzido a partir da negociação dos critérios que a validam.

A noção de identidade é construída como um fenômeno que se produz em referência aos critérios da aceitabilidade, de credibilidade, até de admissibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Memória e identidade podem perfeitamente ser negociados, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (Pollak, 1992: p.204)

Com efeito, a mudança do discurso no jornal pode ser considerada um exemplo pertinente sobre esta negociação: a partir da tensão pré-guerra e até o rompimento efetivo entre Brasil e Alemanha, o *Nachrichten* alterou seu discurso: de "pró-alemão", transformou-se em "teuto-brasileiro". Na impossibilidade (política) de sustentar esta opção, passará a defender o alinhamento da opinião pública dos brasileiros à Alemanha – mas não a "adesão" dos teuto-brasileiros à causa do Estado brasileiro, como seria razoável supor, frente o cotidiano de seus leitores. Esta mudança, sob um ponto de vista absolutamente alemão, transcorre na mesma linha cronológica em que os "outros" (isto é, o Brasil e os brasileiros) transformam-se de "neutros" em "adversários" e, por fim, "antagonistas".

Apesar do risco da superficialidade, é possível concluir, ainda com base no discurso do *Nachrichten*: na impossibilidade de ser essencialmente "brasileiro", "alemão" ou mesmo "teuto-brasileiro" (ou seja, estruturando-se de forma ambivalente entre as duas nacionalidades), o grupo de descendentes de alemães se permitia identificar, sem margem de erro, com um valor simbólico. Identificava-se como pertencente a uma *comunidade* teuto-brasileira. E, neste caso, a palavra comunidade tem um sentido que vai além dos limites do grupo de descendentes de colonos da

cidade de Petrópolis. Este grupo apela, buscando um sentido próprio, para a idéia de comunidade devido à indefinição de sua nacionalidade e de sua conseqüente crise de identidade. O discurso nas páginas do *Nachrichten*, afinal, tentava estabelecer uma “nacionalidade” vinculada a duas pátrias, em teoria – ou a nenhuma, na prática. Não havendo um Estado-nação (desejável ou efetivo) “definidor” de identidade, o sentido da identidade para o grupo teuto-brasileiro é preenchido pela idéia de pertencimento a uma *comunidade*.

Comunidade: alguns conceitos

No contexto dual e impraticável vivido pelo *Nachrichten* e pelos seus leitores, a idéia de *comunidade* surge como conciliadora de duas idéias que co-existiam (e que iriam se opor): a vinculação “afetiva” à Alemanha *versus* a vinculação “legal” ao Brasil.

Esta dicotomia encontra um forte paralelo nos conceitos estabelecidos na chamada Teoria dos Vínculos Sociais, do alemão Ferdinand Tönnies (1887). Nesta formulação, construída a partir de uma pesquisa específica junto a populações da província alemã de Schleswig-Holstein, o sociólogo opõe dois tipos contrastantes de organização societária – sendo um pré-industrial e outro como produto da industrialização. Ou, resumidamente, estabelecem o contraponto entre vida comunal, rural, *versus* vida urbana. Ele definiu *Gemeinschaft* (“comunidade”) como “o grupamento humano onde predominam a economia doméstica e a organização social fundada nas relações de parentesco e no prestígio”. Em contraponto, Tönnies também definiu a *Gesellschaft* (“sociedade”) como “o grupamento onde predominam as relações secundárias, isto é, mediadas por contratos”. As relações sociais sempre se dariam em algum (ou em ambos) destes níveis. A relação social, segundo Tönnies, “se concibe, bien como vida real y orgánica – y entonces es la esencia de la comunidad –, bien como formación ideal y mecánica – y entonces el concepto de sociedad” (Tönnies, 1948: p.19)

Interessa particularmente, para os objetivos deste trabalho, a idéia de *Gemeinschaft*, traduzida (às vezes de forma adaptativa) por “comunidade”. Ela trabalha com os laços e sentimentos existentes entre os membros de uma família. Mas sua idéia ultrapassa tais laços ao estudar não apenas as pessoas unidas pelo sangue, mas, igualmente, as que se unem de uma maneira informal pela tradição, pela amizade, por alguma crença ou por outro fator social de coesão. A idéia de *Gemeinschaft* encerra um sentimento recíproco, vinculativo, que mantém os seres humanos juntos como membros de uma totalidade, que pode ser uma família, um clã, uma aldeia ou uma ordem religiosa. Ou, possivelmente, num grupo que pretende estabelecer o “espírito” da sua identidade, a partir da família, para o grupo, então entendido como “familiar”.

Remontándonos a los tres distintos fundamentos de toda comunidad: el de la sangre, el de la tierra y el del espíritu – parentesco, vecindad, amistad –, vemos que los tres se encuentran igualmente en la familia, si bien el primero es el constitutivo de su esencia. Las “alianzas comunales más perfectas que se conciben son las amistades: la comunidad de espíritu basada en la obra o vocación común y, por lo tanto, en la fe común. Pero también hay uniones que tienen asimismo su principal contenido en la comunidad de espíritu (Tönnies, 1948. p. 253)

Da mesma forma, é possível entender também que a comunidade seria o local da identidade coletiva enquanto que a sociedade seria o local da personalidade individual. Simplificada, esta proposição poderia conter a idéia de que numa comunidade os indivíduos estão unidos, apesar de tudo aquilo que os separa; numa sociedade, eles estão separados, a despeito de tudo aquilo que os une. Ou, tomando os objetos de pesquisa aqui propostos: para o *Nachrichten* e seus leitores, o Brasil corresponderia a uma *Gesellschaft*, enquanto a comunidade teuto-brasileira seria a *Gemeinschaft* possível. Uma comunidade “de espírito”, onde suas regras e códigos, alheios e impenetráveis para brasileiros, estariam subentendidos desde a formação familiar; um entendimento comunitário compreensível apenas para quem fazia parte daquele grupo:

[...] um entendimento compartilhado de todos os seus membros. Não um consenso. Vejam bem. O consenso nada mais é que um acordo alcançado por pessoas com opiniões essencialmente diferentes, um produto de negociações e compromissos difíceis [...] O entendimento comunitário, casual, não precisa ser procurado, muito menos construído. Este entendimento já "está lá", completo e pronto para ser usado [...] (Bauman, 2003: p.15)

Em Tönnies este entendimento não racional na forma comunitária é a vontade em consonância com os objetivos coletivos. O que predomina numa *Gemeinschaft* é a *Wesenwille* ("vontade essencial") , que se contrapõe à *Kürwille* ("vontade racional"), uma vontade de outra natureza, corresponde à forma em que o racional alia meios a fins, com o uso do cálculo e da oportunidade, objetivando a eficácia.

Como muitos outros conceitos que têm seu uso amplamente difundido, o conceito de *comunidade* sofreu alterações deste Tönnies. De maneira geral, manteve a idéia de identidade compartilhada. A comunidade pode então ser entendida como um grupo de pessoas ligadas muito intimamente por valores e comportamentos comuns, de tal forma que se veriam como parte de um corpo único e relativamente homogêneo. O fator de coesão, não racional, seria uma "solidariedade" e uma união muito fortes, que não são resultantes de acordos formalizados que visam a fins determinados, mas sim por uma identificação quase totalmente emocional com o conjunto. Edgar Morin destacou o valor da solidariedade para o equilíbrio e a sobrevivência de uma dada cultura.

A única maneira de salvaguardar a liberdade é que haja o sentimento vivido de comunidade e solidariedade, no interior de cada membro, e é isso que dá uma realidade de existência a uma sociedade complexa. A solidariedade é constituinte dessa sociedade. (Morin, 1983: p. 22).

Cohen (1978)¹⁰¹ almeja uma sociologia que retome a unidade de todas as coisas com uma nova concepção unificada de realidade, cuja base estaria na

¹⁰¹ In MIRANDA, Orlando de. **Para ler Ferdinand Tönnies.**

Gemeinschaft. Desta vez, o conceito funciona como a transição para uma nova visão de unidade sob uma concepção de instituições mais “humanas”. Para Cohen, comunidade não é, em essência, o *dorf* (“aldeia”) de Tönnies: tem um sentido mais profundo, refere-se a um sentimento – *Gemeinschaftsgefühl* (“sentimento comunitário”). É um sentimento percebido entre pequenos grupos onde vigora o sentido da solidariedade. Mais que um grupo, a *Gemeinschaft* é um fio de pensamento, de percepção, de sentimento, cujo propósito é a relação – ela é o fim em si. A *Gemeinschaft* existe porque a relação com o que quer que seja percebido e compreendido em sua essência, é um prazer em si e de si próprio.

Gemeinschaft é um grupo no qual as pessoas sentem que pertencem umas as outras porque são do mesmo tipo. Ou, ser semelhante, perceber a mesmice, significa que se gosta de alguém. O gostar está na raiz da *Gemeinschaft* relacionado à própria essência da vida social e da existência humana. [...] A semelhança pela mesmice de tipo leva ao gostar e estabelece a relação comunitária, tribal, grupal. (Cohen, 1978 in Miranda, 1995: p.209).

É a partir deste viés, em que o sentimento predomina sobre a racionalidade na relação social, que Bauman (2003) cita o conceito de “círculo aconchegante”, do sueco Göran Rosenberg, “para captar o mesmo tipo de imersão ingênua na união humana – outrora, quem sabe, uma condição humana comum, mas hoje somente possível, e cada vez mais, em sonhos”.¹⁰²

As lealdades humanas, oferecidas e normalmente esperadas dentro do círculo aconchegante “não derivam de uma lógica social externa ou de qualquer análise econômica de custo benefício”. Isso é precisamente o que torna esse círculo “aconchegante”: não há espaço para o cálculo frio que qualquer sociedade em volta poderia apresentar, de modo impessoal e sem humor, como “impondo-se à razão”. E essa é a razão por que as pessoas afetadas com esta frialdade sonham com esse círculo mágico e gostariam de adaptar aquele mundo frio a seu tamanho e medida. Dentro do “círculo aconchegante” elas não precisam provar nada e podem, o que quer que tenham feito, esperar simpatia e ajuda. (Bauman, 2003: p. 16)

Bauman ainda cita características fundamentais para a conceituação de

¹⁰² BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade – a busca por segurança no mundo atual.**

comunidade, a partir de Tönnies e da análise de Robert Redfield¹⁰³: ele lembra da necessidade de a comunidade mostrar-se *distinta* de outros agrupamentos humanos (“é visível onde a comunidade começa e onde ela termina”). Além disso, ela é *pequena* (“a ponto de estar à vista de todos os seus membros”) e é *auto-suficiente* (“de modo que oferece todas as atividades e atende a todas as necessidades das pessoas que fazem parte dela”).

A escolha dos atributos não é aleatória. Distinção significa: a divisão entre nós e eles, não há casos intermediários a excluir, é clara como água.[...] Pequenez significa: a comunicação entre os de dentro é densa e alcança tudo [...] E auto-suficiência significa: o isolamento em relação e eles é quase completo [...] Enquanto cada um do trio estiver intacto, é muito pouco provável que a motivação para a reflexão, a crítica e a experimentação possam surgir (idem, p. 17).

Bauman, no entanto, destaca que essa possibilidade de manutenção das características da comunidade depende do “bloqueio dos canais de comunicação com o resto do mundo habitado” – a fim de manter uma naturalidade do entendimento comunitário com base numa homogeneidade. Trata-se de uma idéia, nem sempre exposta claramente, de que seus integrantes fazem parte ou “pertencem” a uma determinada estrutura social específica que se contrapõe a outras.

É evidente que uma comunidade teuto-brasileira, nos princípios do século XX, não pode de forma alguma corresponder em absolutamente todos os pontos a uma definição estrita de *Gemeinschaft* – de resto, pré-industrial, desvinculada de processos capitalistas. Há que se considerar igualmente que outros conceitos abordados (como o de “solidariedade” ou o “sentimento de comunidade”) são percebidos através de uma óptica contemporânea. Mas é inegável encontrar pontos de contato entre os conceitos aqui analisados e os objetos desta pesquisa. E, a partir deles, parece possível alcançar o entendimento sobre a importância deste fator de coesão e estruturação de uma comunidade, teuto-brasileira ou não: um *sentimento* comum, uma manifestação

¹⁰³ REDFIELD, Robert, **The little Community and Society**.

"humana". E, portanto, atemporal.

Um antigo exemplo de "crise de identidade na comunidade"

Muitos trabalhos acerca de crises da identidade coletiva estão geralmente ligados a questões atuais. São análises sobre a existência e estruturação das comunidades e da identidade coletivas frente a conceitos mais largamente utilizados atualmente – como "globalização" ou "sociedade da informação" (Castells, 2002). Esta análise "pós-moderna", no entanto, não impede encontrar um paralelo com os objetos tomados para a presente pesquisa – na qual um veículo de comunicação surgido pouco após o fim da Idade Média (o jornal) e uma comunidade de há quase um século, tal como exemplos de hoje, voltam-se para idéias ancestrais de "tradição" e "cultura". Este paralelo parece um bom exemplo de que crise de identidade coletiva não é um fenômeno necessariamente contemporâneo.

Quando Stuart Hall (2001) analisou aspectos das mudanças estruturais que vêm atingindo as sociedades desde o fim do século passado, destacou como um ponto fundamental desta análise: a constatação de que estas transformações "estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que nós próprios temos como sujeitos integrados", e aponta uma "crise de identidade" para os indivíduos. Para endossar a questão da crise, cita o crítico cultural Kobena Mercer, para quem "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza".

Por sua vez, Nestor Canclíni (2000) destaca que "a incerteza em relação ao sentido e ao valor da modernidade deriva não apenas do que separa nações, etnias e classes, mas também dos cruzamentos sócio-culturais em que o tradicional e o

moderno se misturam”¹⁰⁴. E, discorrendo sobre a descentralização cultural, aponta que “neste tempo de disseminação pós-moderna (...) também crescem as formas mais concentradas de acumulação de poder e de centralização transnacional de cultura que a humanidade conheceu”.

Nenhuma conclusão sob estas “constatações”, porém, seria possível sem antes levarmos em conta a observação de Eric Hobsbawm (2001): “A palavra ‘comunidade’ nunca foi utilizada de modo mais indiscriminado e vazio do que nas décadas em que as comunidades no sentido sociológico passaram a ser difíceis de encontrar na vida real [...] Homens e mulheres procuram por grupos a que poderiam pertencer, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo se move e se desloca, em que nada é certo”¹⁰⁵. E, sobre esta afirmação, vale ainda parafrasear a observação de Jock Young¹⁰⁶: “Precisamente quando a comunidade entra em colapso, a identidade é inventada”.

Esta assertiva pode ser parafraseada, considerando os objetos da presente pesquisa como antigos exemplos de “crise de identidade na comunidade”. O *Nachrichten* e/ou os seus leitores, tudo indica, também seguiram esta “rota”. E, em tempos de guerra, também fizeram o caminho inverso: quando a identidade coletiva entrou em crise, tentou-se reinventar a comunidade. Mas sem sucesso.

¹⁰⁴ CANCLÍNI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**.

¹⁰⁵ HOBBSAWM, Eric & Ranger, Terence (org.) **A invenção das tradições**.

¹⁰⁶ apud BAUMAN, op.cit.: 20

Capítulo 5

Conclusão

Sob uma óptica contemporânea, o *Nachrichten* pode ser visto como um exemplo extremo e contrastante sob vários aspectos. Extremo porque original, inusitado e, de certa forma, único. Contrastante porque anacrônico e, portanto, distante daquilo que hoje se constitui o cenário político de nossa sociedade. É igualmente distante dos papéis atualmente desenvolvidos pelos veículos de comunicação. A análise pretendida pela presente pesquisa, porém, encontra paralelos entre o papel do jornal e situações contemporâneas. E exemplos que se pretendem viáveis – quiçá úteis – para auxiliar na compreensão das relações entre a mídia e processos políticos. Trata-se aqui de objetos sem equivalentes nos dias de hoje?

Com efeito, as sociedades mudaram. E a instituição jornal, seu reflexo, atualmente encontra um cenário bastante diferenciado dos primeiros anos do século XX. Seu poder de penetração junto à opinião pública, numa era já marcada pela televisão e pela internet, modificou-se radicalmente. Mesmo os veículos que se pretendem “comunitários” sobrevivem num contexto em que a viabilidade empresarial, não raro, fala mais alto que os objetivos da informação ou formação de opinião pública. Mas a instituição jornal ainda prossegue como um elemento importante na composição das sociedades – e, portanto, com destacado papel no campo da Comunicação Social.

Além disso, vale ressaltar que os objetos aqui avaliados guardam vínculo com as *interações* entre os veículos de comunicação social e seu público. Ou seja: são relações atemporais. Sob esta visão, a da relação jornal-leitores, algumas conclusões são pertinentes:

1) O *Nachrichten* surge como um exemplo extremo na medida em que seu público (equivalente à sua razão de ser ou, se possível, à sua identidade como veículo) distancia-se do corpo social. É extremo também pelas circunstâncias impostas no seu tempo de “vida” – um tempo marcado pela guerra e pelas conseqüentes mudanças dos papéis representados pelo público a que se destinava perante a sociedade. Mudanças que se refletiram no papel político do veículo.

2) Como tal, era a “arena”, espaço simbólico para o constante questionamento acerca dos valores que compunham a identidade coletiva do público a que se destinava. Esta discussão acentuou-se na medida que a representação do papel político do público se alterou. Mas o jornal manteve-se constante em querer afirmar esta identidade, seja tentando estabelecer (ainda que de maneira subjetiva) uma efetiva vinculação a um estado estrangeiro; seja destacando os elementos constitutivos de um “teuto-brasileirismo” politicamente ativo; seja assumindo-se como a alternativa crível a seus leitores, frente a uma imprensa nacional vinculada aos adversários da Alemanha. É até possível depreender incongruência nestas estratégias – mas não é possível negar que elas baseiam-se num esforço constante de constituição da identidade coletiva. Somente uma estreita vinculação entre veículo e leitores poderia permitir tais reflexos de uma posição social (ou política) nas páginas de um jornal.

3) A identificação do vínculo entre veículo de comunicação e determinado público é um fenômeno comum. E na história da imprensa brasileira há inúmeros casos de jornais que foram empastelados e deixaram de circular após serem atacados, por serem “inimigos da sociedade”. Nestes casos, quase sempre, o ataque a um jornal estava ligado a questões políticas, onde o veículo refletia e veiculava um pensamento adversário ou, de alguma maneira, transgressor. Também foi assim com o *Nachrichten*, à exceção de um detalhe: no passado, outras vítimas do cerceamento da liberdade de expressão (nestas formas de violência), em geral o foram devido ao que

informavam, pelo que noticiavam. O *Nachrichten*, que os brasileiros sequer queriam e/ou poderiam ler, foi empastelado apenas pelo que simbolizava. Ou, mais simplesmente, pelo que *era*.

4) A posição política do *Nachrichten*, portanto, definiu-se, sempre, a partir do papel político (ainda que simbólico) do seu público. Só exerceu um papel “partidário” na medida em que ser ou não ser “alemão” passou a ser um ato político relevante para a sociedade. O “teuto-brasileirismo”, que até então definia um círculo cultural cuja participação não era determinada pela nacionalidade de seus membros (mas por uma questão de origem familiar), passa a surgir como a alternativa política conciliatória: para o *Nachrichten*, nem mesmo o rompimento diplomático entre Brasil e Alemanha era motivo para abandonar a identidade alemã. Mesmo nestas difíceis circunstâncias, não era necessário ser “apenas” ou absolutamente brasileiro. Seus leitores não deveriam ocultar a “transgressão” de ser (ou de querer ser) estrangeiro. Ainda era possível (senão necessário) ser teuto-brasileiro, era preciso resguardar o *direito* de ser teuto-brasileiro.

5) Com o fim da guerra, todas as instituições ligadas à comunidade germânica em Petrópolis reabriram as portas, à exceção do *Nachrichten*. Nenhum outro jornal surgiu para substituí-lo. A comunidade e a identidade teuto-brasileira que se tentava construir através das páginas do jornal foram um projeto não concluído.

6) Um veículo que não transige com sua identidade política – nem mesmo quando esta identidade é sua condenação: eis um papel inconcebível para jornais noticiosos contemporâneos. Até porque, supostamente baseados nos critérios de isenção e imparcialidade, nossos jornais informativos pretendem-se apolidários – apesar de os leitores saberem que as empresas de comunicação que os sustentam seguem meticulosamente as regras ditadas pelo poder econômico e pelas disputas de poder.

A partir desta análise, talvez a história do *Nachrichten*, portanto, não seja tão “anacrônica”. Seu exemplo de identificação com o público, uma identificação levada ao extremo, não encontra paralelo absoluto com a realidade dos veículos de comunicação de hoje em dia. Mas é um exemplo positivo, adaptável, na medida que as empresas e, principalmente, os jornalistas, abandonem a visão de um leitor estereotipado, enxergado apenas no significativo termo “público-alvo”.

A história do *Nachrichten* é um exemplo de identificação jornal-leitores útil na medida em que o jornalista, como ser político, não se veja apenas na condição de “elaborador” do veículo – mas, também, como leitor, como agente integrante deste mesmo público, sujeito às mesmas posições políticas que seu jornal sustenta ou critica. A história do *Nachrichten* é um exemplo de que o jornalismo e as redações não estão “à parte” do processo social: os jornalistas não têm de ser obrigatoriamente apenas os alheios observadores da sociedade – meros espectadores e narradores do que nela acontece e dela pondo-se à parte. Afinal, jornais e jornalistas são, antes de tudo, uma expressiva *parte* desta sociedade. E, como tal, podem – e devem – agir e identificar-se.

Referências Bibliográficas

- ALBERSHEIM, Ursula. *Uma comunidade teuto-brasileira*. Jarim: MEC/Inep, 1962.
- ALVES FILHO, Aluizio. A América Latina na Folha e no Clarín: Um estudo sobre a construção da identidade da América Latina nos Noticiários dos Jornais a Folha de São Paulo e o Clarín de Buenos Aires. Tese de doutorado. Orientadora: Dr^a. Lia Zanotta Machado. Brasília: UnB, 1996
- BAHIA, Juarez. *A história do jornalismo*. Rio de Janeiro: Martins, 1967.
- _____. *Jornalismo, Informação, Comunicação*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- BARROS, José D'Assunção Barros. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar*. Brasília: UNB, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BOUGNOUX, Daniel. *Comunicação: introdução às Ciências da Informação e da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CANCLÍNI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COSTA, Sérgio Corrêa da. *Brasil, segredo de Estado*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- D'ADESKY, Jacques. *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- DINES, Alberto. *O papel do jornal*. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.
- DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. Lisboa: Difel, 1975.
- DUNLOP, Charles. *As origens de Petrópolis*. In: *Petrópolis antigamente*. Rio de Janeiro: Erca, 1986.
- ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- ELSTER, Jon. *Peças e Engrenagens das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 1994.
- FERREIRA, Oazinguito. *Historiografia da imprensa petropolitana – coletânea de artigos sobre a história dos principais jornais de Petrópolis*. Acervo da Biblioteca Municipal de Petrópolis.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: IHS, 1974.
- FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 39^a Ed. São Paulo: Record, 2000.

FREITAS, Mário. *Alguns fatos históricos da antiga Deutscher Saengerbund Eintracht, fundada em 17 de agosto de 1863, pelo professor Friedrich Stroele, atualmente denominada Sociedade Coral Concórdia*. Acervo particular.

FRÓES, Gabriel Kopke. *A Imprensa em Petrópolis*. Petrópolis: IHP, 1997.

_____ *A imigração alemã em Petrópolis*. Petrópolis: IHP, 1997.

GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____ *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____ et RANGER, Terence (org.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque, *Raízes do Brasil*. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HORCH, Rosemarie Érika. "A influência da imigração alemã no desenvolvimento da cultura brasileira". In: *150 anos da Colonização Alemã em Petrópolis – Anais do Colóquio e artigos publicados sobre a imperial colônia de Petrópolis*. Petrópolis: IHP/UCP, 1995.

IÑIGUEZ, Lupicínio (org.). *Manual de análise do discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004.

IPANEMA, Marcelo. "A imprensa em Petrópolis". Palestra realizada no Centro de Cultura de Petrópolis em 14 de outubro de 1977.

_____ e IPANEMA, Cibelle. *História da Comunicação*. Brasília: UnB, 1967.

JOHANN, Ernst. *Reden des Kaisers – Ansprachen, Predigten und Trinksprüche Wilhelms II*. Munique: Deutscher Taschenbuch, 1966.

KRÜGER, Helmuth Ricardo. "Notas sobre a identidade teuto-brasileira". In: *150 anos da Colonização Alemã em Petrópolis – Anais do Colóquio e artigos publicados sobre a imperial colônia de Petrópolis*. Petrópolis: IHP/UCP, 1995.

_____ Identidade étnica, identidade transcultural e transnacionalismo. *150 anos da Colonização Alemã em Petrópolis – Anais do Colóquio e artigos publicados sobre a imperial colônia de Petrópolis*. Petrópolis: IHP/UCP, 1995.

KUNCKIC, Michel. *Conceitos de Jornalismo*. São Paulo: Edusp, 2002.

LANDES, David S. *Riqueza e pobreza das nações - Por que algumas são tão ricas e outras são tão pobres*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

MAUCH, Claudia; VASCONCELOS, Naira (orgs.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ulbra, 1994.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. *The Medium is the Message: An Inventory of Effects*. Harmondsworth: Penguin, 1967.

MIRANDA, Orlando de. *Para ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.

- MONTEIRO, Rui. *Eleições municipais em Petrópolis (1922-1989)*. Petrópolis: Gráfica Serrana, 1990.
- MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Europa-América, 1983.
- NOVAIS, Fernando *et al.* *História da Vida Privada no Brasil*. tomo 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- OLIVEIRA VIANNA, F. J. de. *Populações Meridionais do Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.
- POLLAK, M. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, nº 10, CP/DOC FGV, 1992.
- PRADO JR. Caio. *História Econômica do Brasil*. 20ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- PUNKGERS, F.W. *Historischer Atlas*. Berlim: Verlengen & Klasing Bielefeld und Leipzig, 1940.
- PY, Aurélio da Silva. *A 5ª Coluna no Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1942.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SEINTENFUSS, Ricardo. *O Brasil vai à Guerra*. 3ª Ed. Barueri: Manole, 2003.
- SEYFERTH, Giralda. *Colonização, imigração e a questão racial no Brasil*. São Paulo: USP, 2002.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SORIANO, Raúl Rojas. *Manual de Pesquisa Social*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- TAUNAY, Carlos. "Viagem Pitoresca a Petrópolis". Rio de Janeiro: Laemmert, 1862. In: *Cidade de Petrópolis - Reedição de quatro obras raras – Anuário do Museu Imperial – Edição comemorativa*. Petrópolis: Museu Imperial, 1995.
- TCHAKOTINE, Serge. *Mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidad y Sociedad*. Buenos Aires, Losada, 1947.
- VASCONCELOS, Francisco de. "Vicissitudes da Imperial Colônia de Petrópolis". In: *150 anos da Colonização Alemã em Petrópolis – Anais do Colóquio e artigos publicados sobre a imperial colônia de Petrópolis*. Petrópolis: IHP/UCP, 1995.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Dicionários e enciclopédias:

- Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: FGV, 1985
- Dicionário de Comunicação. Rio de Janeiro: Codecri, 1982
- Der Deutsche Brockhaus. Leipzig: Brockhaus, 1929-1935
- Meyers Lexicon. Berlim: Meyer, 1911-1917

Jornais:

- Correio da Manhã (1916-1917) – Acervo da Biblioteca Municipal de Petrópolis

Diário de Petrópolis (1916-1917) – Acervo da Biblioteca Municipal de Petrópolis

Nachrichten (1911-1917) – Acervo da Biblioteca Municipal de Petrópolis

Tribuna de Petrópolis (1916-1917) – Acervo da Biblioteca Municipal de Petrópolis e da Biblioteca do Museu Imperial.

ANEXOS

Mapas

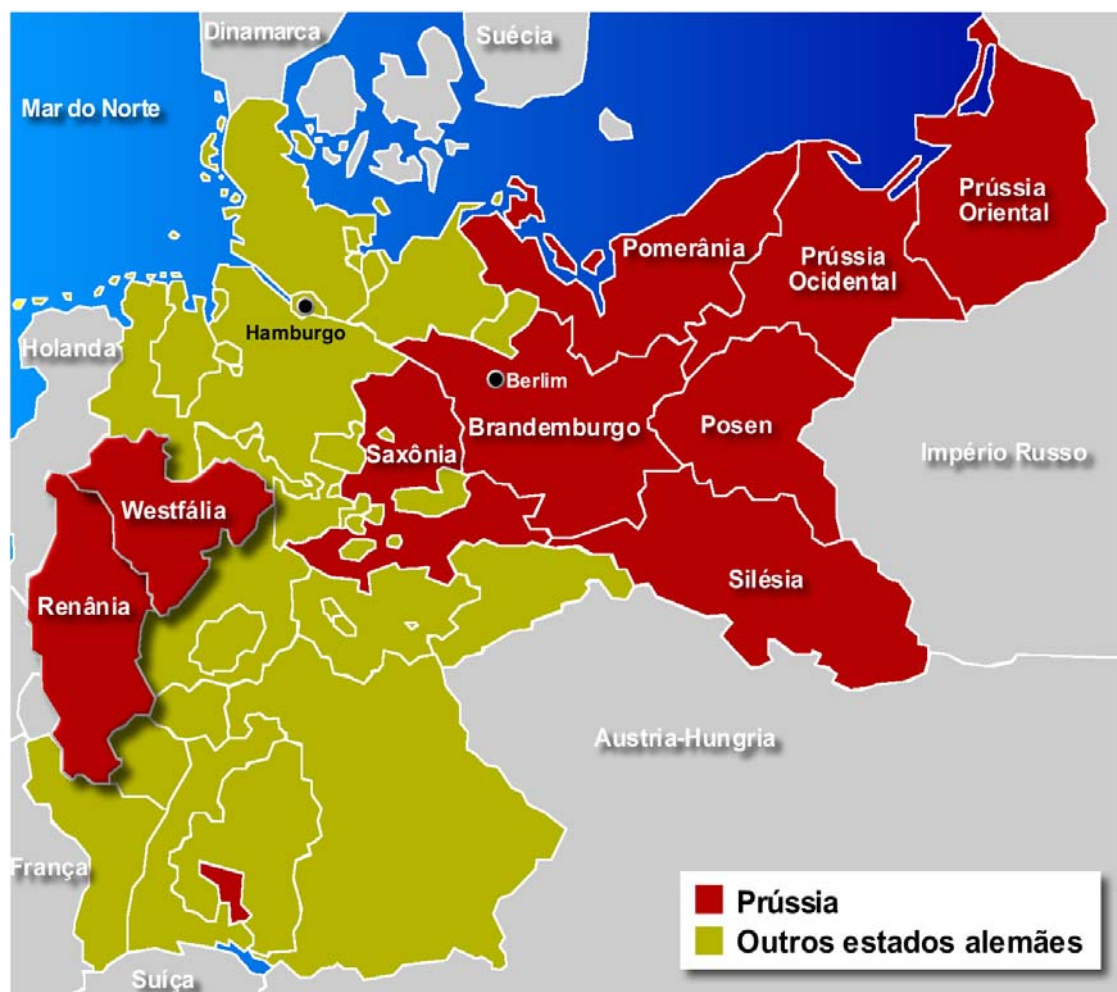
Mapa 1 - Planta de Petrópolis, de Julio Frederico Koeler (1846) e as referências à Alemanha na nomenclatura dos bairros



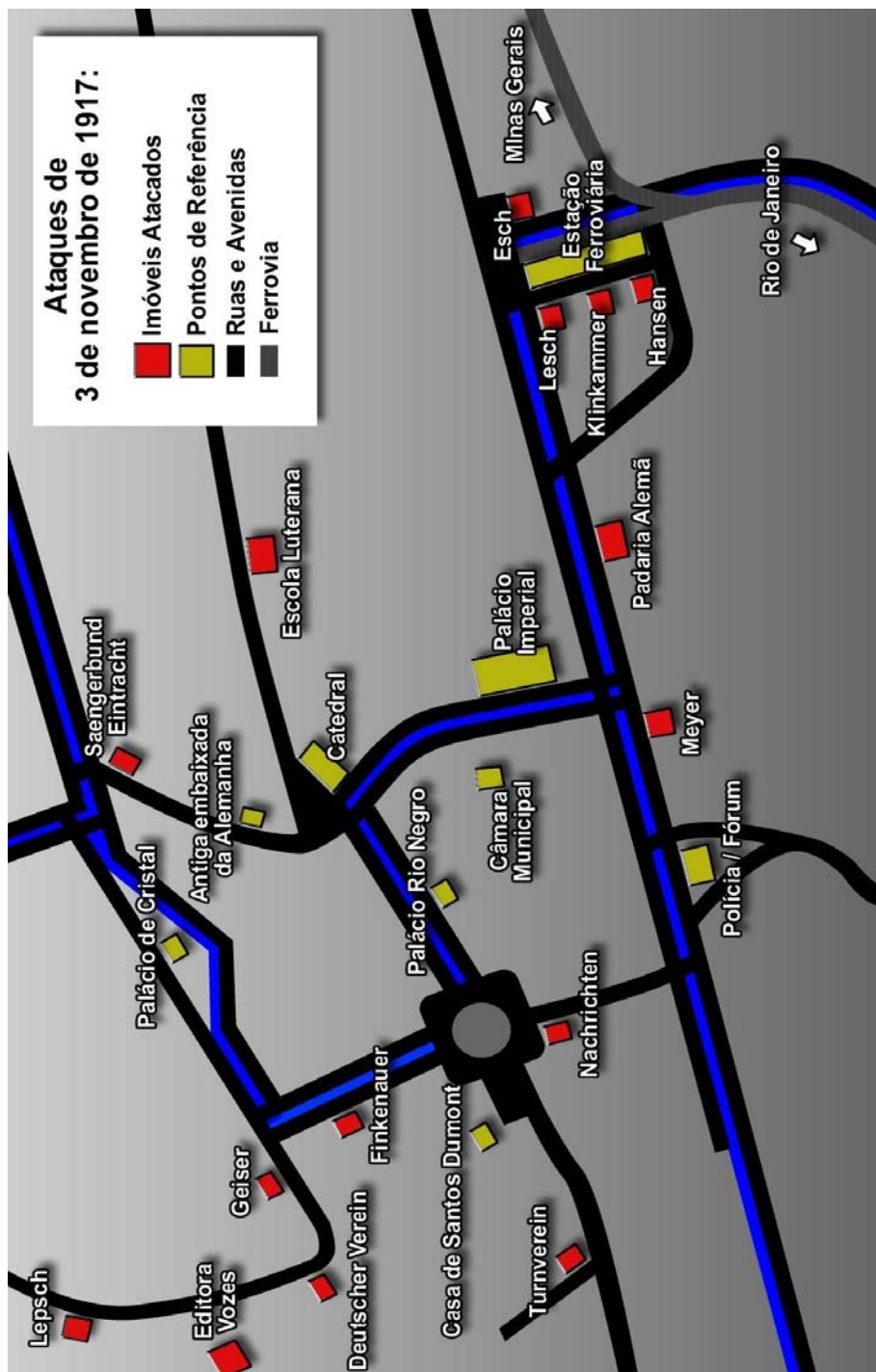
Mapa 2 – A região da Renânia-Westfália



Mapa 3 - A Alemanha antes da unificação de 1871



Mapa 4 - Reconstituição da manifestação nacionalista em 3 de novembro de 1917



Gráficos

Gráfico I

Período I – agosto de 1911 a agosto de 1914

Noticiário quanto ao tema (em %)

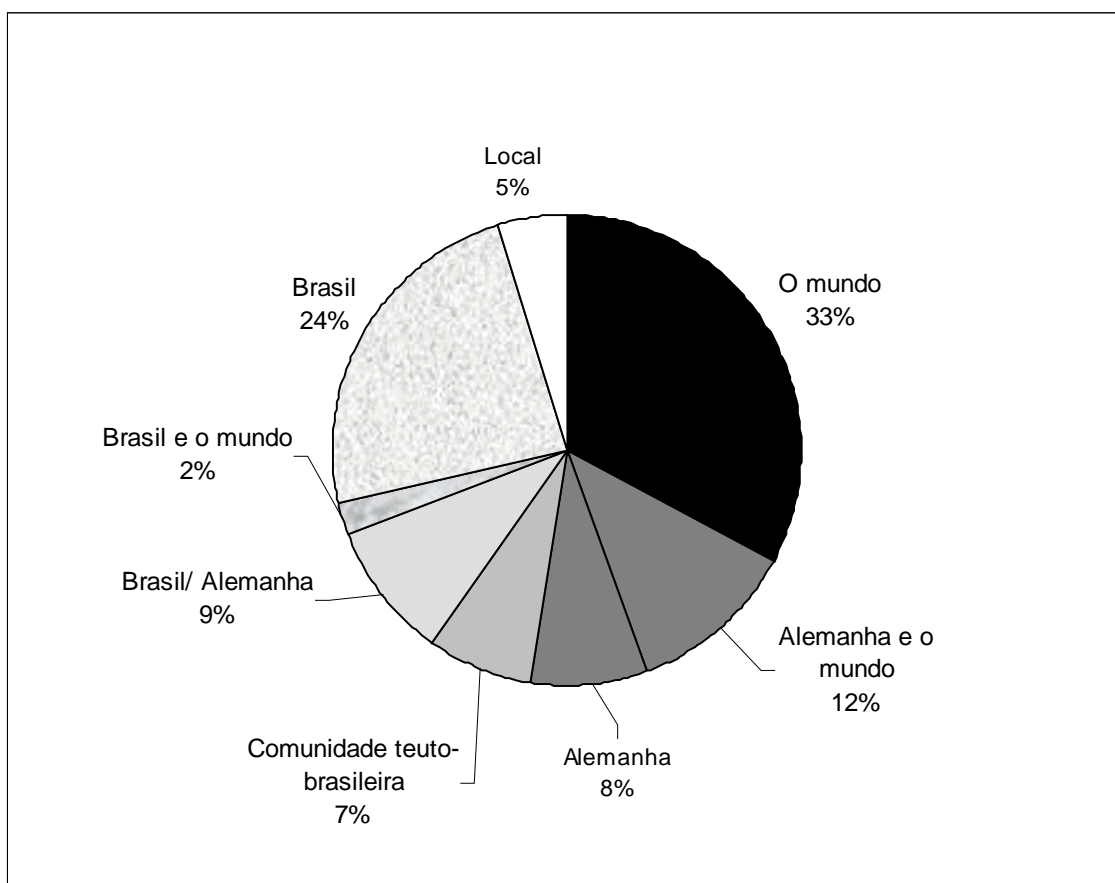


Gráfico II

Período I – setembro de 1911 a maio de 1917

Noticiário quanto ao tema (em %)

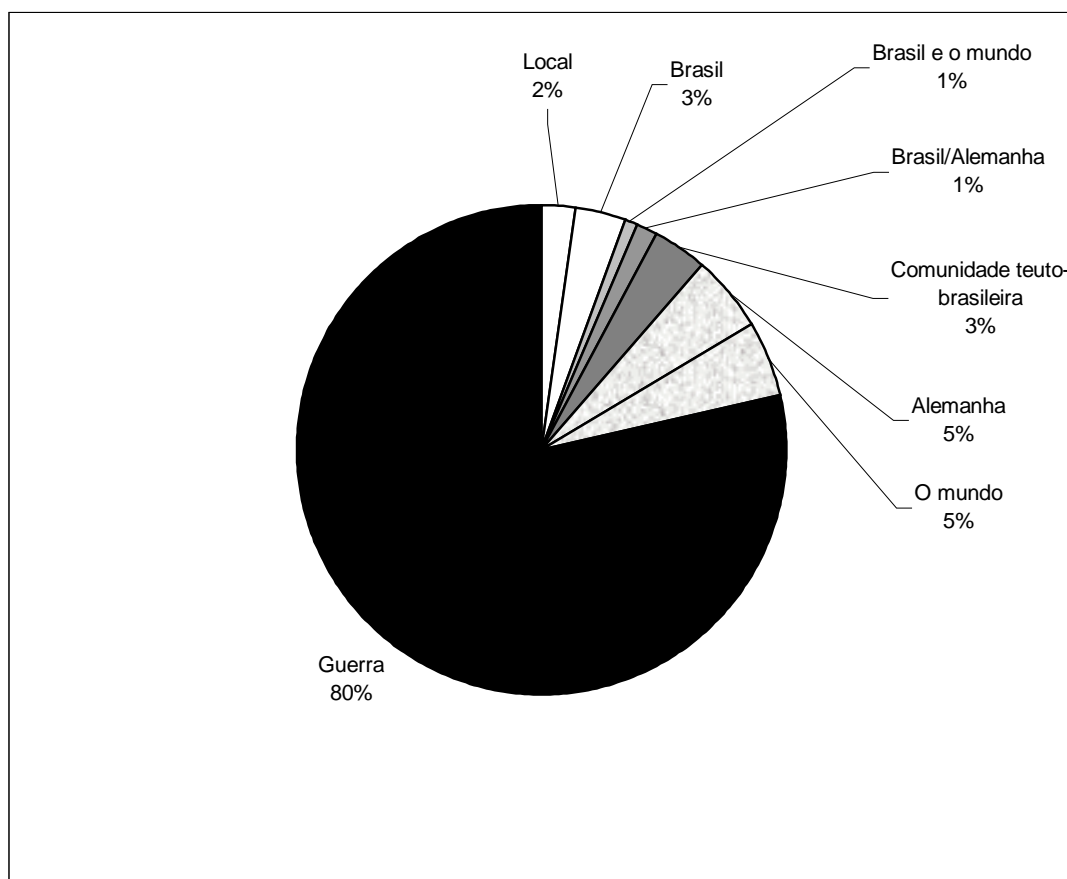
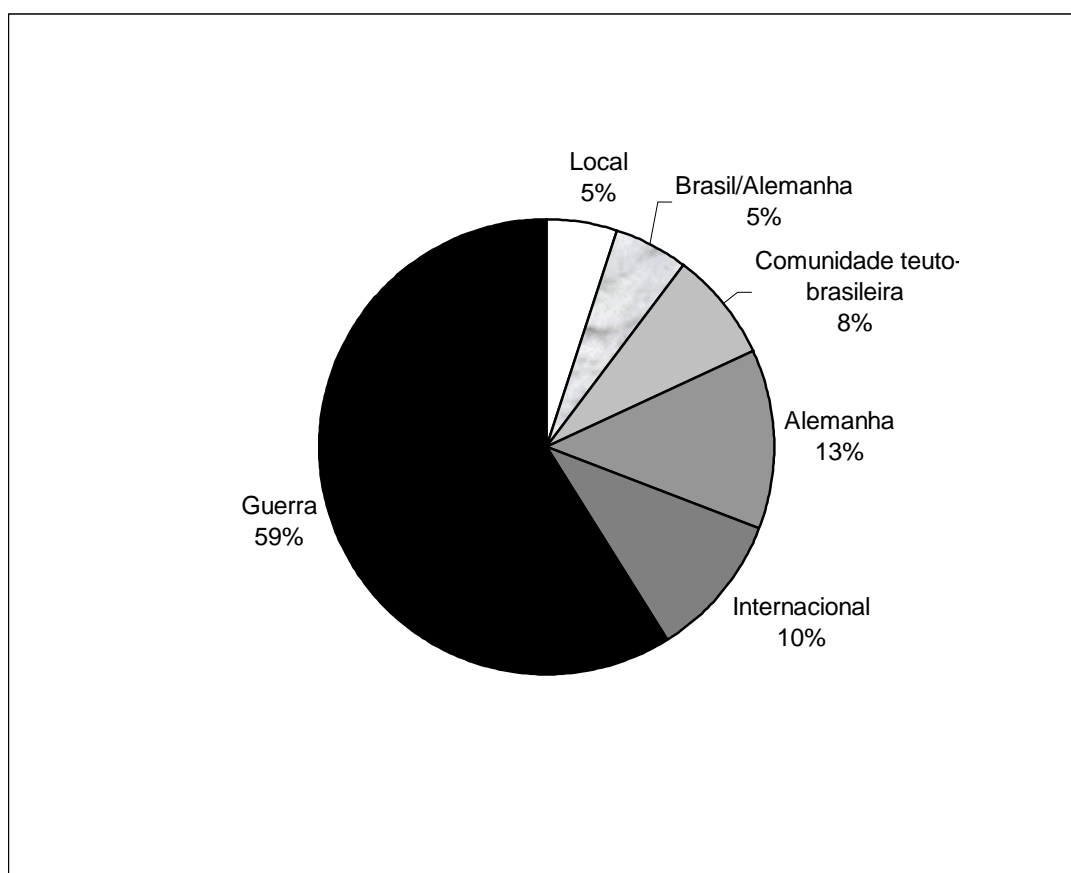


Gráfico III

Período III – junho a outubro de 1917

Noticiário quanto ao tema (em %)



Tabelas

Tabelas I

Período I – Agosto de 1911 a julho de 1914

Matéria principal de cada edição, quanto ao tema:

Notícia	Política	Não Política	Total
<i>Internacional</i>	48	35	83
<i>Brasil</i>	51	10	61
<i>Alemanha/ Internacional</i>	24	6	30
<i>Brasil/Alemanha</i>	12	12	24
<i>Alemanha</i>	13	7	20
Comunidade teuto-brasileira	17	2	19
Local	7	5	12
<i>Brasil/Internacional</i>	5	0	5
<i>Total</i>	177	77	254

Período I – Ano a ano:

1911 – Agosto a dezembro

	Política	Não Política	Total
<i>Local</i>	2	2	4
<i>Brasil</i>	3	0	3
<i>Brasil/Internacional</i>	0	0	0
<i>Brasil/Alemanha</i>	3	2	2
<i>Comunidade teuto-brasileira</i>	0	0	0
<i>Alemanha</i>	1	0	1
<i>Alemanha/ Internacional</i>	8	0	8
<i>Internacional</i>	7	1	8

1912 – Janeiro a dezembro

	Política	Não Política	Total
<i>Local</i>	3	1	4
<i>Brasil</i>	23	2	25
<i>Brasil/Internacional</i>	3	0	3
<i>Brasil/Alemanha</i>	4	5	9
<i>Comunidade teuto-brasileira</i>	4	0	4
<i>Alemanha</i>	6	4	10
<i>Alemanha/ Internacional</i>	6	4	10
<i>Internacional</i>	17	16	33

1913 – Janeiro a dezembro

	Política	Não Política	Total
<i>Local</i>	0	2	2
<i>Brasil</i>	18	4	22
<i>Brasil/Internacional</i>	1	3	4
<i>Brasil/Alemanha</i>	4	6	10
<i>Comunidade teuto-brasileira</i>	11	1	12
<i>Alemanha</i>	4	2	6

<i>Alemanha/ Internacional</i>	7	1	8
<i>Internacional</i>	18	12	30

1914 – Janeiro a agosto

	Política	Não Política	Total
<i>Local</i>	2	0	2
<i>Brasil</i>	7	2	9
<i>Brasil/Internacional</i>	1	0	0
<i>Brasil/Alemanha</i>	5	2	7
<i>Comunidade teuto-brasileira</i>	2	1	3
<i>Alemanha</i>	2	1	3
<i>Alemanha/ Internacional</i>	3	4	8
<i>Internacional</i>	18	6	24

Tabelas II

Período II – Agosto de 1914 a maio de 1917

Matéria principal de cada edição, quanto ao tema:

Notícia	Política	Não Política	Total
<i>Guerra</i>	181	-	181
<i>Internacional</i>	11	4	15
<i>Alemanha</i>	0	12	12
<i>Comunidade teuto-brasileira</i>	8	4	12
<i>Brasil</i>	8	1	9
<i>Local</i>	5	2	7
<i>Brasil/Alemanha</i>	3	0	3
<i>Brasil/Internacional</i>	2	0	2
<i>Total</i>	177	77	254

Período II – Ano a ano

1914 – Setembro a dezembro

	Política	Não Política	Total
Local	0	0	1
Brasil	2	0	2
Brasil/Internacional	1	0	1
Brasil/Alemanha	0	0	0
Comunidade teuto-brasileira	2	1	3
Alemanha	0	0	0
Internacional	2	1	3
Guerra	13		13

1915 – Janeiro a dezembro

	Política	Não Política	Total
Local	1	0	1
<i>Brasil</i>	1	1	2
<i>Brasil/Internacional</i>	1	0	1
<i>Brasil/Alemanha</i>	0	0	0

<i>Comunidade teuto-brasileira</i>	3	2	5
<i>Alemanha</i>	9	0	9
<i>Internacional</i>	4	1	5
<i>Guerra</i>	64		64

1916 – Janeiro a dezembro

	Política	Não Política	Total
Local	3	2	5
<i>Brasil</i>	3	0	3
<i>Brasil/Internacional</i>	0	0	0
<i>Brasil/Alemanha</i>	0	0	0
<i>Comunidade teuto-brasileira</i>	3	1	4
<i>Alemanha</i>	2	0	0
<i>Internacional</i>	4	2	6
<i>Guerra</i>	81		

1917 – Janeiro a maio

	Política	Não Política	Total
Local	1	0	1
<i>Brasil</i>	2	0	2
<i>Brasil/Internacional</i>	0	0	1
<i>Brasil/Alemanha</i>	3	0	3
<i>Comunidade teuto-brasileira</i>	0	0	0
<i>Alemanha</i>	1	0	1
<i>Internacional</i>	1	0	1
<i>Guerra</i>	23		23

Tabela III

Período III – maio a outubro de 1917

Matéria principal de cada edição, quanto ao tema:

Notícia	Política	Não Política	Total
Guerra	23	-	23
Alemanha	5	0	5
Internacional	4	0	4
Comunidade teuto-brasileira	3	0	3
Brasil/Alemanha	2	0	2
Local	2	0	2
Brasil/Internacional	0	0	0
Brasil	0	0	0
Total	39	0	39

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)